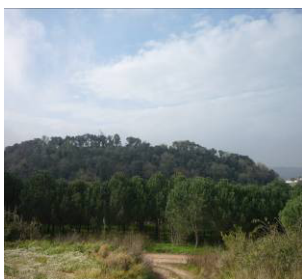
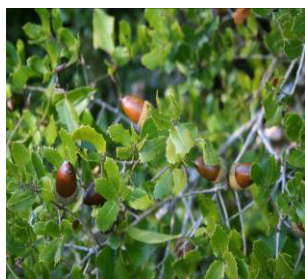


Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios (PMDFCI)

Caderno I Diagnóstico – Informação Base



Torres Vedras
.....
Câmara Municipal



INTRODUÇÃO

Para uma abordagem coerente ao problema dos incêndios florestais a nível municipal é necessário um diagnóstico que caracterize as condições de ocorrência deste fenómeno. Nesse sentido, o Caderno I do PMDFCI constitui uma base de informação, que traduz o diagnóstico específico do município e que irá servir de apoio à decisão relativamente às propostas apresentadas no Caderno II.

O Diagnóstico descreve o território municipal com base na análise e relação da caracterização física, climática, da população, da ocupação do solo e zonas especiais e análise do histórico dos incêndios florestais, relacionando estes parâmetros com a problemática dos incêndios florestais.

ÍNDICE

ÍNDICE	3
ÍNDICE DE FIGURAS	5
ÍNDICE DE QUADROS	7
ÍNDICE DE MAPAS.....	8
ACRÓNIMOS.....	9
1.CARACTERIZAÇÃO FÍSICA	10
1.1. Enquadramento Geográfico do concelho de Torres Vedras	10
1.2. Hipsometria	12
1.3. Declive	14
1.4. Exposição	16
1.5. Hidrografia	18
2.CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA	20
2.1. Temperatura do Ar	20
2.2. Humidade Relativa do Ar	22
2.3. Precipitação	23
2.4. Vento.....	25
3.CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO	27
3.1. População Residente Total e Densidade Populacional	27
3.2. Índice de Envelhecimento	29
3.3. População Residente segundo o Setor de Atividade	31
3.4. Taxa de Analfabetismo.....	33
3.5. Romarias e Festas.....	35
4.CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS	40
4.1. Ocupação do Solo	40

4.2.	Povoamentos Florestais	45
4.3.	Áreas Protegidas, Rede Natura 2000 e Regime Florestal	48
4.4.	Instrumentos de Planeamento Florestal	50
4.5.	Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca	53
5.	ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS	59
5.1.	Área Ardida e Numero de Ocorrências - Distribuição Anual	60
5.2.	Área Ardida e Ocorrências - Distribuição Mensal	68
5.3.	Área Ardida E Ocorrências - Distribuição Semanal	70
5.4.	Área Ardida E Ocorrências - Distribuição Diária	72
5.5.	Área Ardida E Ocorrências - Distribuição Horária	74
5.6.	Área Ardida Em Espaços Florestais	75
5.7.	Área Ardida E Ocorrências Por Classes De Extensão	77
5.8.	Pontos De Início E Causas.....	78
5.9.	Fontes De Alerta	80
5.10.	Grandes Incêndios - Distribuição Anual	82
5.11.	Grandes Incêndios - Distribuição Mensal	85
5.12.	Grandes Incêndios - Distribuição Semanal.....	86
5.13.	Grandes Incêndios - Distribuição horária	87

Anexo I - Cartografia

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição dos valores médios mensais da temperatura média e máxima e valores máximos, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.	21
Figura 2. Distribuição valores médios mensais da humidade relativa do ar às 9 e 18h, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.	22
Figura 3. Valores mensais de precipitação e máximas diárias, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.	24
Figura 4. Distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.	62
Figura 5. Distribuição da área ardida e do número de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2008-2012, por freguesia no concelho de Torres Vedras.	64
Figura 6. Distribuição da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2008-2012 por espaços florestais em cada 100 hectares, por freguesia no concelho de Torres Vedras.	66
Figura 7. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média para o período 2001-2012, no concelho de Torres Vedras.	68
Figura 8. Distribuição semanal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média para o período 2001-2012, no concelho de Torres Vedras	70
Figura 9. Distribuição dos valores diários acumulados área ardida e número de ocorrências para o período 2001-2013, concelho de Torres Vedras.	72
Figura 10. Distribuição horária da área ardida e número de ocorrências para o período 2001-2013, no concelho de Torres Vedras.	74
Figura 11. Distribuição da área ardida por espaços florestais, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.	75
Figura 12. Distribuição da área ardida e n.º de ocorrências por classes de extensão, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.	77
Figura 13. Distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta, no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.	80

Figura 14. Distribuição do número de ocorrências por fonte e hora de alerta, no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013. 81

Figura 15. Distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios ($\geq 100\text{ha}$) no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013..... 83

Figura 16. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências dos grandes incêndios ($\geq 100\text{ha}$), no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013. 85

Figura 17. Distribuição semanal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios ($\geq 100\text{ha}$), no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013..... 86

Figura 18. Distribuição horária da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios ($> 100\text{ha}$), no concelho de Torres Vedras, no período 2001- 2013..... 87

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Área por freguesia do concelho de Torres Vedras.....	10
Quadro 2. Classes hipsométricas do concelho de Torres Vedras	13
Quadro 3. Classes de declives do concelho de Torres Vedras	15
Quadro 4. Classes de Exposições do concelho de Torres Vedras	17
Quadro 5. Médias mensais da frequência - f (%) e velocidade do vento - v (km/h), no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990, estação meteorológica de Dois Portos	26
Quadro 6. Romarias e Festas, do concelho de Torres Vedras.	36
Quadro 7. Uso e ocupação do solo, do concelho de Torres Vedras.	43
Quadro 8. Distribuição das espécies florestais, do concelho de Torres Vedras	47
Quadro 9. Pontos de Início e Causas dos Incêndios, de 2008 a 2013, por freguesia,	79
no concelho de Torres Vedras.	79
Quadro 10. Distribuição anual do número de grandes incêndios por classes de área, de 2008 a 2013, por freguesia, no concelho de Torres Vedras.....	84

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1- Enquadramento geográfico do concelho de Torres Vedras.....	11
Mapa 2 - Hipsometria do concelho de Torres Vedras.....	13
Mapa 3 - Declives do concelho de Torres Vedras.....	15
Mapa 4 - Exposições do concelho de Torres Vedras	17
Mapa 5 - Hidrografia do concelho de Torres Vedras	19
Mapa 6 - População Residente (1991, 2001 e 2011) e Densidade Populacional (2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.	29
Mapa 7 - Índice de Envelhecimento (1991, 2001 e 2011) e Evolução (1991 - 2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.....	30
Mapa 8 - População Residente por Setor de Atividade (2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.....	32
Mapa 9 - Taxa de Analfabetismo (1991, 2001 e 2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.....	34
Mapa 10 - Romarias e Festas, no concelho de Torres Vedras.....	35
Mapa 11 - Ocupação do Solo, no concelho de Torres Vedras.	43
Mapa 11 A - Espaços Florestais, no concelho de Torres Vedras.....	44
Mapa 12 - Povoamentos Florestais, no concelho de Torres Vedras.	46
Mapa 13 - Áreas Protegidas e Rede Natura 2000, no concelho de Torres Vedras.	50
Mapa 14 - Instrumentos de Planeamento Florestal, no concelho de Torres Vedras.....	52
Mapa 15 - Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca, no concelho de Torres Vedras.	58
Mapa 16 - Área Ardida, de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras.	61
Mapa 17 - Pontos Prováveis de Início e Causas dos Incêndios, de 2008 a 2013, no concelho de Torres Vedras.....	78
Mapa 18 - Grandes Incêndios (Área Ardida≥100ha) de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras.	82

ACRÓNIMOS

AML - Área Metropolitana de Lisboa

ANPC - Autoridade Nacional de Protecção Civil

APPSSA - Área de Paisagem Protegida das Serras do Socorro e Archeira

BVTV - Bombeiros Voluntários de Torres Vedras

CAOP - Carta Administrativa Oficial de Portugal

CDOS - Centro Distrital de Operações de Socorro

CEP - Convenção Europeia da Paisagem

CMDF - Comissão Municipal de Defesa da Floresta

COS 2007 - Carta de Ocupação do Solo de 2007

DFCI - Defesa da Floresta Contra Incêndios

DGT - Direcção Geral do Território

FLOREST - Associação de Produtores Agrícolas e Florestais da Estremadura

GTF - Gabinete Técnico Florestal

HAB - Habitantes

ICNF - Instituto de Conservação da Natureza e Florestas

LEE - Local Estratégico de Estacionamento

MTV - Município de Torres Vedras

NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PDDFCI - Plano Distrital de Defesa da Floresta Contra Incêndios

PEIF - Plano de Intervenção Florestal

PGF - Plano de Gestão Florestal

PMDFCI - Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios

PNDFCI - Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios

PROF - Plano Regional de Ordenamento Florestal

PSRN2000 - Plano Sectorial da Rede Natura 2000

SGIF - Sistema de Gestão de Informação de Incêndios Florestais

UF - União de Freguesias

ZIF - Zonas de Intervenção Florestal

ZCA - Zonas de Caça Associativa

ZCM - Zonas de Caça Municipal

ZCT - Zonas de Caça Turística

1. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE TORRES VEDRAS

O concelho de Torres Vedras localiza-se no distrito de Lisboa, encontrando-se delimitado a Norte pelo concelho da Lourinhã, a Nordeste pelo concelho do Cadaval, a Este pelo concelho de Alenquer, a Sul pelos concelhos de Sobral de Monte Agraço e Mafra e a Oeste pelo Oceano Atlântico. A sua área geográfica encontra-se inserida nas cartas militares nº 350, 361, 362, 374, 375, 388 e 389. Relativamente à Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), o concelho encontra-se inserido na região NUTS de nível II do Centro e na região NUTS de nível III do Oeste. Com uma área total de 407 km², o município subdivide-se administrativamente em 13 freguesias. No quadro 1 apresenta-se a distribuição da área municipal pelas respetivas freguesias.

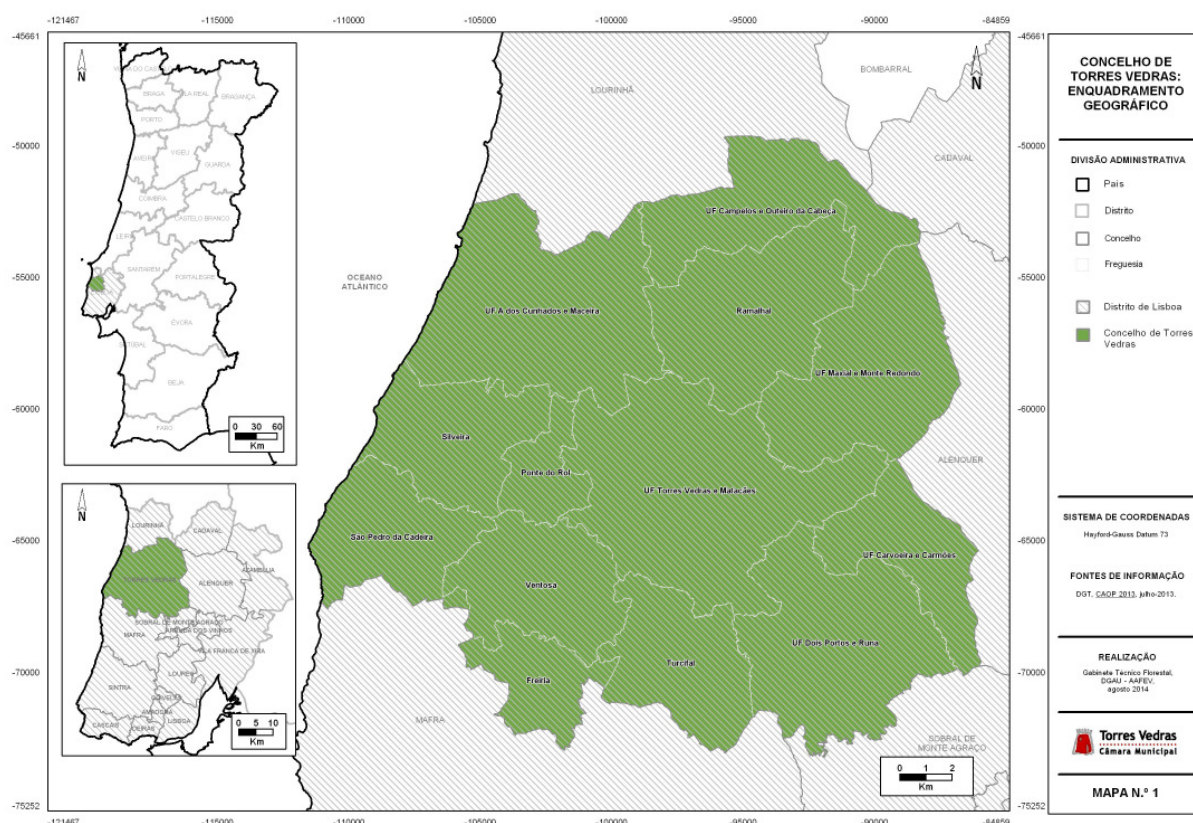
Quadro 1. Área por freguesia do concelho de Torres Vedras

FREGUESIA	ÁREA TOTAL			ORDEM DE GRANDEZA
	ha	Km ²	%	
Freiria	1343,3	13,4	3,3	12. ^a
Ponte do Rol	967,3	9,7	2,4	13. ^a
Ramalhal	3683,5	36,8	9,0	5. ^a
São Pedro da Cadeira	2385,2	23,9	5,9	10. ^a
Silveira	2496,8	25,0	6,1	8. ^a
Turcifal	2470,0	24,7	6,1	9. ^a
Ventosa	2598,1	26,0	6,4	7. ^a
UF A dos Cunhados e Maceira	5272,3	52,7	12,9	2. ^a
UF Campelos e Outeiro da Cabeça	2996,3	30,0	7,4	6. ^a
UF Carvoeira e Carmões	2096,8	21,0	5,1	11. ^a
UF Dois Portos e Runa	4322,6	43,2	10,6	3. ^a
UF Maxial e Monte Redondo	3838,6	38,4	9,4	4. ^a
UF Torres Vedras e Matacães	6244,1	62,4	15,3	1. ^a
Município	40714,9	407,1	100,0	

Fonte: DGT, CAOP 2013, julho-2013.

A freguesia com maior área é a UF de Torres Vedras e Matacães (15,3% da área total do Concelho), na qual se insere a cidade de Torres Vedras. A freguesia de Ponte do Rol é a que tem menor área, 2,4% dos 407 km².

No Mapa 1 (Anexo I) pode observar-se a localização do concelho de Torres Vedras e respetivas freguesias, assim como o seu enquadramento administrativo na região e em Portugal Continental.



Mapa 1- Enquadramento geográfico do concelho de Torres Vedras

Na lei orgânica do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), o concelho de Torres Vedras enquadra-se no Departamento da Conservação da Natureza e Florestas de Lisboa e Vale do Tejo. Relativamente à Autoridade Nacional de Protecção Civil (ANPC), o concelho de Torres Vedras reporta ao Centro Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Lisboa.

1.2. HIPSOMETRIA

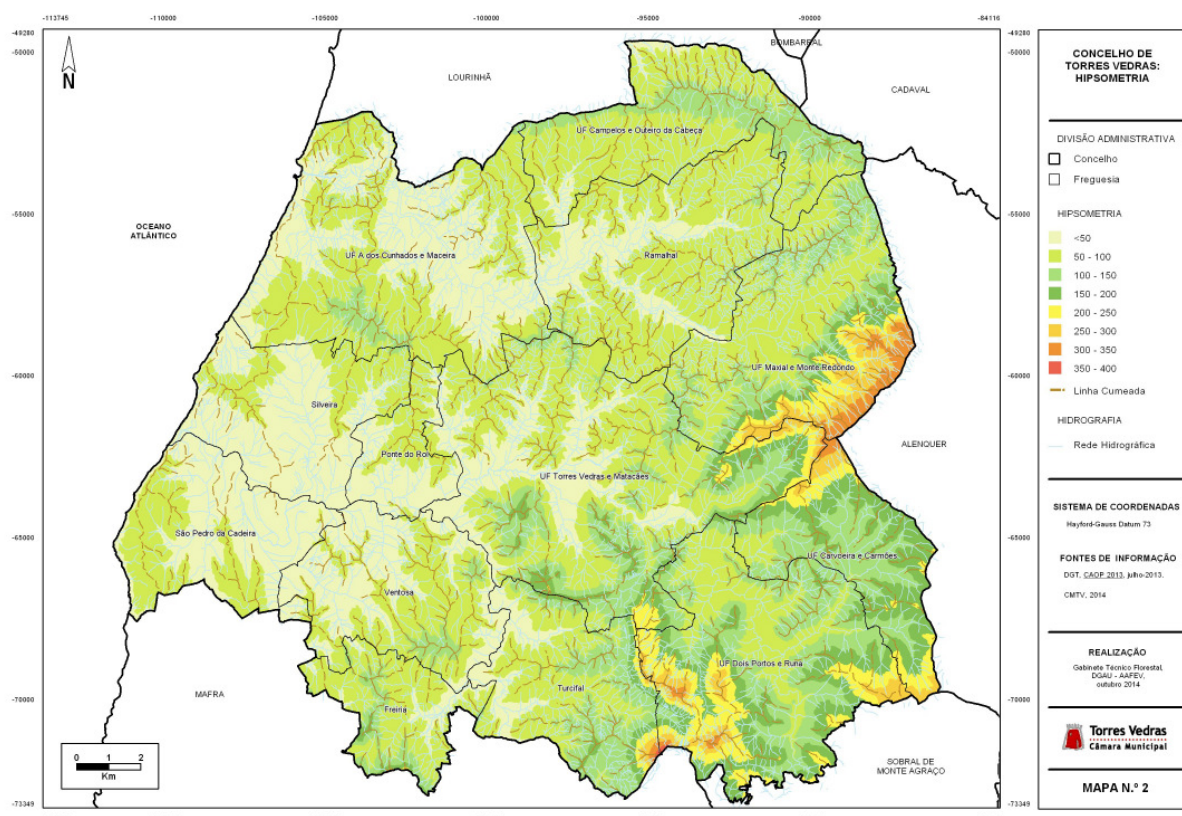
A hipsometria é definida pela agregação de zonas territoriais homogêneas no que se refere à altitude em relação ao nível médio do mar. A altimetria permite efetuar a avaliação do relevo da área em estudo e, posteriormente, executar um modelo digital de terreno.

O mapa hipsométrico do concelho de Torres Vedras (Mapa 2 do Anexo I) apresenta a repartição espacial da altitude em 8 classes, de 50 em 50 metros. A sua elaboração teve por base as curvas de nível equidistantes 10 metros.

A superfície terrestre do concelho vai desde a cota 0 à 395, correspondendo respetivamente ao nível do mar e ao topo da Serra do Socorro.

As cotas são mais elevadas na zona Sudeste do concelho, nomeadamente na UF de Dois Portos e Runa, UF Maxial e Monte Redondo, UF de Carvoeira e Carmões e Freguesia de Turcifal. As freguesias do litoral são as que apresentam menor variabilidade da hipsometria.

A classe hipsométrica dos 50 e os 100 metros é a mais representativa do território municipal (46,5%). De realçar que menos de 14 % do concelho tem cotas superiores aos 150 metros.



Mapa 2 - Hipsometria do concelho de Torres Vedras

Quadro 2. Classes hipsométricas do concelho de Torres Vedras

HIPSONETRIA	ÁREA (ha)	%
[0-50]	8903,91	21,87
[50-100]	18938,94	46,51
[100-150]	7493,04	18,40
[150-200]	2772,19	6,81
[200-250]	1461,38	3,59
[250-300]	816,87	2,01
[300-350]	320,52	0,79
[350-400]	9,08	0,02

A conjugação da altimetria com a utilização predominantemente florestal dos solos mais a norte do concelho cria uma barreira natural aos ventos predominantes da região Noroeste e, simultaneamente, à salsugem, distinguindo-se assim duas áreas de conforto ambiental dominantes: uma, a norte da linha Nordeste - Sudoeste que é caracterizada por vento de

maior velocidade e salsugem e, outra a sul daquela linha, caracterizada por vento de menor velocidade.

A altitude tem uma influência direta na temperatura e humidade dos combustíveis e, por conseguinte, no risco de ignição. Geralmente, nos locais de mais baixa altitude o risco de ignição é maior uma vez que, tendencialmente, a temperatura é mais elevada e a humidade dos combustíveis é menor, embora a propagação dos incêndios seja mais rápida e o combate mais difícil nos locais com grande variação de altimetria.

De referir ainda que as zonas de maior altitude têm a vantagem de serem ótimos locais estratégicos de estacionamento (LEE) para a vigilância, caso se conjugue com as condições orográficas adequadas.

1.3. DECLIVE

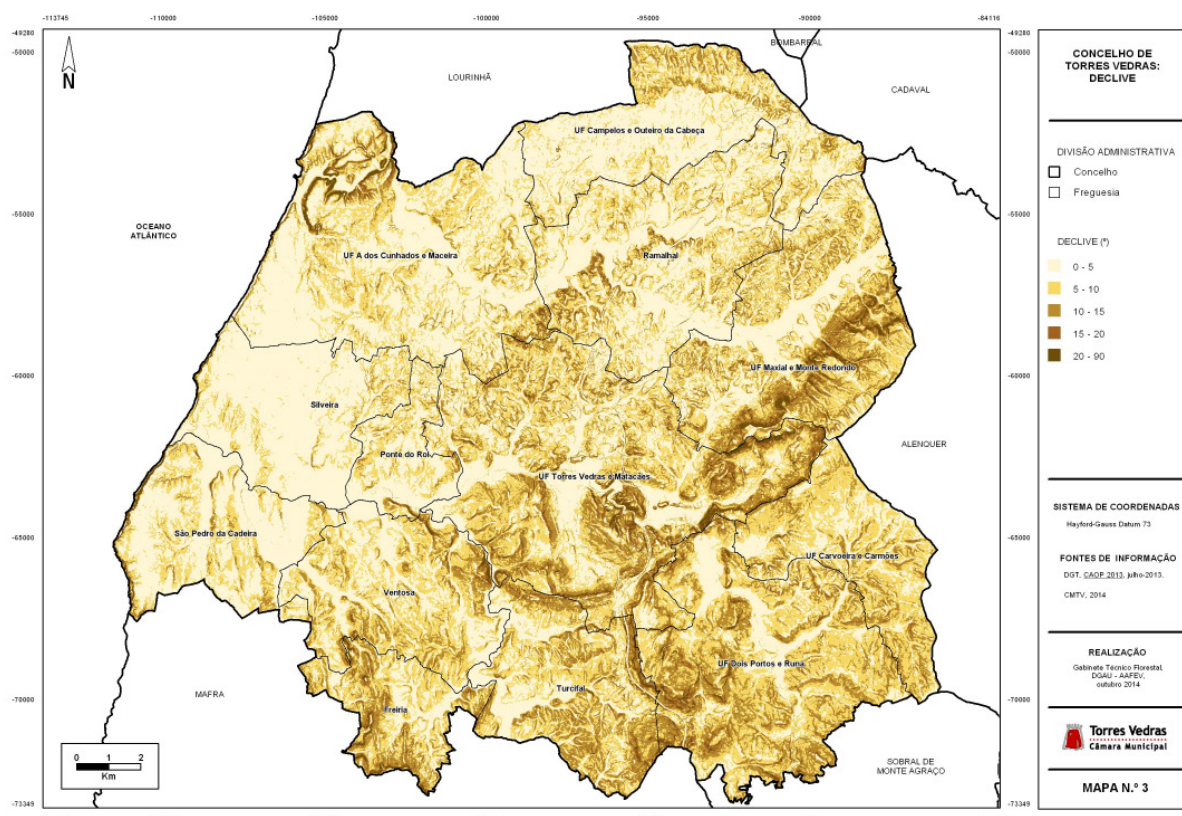
O declive traduz a inclinação do terreno relativamente a um plano, representando a variação da altimetria. É um dos parâmetros fisiográficos mais importantes em termos de DFCl.

No Mapa 3 do Anexo I, são apresentados os declives em graus (°) no concelho de Torres Vedras, diferenciados em 5 classes:

- [0-5] - Áreas Planas,
-]5-10] - Declive baixo a moderado,
-]10-15] - Declive moderado
-]15-20] - Declive moderado a alto
- >20 - Declive alto.

O concelho de Torres Vedras apresenta essencialmente declives baixos, sendo que cerca de 73% da sua área tem inclinações inferiores a 10°.

Na UF A dos Cunhados e Maceira e a sudeste de uma linha imaginária, entre freguesia da Ventosa e UF Maxial e Monte Redondo, situam-se as áreas mais declivosas do concelho.



Mapa 3 - Declives do concelho de Torres Vedras

Quadro 3. Classes de declives do concelho de Torres Vedras

DECLIVE (°)	ÁREA (ha)	%
0-5	16158,05	39,7%
5-10	13461,26	33,1%
10-15	6648,29	16,3%
15-20	2565,69	6,3%
> 20	1882,38	4,6%

O declive é um fator preponderante na determinação do risco de incêndio, uma vez que exerce uma influência considerável sobre a velocidade de propagação do fogo. As correntes de vento ascendentes e a inclinação natural das chamas sobre os combustíveis facilitam a transferência de energia por radiação na frente de fogo.

O aumento da velocidade de propagação do fogo em zonas declivosas deve-se ao facto dos combustíveis, situados a montante da frente das chamas, serem secos e aquecidos até à

temperatura de ignição. A ação de combate ao fogo em locais de relevo acidentado é dificultada pela fraca acessibilidade de veículos e pessoas.

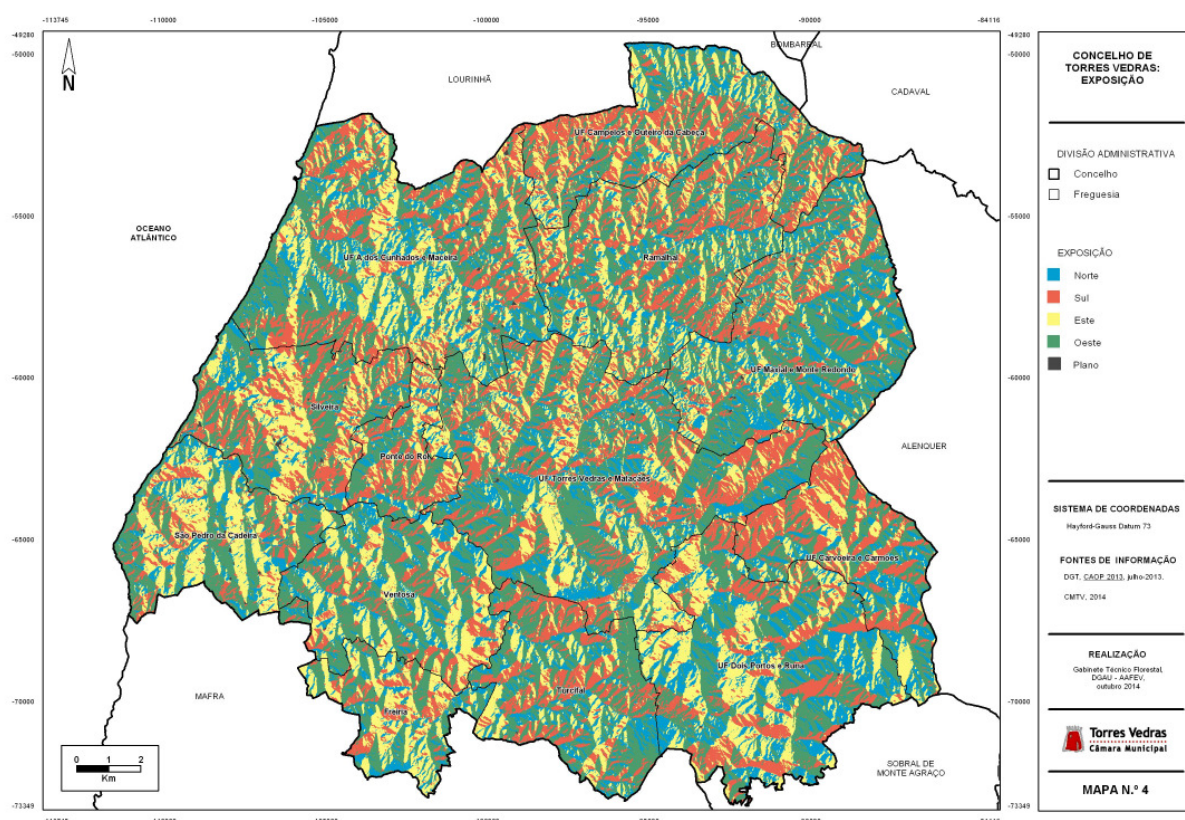
Nas zonas mais declivosas do concelho de Torres Vedras a velocidade de propagação dos incêndios é maior e o combate é geralmente dificultado, sendo por isso primordial definir estratégias mais eficientes de DFCI, nomeadamente na prevenção e combate. Nas zonas mais planas os riscos e dificuldades são geralmente menores, à exceção de algumas áreas específicas, que apresentam mancha florestal de monocultura extensa e contínua, tais como as freguesias de Ramalhal, UF Campelos e Outeiro da Cabeça.

1.4. EXPOSIÇÃO

A exposição de um terreno corresponde à sua orientação geográfica. Este é outro fator que influencia o risco e a propagação dos incêndios, já que a quantidade de radiação solar recebida depende das diferentes exposições e propicia o desenvolvimento de diferentes microclimas, tipo e quantidade de vegetação.

Geralmente, em Portugal, as vertentes a sul e oeste apresentam condições climatéricas e um mosaico de vegetação favorável à rápida inflamação e propagação do fogo, contrariamente às vertentes a norte e este, que ardem mais lentamente e desenvolvem menores temperaturas.

Ao analisar o mapa de Exposições (Mapa 4, anexo I) verifica-se que o concelho de Torres Vedras apresenta uma exposição muito variável, com predominância da exposição oeste, 30%.



Mapa 4 - Exposições do concelho de Torres Vedras

Quadro 4. Classes de Exposições do concelho de Torres Vedras

EXPOSIÇÃO	ÁREA (ha)	%
Norte	9017,1	22,1%
Sul	9621,5	23,6%
Este	9575,4	23,5%
Oeste	12224,2	30,0%
Plano	277,3	0,7%

1.5. HIDROGRAFIA

O regime hidrológico encontra-se em estreita dependência do regime pluviométrico e da geomorfologia do terreno.

As bacias hidrográficas mais significativas do concelho de Torres Vedras são as dos rios Sizandro, Alcabrichel e da Ribeira do Sorraia. São cursos de água com sentido de escoamento Este - Oeste, de maior caudal no Inverno, coincidindo com o período de maior precipitação. O limite administrativo entre o concelho de Torres Vedras e o concelho da Lourinhã, na zona da UF de Campelos e Outeiro da Cabeça, é definido pelo rio Grande, que não tem grande influência no regime hidrológico do concelho.

Enquanto os rios Sizandro e Alcabrichel nascem fora do concelho, a Ribeira do Sorraia nasce e desagua em território concelhio. De referir também que a maioria dos afluentes destes rios têm as nascentes no interior do concelho.

Muitas das linhas de água situadas na costa drenam diretamente para o mar, dissociadas do sistema atrás referido.

Da análise do mapa Hidrográfico (Mapa 5, anexo I), que representa a distribuição das linhas de água no município, conclui-se que a rede hidrográfica é relativamente densa em todo o seu território. Contudo grande parte das linhas de águas representadas tem um carácter temporário. Na rede hidrográfica do concelho de Torres Vedras destacam-se os rios Alcabrichel e Sizandro, as únicas linhas de água permanentes e, mesmo estas, devido ao seu regime torrencial, não garantem um caudal permanente em toda a sua extensão em determinados períodos do ano.



Mapa 5 - Hidrografia do concelho de Torres Vedras

Em termos da DFCI, existe no concelho uma grande dispersão de charcas que, em caso de incêndio, propiciam um acesso rápido dos meios de combate à água.

A vegetação existente ao longo dos cursos de água não permanentes do concelho facilita, no período seco, uma rápida propagação e disseminação do fogo.

A região onde se insere o concelho de Torres Vedras apresenta as características de um clima temperado mediterrânico de feição atlântica, caracterizado por fracas amplitudes térmicas anuais. É um clima marcado essencialmente pela irregularidade sazonal da precipitação e onde os nevoeiros são frequentes, principalmente nas regiões litorais. As principais características climáticas regionais são: temperaturas mínimas amenas, durante os meses mais frios; ausência quase total de geadas na faixa litoral; verão fresco e ventoso, com elevada frequência de nevoeiros; elevada humidade do ar durante todo o ano, mas especialmente marcante durante o Verão, quando comparada com as regiões do interior do país e baixas amplitudes térmicas diárias e anuais.

2. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

A influência das características climáticas da região nos incêndios florestais pode ser vista em termos indiretos, na medida em que afeta o crescimento e acumulação de carga combustível e, também, em termos diretos, afetando o início e a propagação de um incêndio. Deste modo, analisando as componentes do “triângulo de comportamento do fogo”: meteorologia, topografia e combustível, verifica-se que as características climáticas afetam duas dessas componentes.

Para a elaboração da caracterização climática do concelho de Torres Vedras utilizaram-se os dados relativos às Normais Climatológicas da estação de Dois Portos (Latitude: 39° 02'N, Longitude: 09° 11'W, Altitude: 110m), no período entre 1961 e 1990. Os parâmetros meteorológicos em análise são: temperatura, humidade, precipitação e velocidade e direção dos ventos.

2.1. TEMPERATURA DO AR

A temperatura do ar traduz o maior ou menor estado de aquecimento da atmosfera num determinado local, por efeito da radiação solar. O seu aumento tende a elevar a probabilidade de ignição. Com a subida da temperatura do ar, os combustíveis florestais, especialmente os finos e mortos, tendem a perder humidade, tornando mais favorável o início e propagação de incêndios o solo e os combustíveis expostos diretamente ao sol podem ter temperaturas superiores à do ar, na ordem de 10°C a 20°C.

A temperatura média anual do concelho ronda os 15°C, não se verificando grandes oscilações de local para local, embora a influência amenizadora do Atlântico propicie uma maior oscilação anual de temperatura no interior e menor na orla costeira.

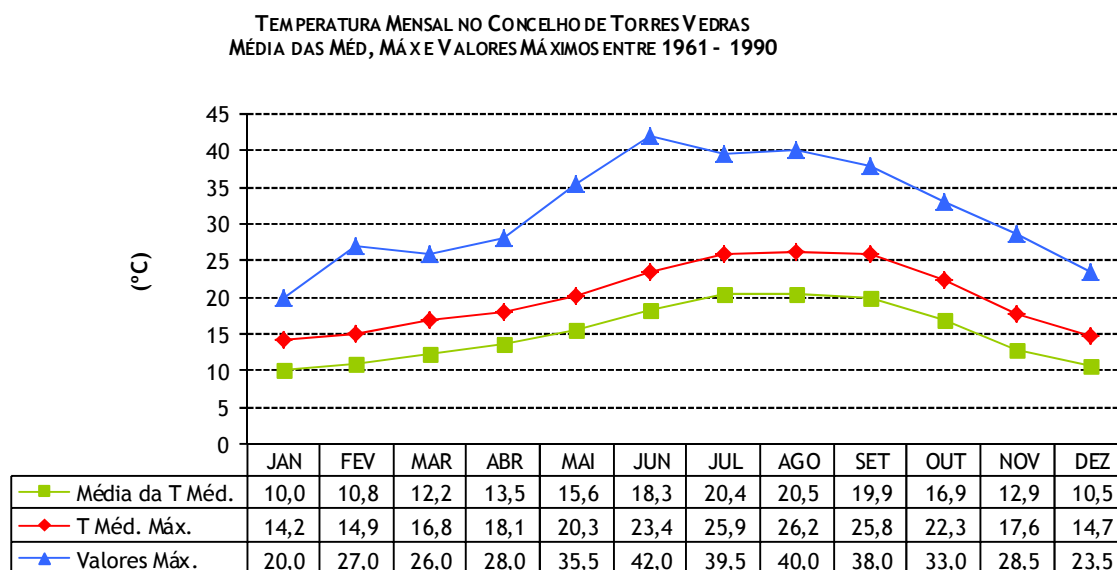


Figura 1. Distribuição dos valores médios mensais da temperatura média e máxima e valores máximos, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.

Fonte: Torres Vedras em Números, 2006.

Pela análise da figura 1 constata-se que, para o período 1961-1990, a variação entre as temperaturas médias é aproximadamente constante, na ordem dos 5°C. As temperaturas mais baixas registaram-se nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, enquanto que as temperaturas mais altas se observaram nos meses compreendidos entre junho e setembro.

O aumento da temperatura propicia a ocorrência de incêndios, dificultando o combate. Este é um dos fatores que faz com que os meses de verão sejam os mais favoráveis à ocorrência de incêndios. No entanto, face às temperaturas médias registadas no concelho, em que a temperatura média máxima mais alta é de 26,2 °C, no mês de agosto, este parâmetro não é o principal condicionante da área ardida registada no concelho.

2.2. HUMIDADE RELATIVA DO AR

A humidade relativa do ar é definida como sendo a quantidade de vapor de água presente numa determinada massa de ar.

A humidade relativa, conjuntamente com a temperatura e a precipitação, é um dos parâmetros que influencia o índice de humidade da manta seca e, consequentemente, o índice meteorológico de perigo de incêndio.

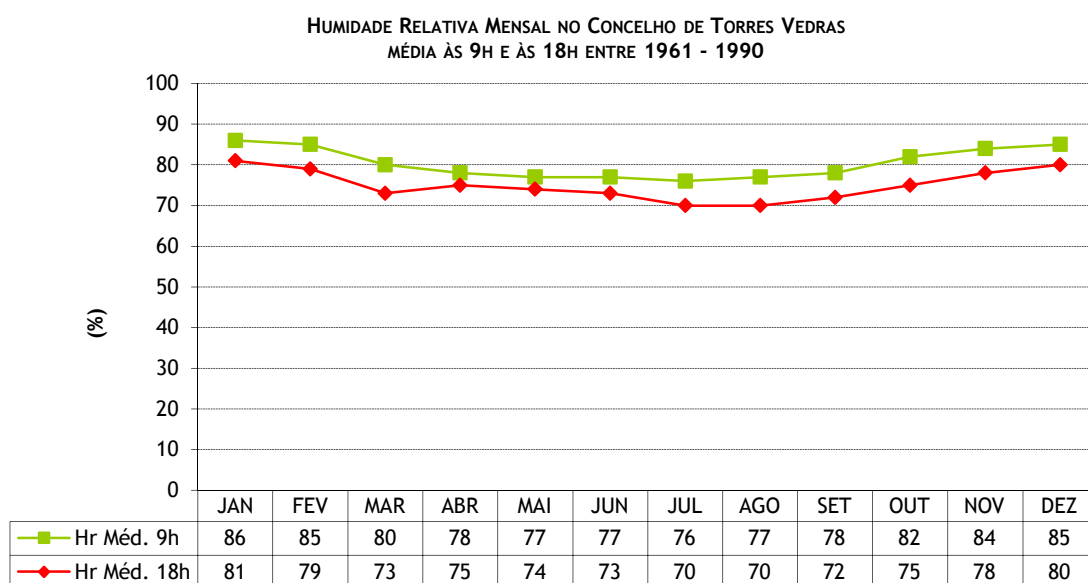


Figura 2. Distribuição valores médios mensais da humidade relativa do ar às 9 e 18h, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.

Fonte: Torres Vedras em Números, 2006.

A figura 2 apresenta a distribuição da humidade relativa média mensal, no concelho de Torres Vedras (às 9 e às 18 horas) para o período temporal 1961-1990.

No que se refere à humidade relativa média às 9 horas, pode constatar-se que o seu valor mínimo é atingido no mês de julho (76%) e o valor máximo em janeiro (86%). A humidade relativa média às 18h varia entre um mínimo de 72% em setembro e um máximo de 81 % em janeiro.

Da apreciação global da figura 2, considera-se que o concelho de Torres Vedras tem uma humidade relativa elevada, pois é sempre superior a 70%, sendo nas freguesias do litoral e no Inverno que se registam os maiores valores. Neste parâmetro, tal como no da temperatura, o efeito atlântico faz-se sentir, tornando as amplitudes das variações moderadas.

O ligeiro decréscimo da humidade relativa, associado ao aumento da temperatura e à redução da precipitação, verificado no período estival, torna propício que estes sejam os meses em que se registam mais ocorrências de incêndio no concelho.

2.3. PRECIPITAÇÃO

A precipitação corresponde à quantidade de água, neve ou granizo que se deposita no solo em determinado período.

A precipitação anual no concelho de Torres Vedras totaliza, em média, cerca de 699,9 mm, valor bastante abaixo da média de Portugal Continental, que rondará os 1.000 mm.

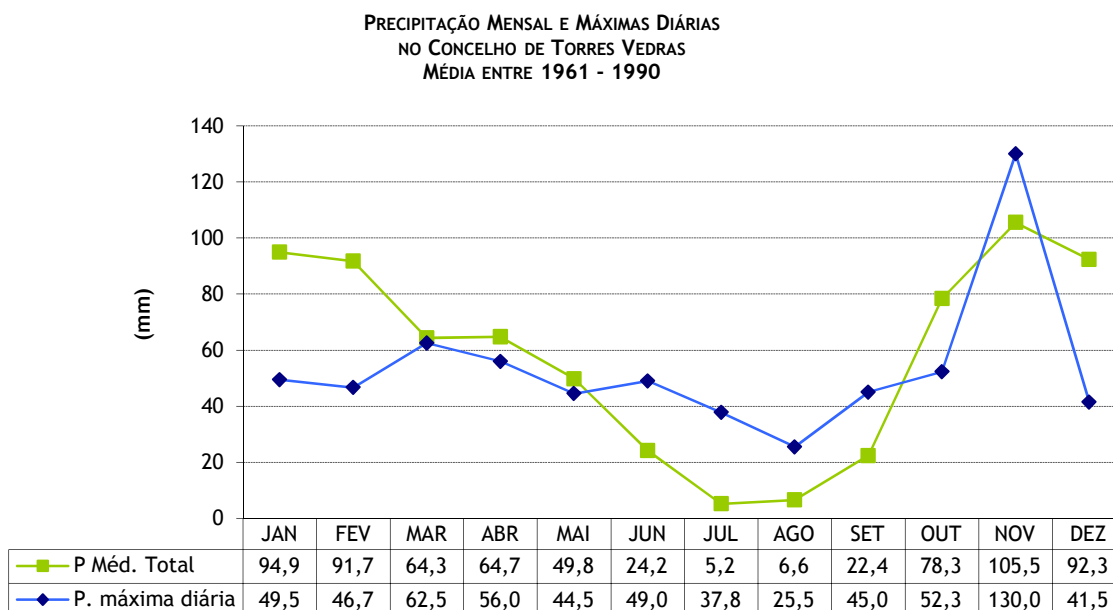


Figura 3. Valores mensais de precipitação e máximas diárias, no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990.

Fonte: Torres Vedras em Números, 2006.

A figura 3 representa os valores mensais de precipitação e máximas diárias o período 1961-1990, podendo-se verificar que, nos meses de julho e agosto, ocorre uma quebra acentuada nos valores de precipitação (abaixo dos 7mm), sendo estes os mais secos. Nos meses de novembro a fevereiro, ocorre o oposto, sendo os mais chuvosos (ultrapassando em média os 90 mm mensais).

Da precipitação anual do concelho, 75,3% distribui-se pelo semestre húmido (de outubro a março), face aos 24,7% do semestre seco (de abril a setembro).

Nos meses de novembro a fevereiro a precipitação é superior a 90 mm, o que favorece o crescimento dos combustíveis finos, passando a existir mais combustível para arder no verão. No semestre seco a precipitação é muito baixa o que, conjugado com o aumento da temperatura, propicia a ocorrência de incêndios e dificulta o seu combate.

De referir também as chamadas precipitações invisíveis, provenientes de nevoeiros, orvalhadas e neblinas, frequentes na região e, que se traduzem por um acréscimo de água disponível para as plantas.

No que respeita a precipitações extremas, verifica-se que no mês de novembro surgiram dias com precipitações superiores a 130 mm. Este cenário poderá levar à ocorrência de cheias e inundações nos locais de acumulação de escoamento superficial ou em cursos de água, caso a precipitação ocorra em grande quantidade, poderão também ocorrer deslizamentos de terras. As áreas florestais são essenciais para a minimização destes fenómenos uma vez que são zonas grande infiltração e que reduzem o escoamento superficial.

Relativamente aos episódios prolongados de falta de precipitação, poderá ser expectável a ocorrência de fenómenos críticos, como secas e incêndios florestais, em virtude do menor teor de humidade da vegetação durante o Verão, o que poderá favorecer a ocorrência de ignições. Aquando da ocorrência de grandes incêndios deverão recorrer-se a medidas de estabilização dos terrenos, de forma a minimizar os riscos de erosão e deslizamento de terras.

2.4. VENTO

Na caracterização do regime de ventos consideram-se dois parâmetros: a frequência (número médio de vezes, no ano, em que se observou cada uma das direções ou calma, expresso em %) e a velocidade do vento (expressa em km/h, para cada uma das oito direções).

Quadro 5. Médias mensais da frequência - f (%) e velocidade do vento - v (km/h), no concelho de Torres Vedras, no período 1961-1990, estação meteorológica de Dois Portos

	N		NE		E		SE		S		SW		W		NW	
	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v	f	v
Janeiro	3,2	12,2	15,1	6,8	7,5	10,3	9,6	8,4	9,0	16,6	20,3	15,2	3,8	16,1	19,8	11,5
Fevereiro	6,7	15,4	14,1	8,5	6,6	8,1	8,9	10,8	8,0	18,6	18,5	18,9	4,6	15,5	25,0	12,4
Março	8,2	15,5	13,8	9,7	6,5	11,8	7,6	11,4	3,8	12,5	15,8	17,9	4,3	13,8	36,1	13,3
Abril	11,4	17,1	7,8	11,0	1,6	11,8	4,4	11,1	3,1	20,0	13,6	17,6	6,5	12,3	49,3	13,7
Maiο	10,6	16,8	5,5	10,2	1,3	11,7	2,4	13,5	1,9	20,3	15,7	16,3	4,8	12,2	56,6	14,2
Junho	8,0	14,7	3,3	9,0	1,3	10,2	1,7	10,5	3,0	15,8	10,4	12,2	6,8	10,1	64,8	13,5
Julho	15,1	16,2	4,5	8,2	0,2	12,0	1,1	13,2	0,5	8,2	5,1	11,1	5,1	9,6	67,6	13,2
Agosto	11,9	17,5	3,6	7,6	0,7	13,2	1,6	8,6	0,7	12,0	3,2	11,3	4,5	8,3	72,4	13,1
Setembro	10,8	13,7	6,1	7,7	0,8	7,2	2,5	9,2	3,1	9,4	12,4	11,9	6,1	9,6	55,2	10,7
Outubro	8,6	12,2	13,1	7,9	2,9	8,5	9,2	11,1	5,6	11,9	15,3	11,7	3,7	6,8	33,0	8,3
Novembro	6,8	12,3	15,4	7,2	5,2	9,9	8,0	9,4	7,1	12,8	14,2	13,3	4,3	8,9	26,2	10,1
Dezembro	7,5	10,7	19,1	6,5	7,5	8,8	9,4	6,9	4,2	11,7	11,8	13,8	3,1	11,2	22,4	9,3
Ano	9,1	15,1	10,0	8,1	3,5	9,9	5,5	9,9	4,1	14,9	13,0	15,0	4,8	11,2	44,5	12,5

Fonte: Instituto de Meteorologia.

No Quadro 5 estão representados os valores anuais para a frequência e velocidade do vento. A velocidade do vento ao longo do ano é moderada, com uma média de 12,1 km/h, registando-se o valor máximo no mês de Maio com 20,3 km/h.

A maior frequência dos ventos nesta estação meteorológica é de Noroeste. Na transição das estações, os ventos chegam a soprar em rajada forte, muitas vezes de Sudoeste.

A velocidade e frequência do vento estão diretamente relacionadas com a velocidade de propagação dos incêndios. O vento é dos fatores climáticos que mais dificulta o combate a incêndios, pondo muitas vezes em risco vidas humanas e bens materiais.

3. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

3.1. POPULAÇÃO RESIDENTE TOTAL E DENSIDADE POPULACIONAL

No panorama demográfico do distrito de Lisboa, em 1991, 2001 e 2011, destacavam-se, com efetivos populacionais superiores a 100.000 habitantes (hab.), os concelhos integrantes da Área Metropolitana de Lisboa (AML), enquanto territórios com forte cariz urbano: Lisboa (547.733 hab. em 2011), Sintra (377.835 hab.), Cascais (206.479 hab.), Loures (205.054 hab.), Amadora (175.136 hab.), Oeiras (172.120 hab.), Odivelas (144.549 hab.) e Vila Franca de Xira (136.886 hab.); Mafra, com 76.685 hab., constituía a exceção.

Em igual período, o concelho de Torres Vedras ocupava, por um lado, uma posição mediana no conjunto distrital, com níveis populacionais inferiores a 80.000 hab. (67.185 hab. em 1991, 72.250 hab. em 2001, e 79.465 hab. em 2011); por outro lado, assumia uma posição cimeira relativamente aos concelhos com maior ruralidade: Alenquer (43.267 hab. em 2011), Lourinhã (25.735 hab.), Azambuja (21.814 hab.), Cadaval (14.228 hab.), Arruda dos Vinhos (13.391 hab.) e Sobral de Monte Agraço (10.156 hab.).

A evolução da população residente total do concelho de Torres Vedras, entre 1991 e 2011 (acréscimo de 12.280 hab.) revelou alguns contrastes internos. As freguesias dos setores centro e litoral/poente evidenciaram os maiores efetivos populacionais e crescimentos, opondo-se aos decréscimos das freguesias do setor interior/nascente (Mapa 6, Anexo I).

Com efeito, no setor litoral/poente ressaltaram-se os seguintes factos:

- Cinco freguesias - UF Torres Vedras e Matacães, UF A dos Cunhados e Maceira, Silveira, Ventosa e São Pedro da Cadeira - detinham os maiores efetivos populacionais (superiores a 4.000 hab), em 1991, 2001 e 2011;
- Cinco freguesias - UF Torres Vedras e Matacães, UF A dos Cunhados e Maceira, Silveira, Ventosa e São Pedro da Cadeira - concentravam mais de 65% da população residente total municipal, em 1991, 2001 e 2011.
- A UF Torres Vedras e Matacães ascendia a 21.000 hab. desde 1991, tendo atingido os 25.717 hab. em 2011;
- A UF Torres Vedras e Matacães tem representado, desde 1991, mais de 30% da população residente total no Concelho;

- Quatro freguesias - Silveira (55,9%), UF A-dos-Cunhados e Maceira (31,6%), São Pedro da Cadeira (25,3%) e UF Torres Vedras e Matacões (21,2%) - protagonizaram os mais expressivos crescimentos populacionais, entre 1991 e 2011.

No setor interior/nascente realçaram:

- Três freguesias - Freiria, Ponte do Rol e UF Carvoeira e Carmões - com os menores efetivos populacionais, isto é, menos de 2.600 hab., em 1991, 2001 e 2011;
- Três freguesias - UF Dois Portos e Runa (-11,1%), UF Carvoeira e Carmões (-5,2%) e UF Maxial e Monte Redondo (-2,9%) - com evolução demográfica regressiva, entre 1991 e 2011.

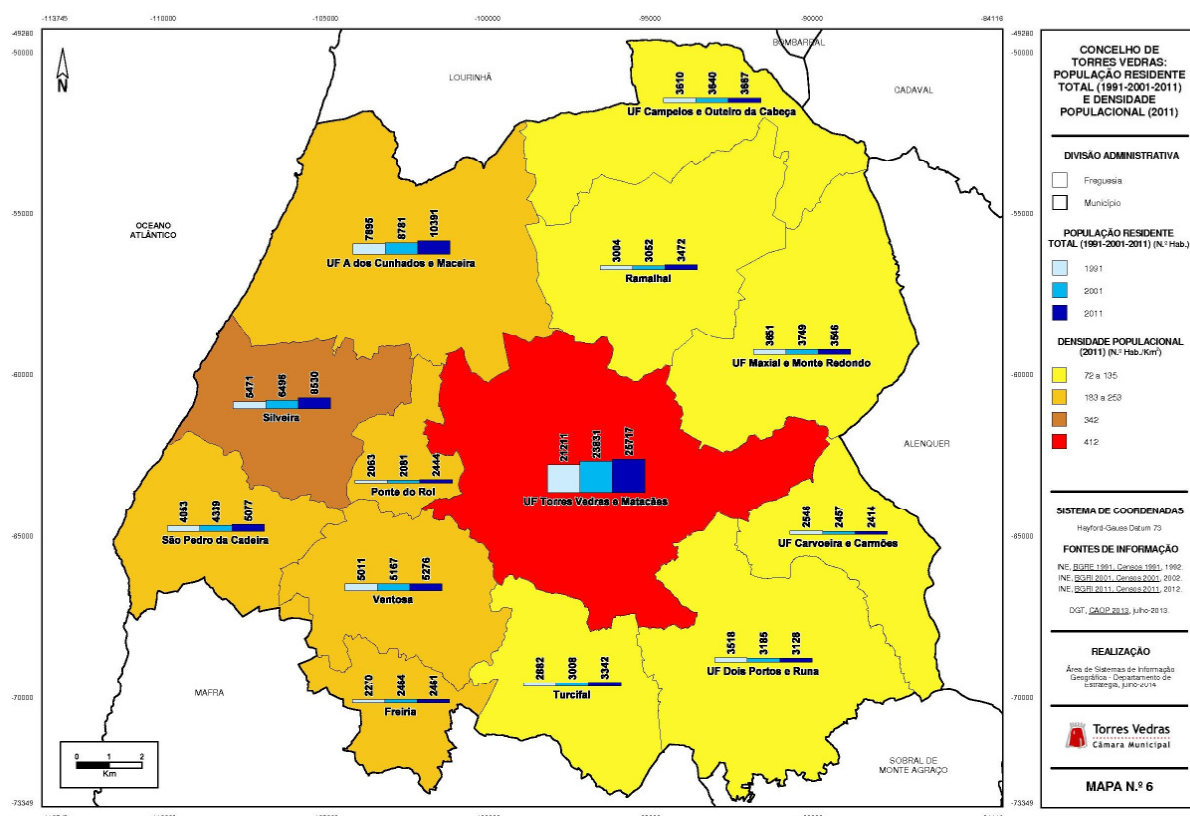
No domínio da densidade populacional distrital, em 2011, ressaltavam dois grupos:

- Por um lado, os concelhos constituintes da AML, mais densamente povoados: Amadora (7.363 hab./Km²), Lisboa (6.446 hab./Km²), Odivelas (5.446 hab./Km²), Oeiras (3.751 hab./Km²), Cascais (2.120 hab./Km²), Loures (1.213 hab./Km²), Sintra (1.184 hab./Km²), Vila Franca de Xira (430 hab./Km²) e Mafra (263 hab./Km²);
- Por outro lado, os Concelhos menos densamente habitados e de maior vocação rural, com densidades inferiores a 200 hab./Km²: Torres Vedras (195 hab./Km²), Sobral de Monte Agraço (195 hab./Km²), Lourinhã (175 hab./Km²), Arruda dos Vinhos (172 hab./Km²), Alenquer, (142 hab./Km²), Azambuja (83 hab./Km²) e Cadaval (81 hab./Km²).

Ao nível municipal, em 2011, Torres Vedras evidenciava um contraste entre as freguesias dos setores litoral/poente e centro, com as mais altas densidades, e as freguesias menos densamente ocupadas do setor interior/nascente (Mapa 6, Anexo I).

No setor centro, a freguesia da cidade-sede de concelho, UF Torres Vedras e Matacões, alcançava a mais elevada densidade do território torriense, ou seja, 412 hab./Km². No setor litoral/poente destacavam-se Silveira (342 hab./Km²), Ponte do Rol (253 hab./Km²), São Pedro da Cadeira (213 hab./Km²), Ventosa (203 hab./Km²) e UF A-dos-Cunhados e Maceira (197 hab./Km²).

As freguesias do setor interior/nascente revelavam as mais baixas densidades populacionais, oscilando entre os 72 hab./Km² em UF Dois Portos e Runa e os 135 hab./Km² em Turcifal.



Mapa 6 - População Residente (1991, 2001 e 2011) e Densidade Populacional (2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.

O setor interior/nascente, onde se encontram as freguesias com menor densidade populacional e com tendência de regressão, corresponde também à maior área florestal e de incultos do concelho, o que pode influenciar negativamente a deteção e alerta precoce dos incêndios. Assim, nesta zona, deve ser potenciada a vigilância.

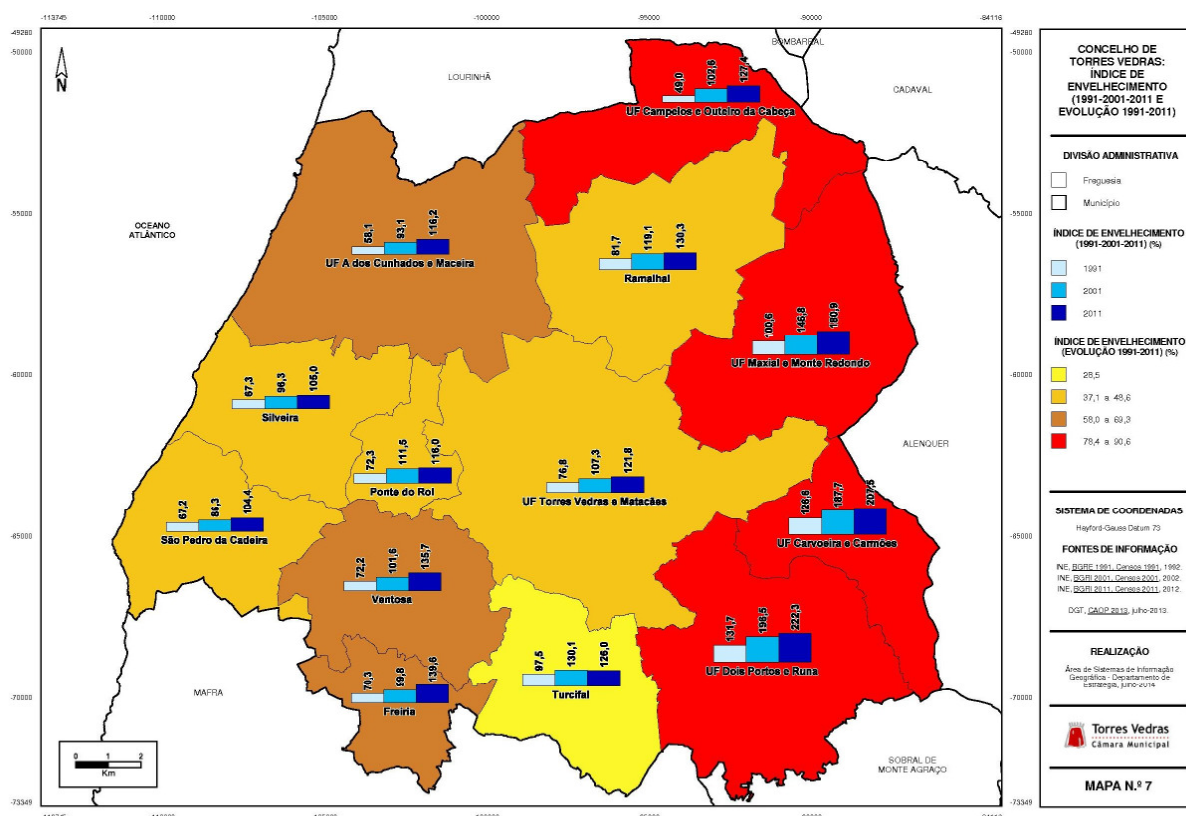
3.2. ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO

Entre 1991 e 2011, Torres Vedras era um dos concelhos mais envelhecidos, num conjunto distrital de igual modo envelhecido e em envelhecimento.

Localmente, o índice de envelhecimento manifestava uma tendência crescente generalizada, traduzindo uma preponderância da população residente idosa (65 ou mais anos) relativamente à população residente jovem (0 a 14 anos).

De referir, no entanto, a existência de contrastes internos entre freguesias (Mapa 7, Anexo I). Deste modo:

- Em 1991, 2001 e 2011, as freguesias do setor interior/nascente atingiam os mais elevados níveis de envelhecimento (UF Dois Portos e Runa, UF Carvoeira e Carmões e UF Maxial e Monte Redondo), opondo-se a níveis mais baixos registados nas freguesias do setor litoral/poente - São Pedro da Cadeira, Silveira e UF A dos Cunhados e Maceira;
- Entre 1991 e 2011, as freguesias do setor interior/nascente apresentavam os mais significativos crescimentos do índice (UF Dois Portos e Runa - 90,6%, UF Carvoeira e Carmões - 80,9%, UF Maxial e Monte Redondo - 80,2%, e UF Campelos e Outeiro da Cabeça - 78,4%), contrastando com os menores crescimentos de Ponte do Rol (43,6%), Silveira (37,7%), São Pedro da Cadeira (37,1%) e Turcifal (28,5%).



Mapa 7 - Índice de Envelhecimento (1991, 2001 e 2011) e Evolução (1991 - 2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.

O aumento generalizado do índice de envelhecimento no Concelho, principalmente no sector interior/nascente, corresponde também as zonas de maior de maior disponibilidade de combustíveis (incultos e floresta).

Tendo em conta que a população mais envelhecida nos meios rurais utiliza práticas agrícolas e florestais nem sempre recomendadas, tais como a queima de resíduos e queimadas de balsas e balseiros e terrenos com mato, com a agravante da dificuldade de alteração comportamental, potencia o número de ignições.

3.3. POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE

Em 2011, a estrutura económica distrital evidenciava, em todos os concelhos, a supremacia da população residente ativa empregada no setor III (representatividades entre 63,2 % e 89,2%) face aos setores I (de 0,1% a 12,0%) e II (de 10,5% a 27,7%).

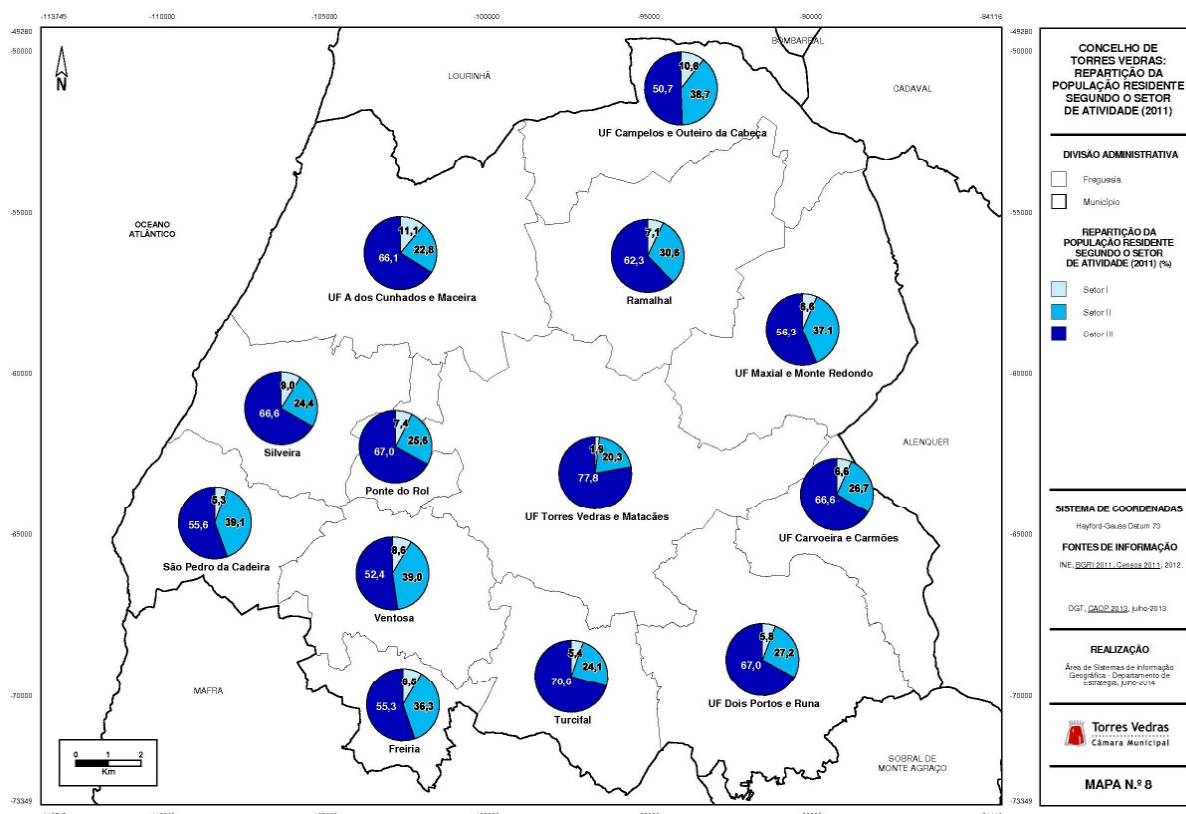
Os concelhos mais urbanos do distrito, os da AML (Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira), detinham as mais elevadas representatividades de residentes afetos ao setor III (superior a 79,0%), a par de uma reduzida expressão no II (inferior a 20,4%) e sobretudo no I (inferior a 0,6%).

Com representatividades entre 63,2% e 74,8% de habitantes a laborar no setor III, os concelhos ditos com maior vocação rural (Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Lourinhã, Mafra, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras) revelaram representatividades nos setores I (entre 2,5% e 12,0%) e II (entre 22,3% e 27,7%) superiores às dos concelhos ditos mais urbanos.

Relativamente à escala intramunicipal, em 2011, Torres Vedras demonstrava uma estrutura económica com uma população residente ativa empregada maioritariamente no setor III (67,1%) (Mapa 8, Anexo I). Refiram-se, no entanto, as seguintes especificidades locais:

- As treze freguesias torrienses contavam com mais de 50,0 % de efetivos residentes a desempenhar atividades terciárias;
- Duas freguesias - UF Torres Vedras e Matacães (77,8%) e Turcifal (70,6%) - superavam os 70,0% de população ativa afeta ao setor III;
- A UF Torres Vedras e Matacães evidenciava a maior representatividade populacional terciária (77,8%), contrastando com as menores representatividades nos setores I (1,9%) e II (20,3%);

- As cinco freguesias com menos representatividade de população no setor III, ainda assim entre os 50,7% e os 56,3%, eram as mesmas que traduziam maiores representatividades de ativos no setor II - Freiria, UF Maxial e Monte Redondo, UF Campelos e Outeiro da Cabeça, Ventosa e São Pedro da Cadeira (entre 36,3% e 39,1%);
- Apenas duas freguesias - UF Campelos e Outeiro da Cabeça (10,6%) e UF A dos Cunhados e Maceira (11,1%) - atingiam mais de 10% de população laborando no setor I.



Mapa 8 - População Residente por Setor de Atividade (2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.

O sector primário apesar da baixa representatividade que apresenta em termos de população ativa, em todo o território, têm um elevado peso para o concelho, pois muitos dos trabalhadores que têm como primeira atividade os sectores secundário e terciário desenvolvem atividades agrícolas (sector primário) pós-laborais.

Resumindo, os dados apresentados permitem concluir que o concelho de Torres Vedras segue a propensão geral para a terciarização da economia, o que reforça a tendência de abandono das atividades agroflorestais, acentuando a ausência de intervenção e gestão do território.

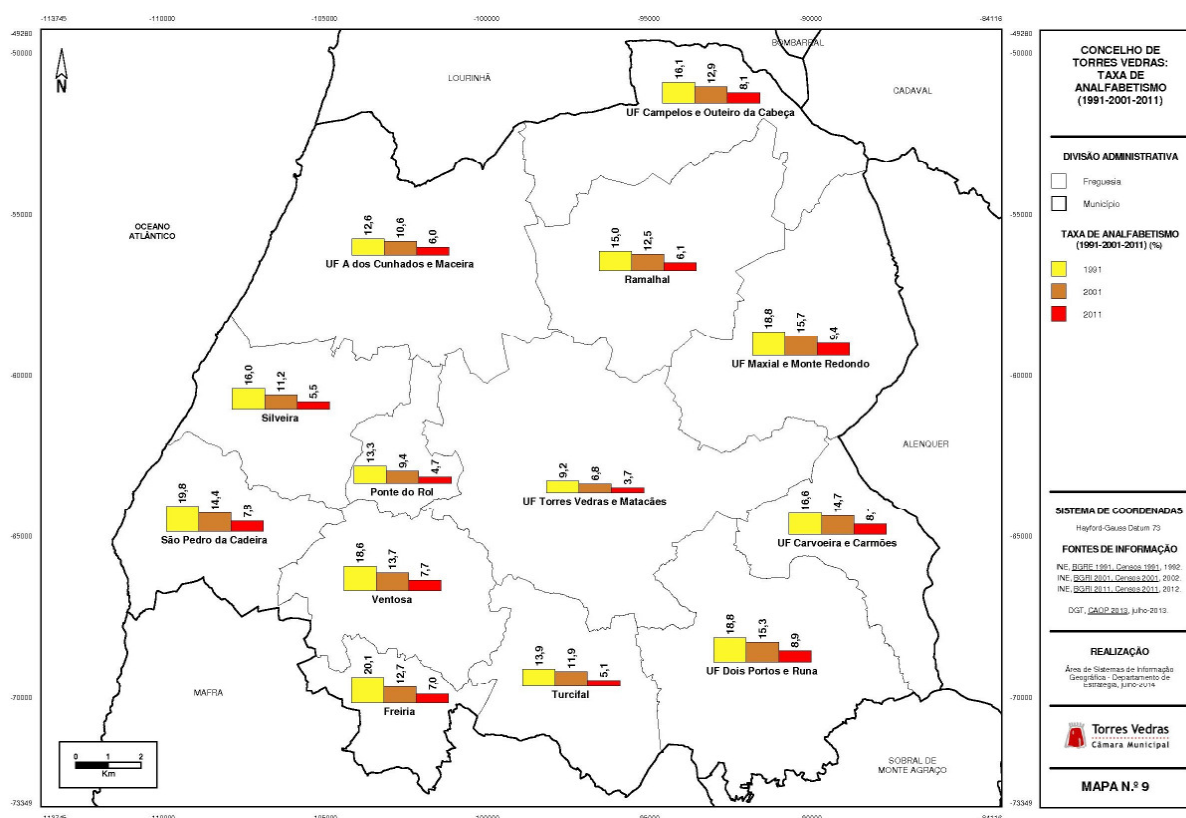
3.4. TAXA DE ANALFABETISMO

A taxa de analfabetismo demonstrou, no período 1991-2001-2011, uma inquestionável e significativa tendência regressiva em todos os concelhos do distrito de Lisboa.

Com efeito, as taxas de analfabetismo superiores a 14,0% dos concelhos ditos mais rurais (Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras) contrastavam com as taxas inferiores a 9,0% dos concelhos da AML (Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira).

O recuo generalizado do analfabetismo distrital estendeu-se às freguesias de Torres Vedras (Mapa 9, Anexo I):

- Em 1991, apenas uma freguesia - UF Torres Vedras e Matacães (9,2%) - se situava abaixo dos 10,0% de analfabetismo; as taxas das restantes freguesias oscilavam entre os 12,6% e os 20,1%;
- Em 2001, eram duas as freguesias com menos de 10,0% de analfabetos - UF Torres Vedras e Matacães (6,8%) e Ponte do Rol (9,4%); a amplitude das taxas das restantes freguesias reduziu, situando-se entre os 10,6% e 15,7%;
- Em 2011, as treze freguesias torrienses encontravam-se abaixo dos 10,0% de analfabetismo.



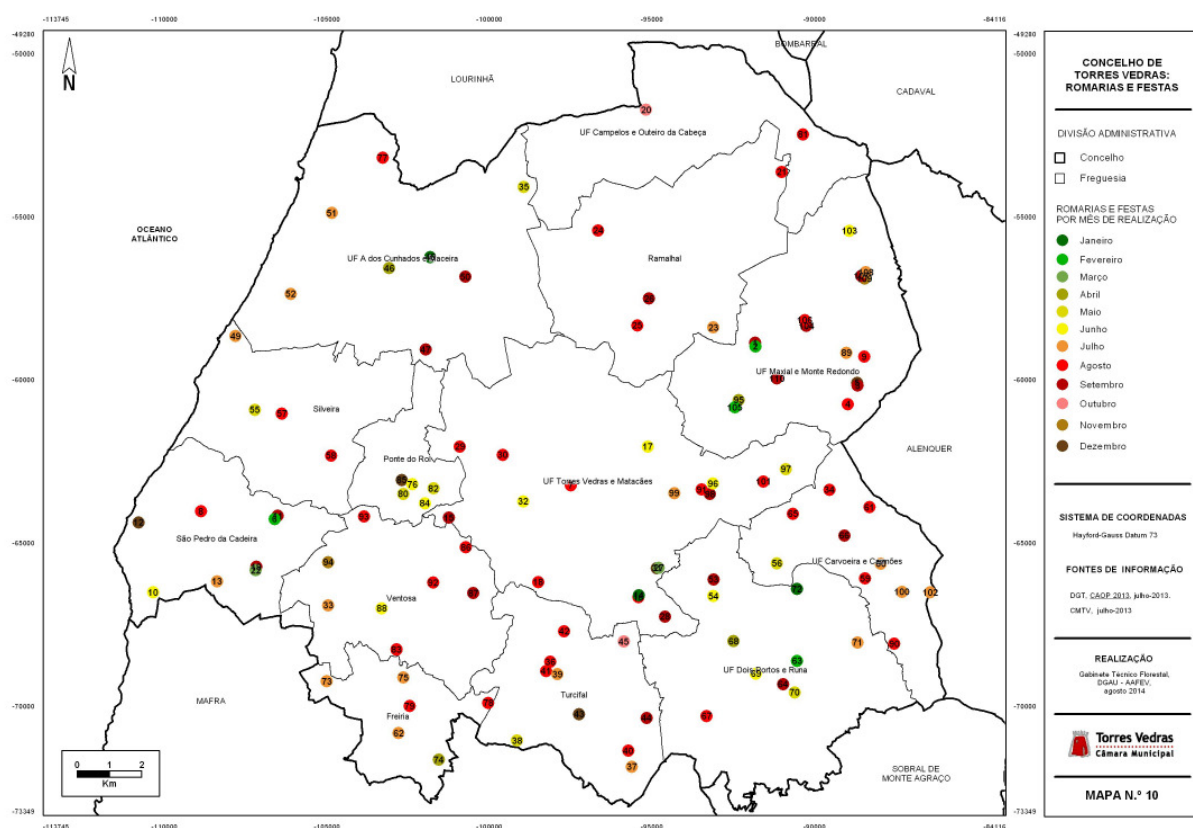
Mapa 9 - Taxa de Analfabetismo (1991, 2001 e 2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia.

A análise do grau de instrução da população revela-se fundamental na definição das estratégias de sensibilização para a DFCI.

3.5. ROMARIAS E FESTAS

As festas e romarias são alturas privilegiadas para o lançamento de foguetes, fogo-de-artifício e outros artefactos pirotécnicos. Neste sentido importa conhecer as datas e locais de realização de todos estes festejos.

O Mapa 10 do Anexo I e o quadro seguinte descrevem os festejos que ocorrem no concelho, de acordo com a informação disponibilizada pelas diferentes juntas de freguesia.



Mapa 10 - Romarias e Festas, no concelho de Torres Vedras.

Quadro 6. Romarias e Festas, do concelho de Torres Vedras.

Mês	Data de início / fim	Freguesia	Localidade	Designação	Código Identificação
Janeiro	Último Fim-de-Semana	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Sobreiro Curvo	S. Sebastião	48
	22	UF Dois Portos e Runa	Outeiro da Zibreira	N. Srª da Luz	72
	22	UF Torres Vedras e Matacães	Orjariça	S. Vicente	14
Fevereiro	2	S. Pedro da Cadeira	Coutada	N. Srª das Candeias	6
	1ª Semana	UF Dois Portos e Runa	Sirol	N. Srª da Purificação	63
	12	UF Maxial e Monte Redondo	Ermegeira	N. Srª das Candeias	2
	3	UF Maxial e Monte Redondo	Monte Redondo	S. Brás	105
Março	6ª Feira Santa	S. Pedro da Cadeira	S. Pedro da Cadeira	Senhor Morto	22
	Páscoa	UF Torres Vedras e Matacães	Louriceira	Páscoa	27
Abril	21 - 25	Freiria	Asseiceira	S. Marcos	74
	Último Fim-de-Semana	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Paradas	Stº Isidro	46
	1º Domingo de Pascoela	UF Dois Portos e Runa	Caixaria	N. Srª dos Prazeres	68
	3º Domingo a seguir à Páscoa	UF Maxial e Monte Redondo	Monte Redondo	Sr. Jesus do Bonfim	95
Maio	25 - 27	Ponte do Rol	Gondruzeira	Anual da Gondruzeira	82
	17 - 20	Ponte do Rol	Ponte Rol	N. S. J. Aflitos	80
	18 - 19	Silveira	Casal Cochim	Casal Cochim	55
	Último Fim-de-Semana	Turcifal	Freixofeira	N. Srª da Graça	38
	13 - 15	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Vale da Borra	N. Srª de Fátima	35
	6	UF Carvoeira e Carmões	Zibreira	Anual em Zibreira	56
	Último Fim-de-Semana	UF Dois Portos e Runa	Dois Portos		70
	4º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Sevilheira	Nª Sª Fátima	97
Junho	22 - 23	Ponte do Rol	Benfica	S. João Baptista	84
	6 - 9	Ponte do Rol	Ponte Rol	Tasquinhas e Marchas Populares	76
	24	S. Pedro da Cadeira	Assenta	S. João Batista	10
	1º Domingo	UF Dois Portos e Runa	Ribaldeira	Stª Catarina	69
	24	UF Dois Portos e Runa	Runa	S. João Baptista	54
	13	UF Maxial e Monte Redondo	Valentina	Stº António	103
	3º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Matacães	Santissimo Sacramento	96
	2ª Semana	UF Torres Vedras e Matacães	Sarge	Sagrado Coração de Jesus	17
	12 e 13	UF Torres Vedras e Matacães	Varatojo	Stº António	32
	5 - 11	Ventosa	Arneiros	S. José	88
	12 - 16	Freiria	Chãos	N. Srª de Fátima	75
Julho	27 - 30	Freiria	Freiria	N. Srª da Conceição	62
	29 - 1	Freiria	Sendieira	Imaculado Coração	73
	3ª Semana	Ramalhal	Abrunheira	S. Sebastião	23
	2ª Semana	S. Pedro da Cadeira	Soltaria	S. Nuno	13
	22	Silveira	Santa Cruz	Stª Helena e S. João Baptista	49

PLANO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS

TORRES VEDRAS

Mês	Data de início / fim	Freguesia	Localidade	Designação	Código Identificação
Julho	22	Silveira	Santa Cruz	Stª Helena e S. João Baptista	49
	2º Domingo	Turcifal	Aldeia da Serra e Almeirinhos	Sr. Jesus Morto	37
	3º Domingo	Turcifal	Turcifal	Sr. Jesus Morto	39
	Último Fim-de-Semana	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Póvoa Penafirme	N. Srª da Graça	52
	2º Fim-de-Semana	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Valongo	Imaculado Coração de Maria	51
	13 - 15	UF Carvoeira e Carmões	A-da-Rainha	Anual em A-da-Rainha	60
	3º Fim-de-Semana	UF Carvoeira e Carmões	Carrasqueira		100
	Último Fim-de-Semana	UF Carvoeira e Carmões	Corujeira		102
	Último Domingo	UF Dois Portos e Runa	Bulgueira	S. José	71
	Último Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Aldeia Grande	S. Sebastião	108
	2º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Casais St. António	S. António	89
	2º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Ordasqueira	Stº Amaro	99
	25 - 3	Ventosa	Pedra	S. Sebastião	33
Agosto	3 - 5	Freiria	Colaria	Stª Ana	78
	16 - 20	Freiria	Poços	N. Srª do Livramento	79
	2ª Domingo	Ramalhal	Ameal	Stº António	25
	1ª Semana	Ramalhal	Casais Larana	S. José	21
	3ª Semana	Ramalhal	Vila Facaia	Divino Espírito Santo	24
	8 - 10	S. Pedro da Cadeira	Azenha Velha	N. Srª da Conceição	8
	10 - 15	Silveira	Casalinhos de Alfiata	S. José	58
	3 - 7	Silveira	Silveira	N. Srª do Amparo	57
	15	Turcifal	Carvalhal	Stª Bárbara	42
	1º Domingo	Turcifal	Casal Barbas	Stª Marta	40
	Último Domingo	Turcifal	Turcifal	Mato	36
	Último Sábado	Turcifal	Turcifal	Troféu Feira do Mato	41
	10 - 14	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Maceira	N. Srª da Conceição	77
	24	UF Campelos e Outeiro da Cabeça	Outeiro da Cabeça	Anual	81
	15 - 19	UF Carvoeira e Carmões	Aldeia Nª Srª Glória	Anual em Aldeia Nª Srª Glória	65
	Último Fim-de-Semana	UF Carvoeira e Carmões	Alfeiria		90
	10 - 12	UF Carvoeira e Carmões	Carreiras	Anual em Carreiras	59
	24 - 27	UF Carvoeira e Carmões	Curvel	Anual em Curvel	61
	3 - 5	UF Carvoeira e Carmões	Serra de S. Julião	Anual em Serra de S. Julião	34
	2º Domingo	UF Dois Portos e Runa	Furadouro	N. Srª da Guia	67
	15	UF Maxial e Monte Redondo	Ereira	N. Srª da Conceição	4
	1º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Folgorosa	S. Sebastião	9
	2º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Maxial	Stª Susana	106
	Variável	UF Torres Vedras e Matacães	Fonte Grada	Nª Srª da Nazaré	29
	4º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Matacães	Nª Srª Oliveira	91
	2ª Semana	UF Torres Vedras e Matacães	Orjariça	N. Srª Nazaré	16
	Variável	UF Torres Vedras e Matacães	Paúl	Nª Srª da Piedade	30
	1º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Ribeira Matacães	Martir S. Sebastião	101
	1ª Semana	UF Torres Vedras e Matacães	Serra da Vila	N. Srª da Pena	18
	15	UF Torres Vedras e Matacães	Torres Vedras	Stª Maria	7
	28 - 31	Ventosa	Bordinheira	S. Francisco	93
	28 - 31	Ventosa	Figueiras	Stª Cristina	86
	8 - 16	Ventosa	Murteira	Stª Cristina	83
	17 - 23	Ventosa	S. Mamede	S. Mamede	92

PLANO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS

TORRES VEDRAS

Mês	Data de início / fim	Freguesia	Localidade	Designação	Código Identificação
Setembro	2º Domingo	Ramalhal	Ramalhal	N. Srª da Ajuda	26
	16 - 17	S. Pedro da Cadeira	Coutada	N. Srª da Esperança	11
	2ª Semana	S. Pedro da Cadeira	S. Pedro da Cadeira	S. Sebastião	19
	2º Domingo	Turcifal	Cadriceira	N. Srª da Nazaré	44
	8 - 10	UF A-dos-Cunhados e Maceira	A-dos-Cunhados	N. Srª da Luz	50
	Último Fim-de-Semana	UF A-dos-Cunhados e Maceira	Palhagueiras	S. José	47
	9	UF Carvoeira e Carmões	Carvoeira	Anual em Carvoeira	66
	1º Domingo	UF Dois Portos e Runa	Dois Portos	N. Srª dos Anjos	64
	29	UF Dois Portos e Runa	Runa	S. Miguel	53
	8	UF Maxial e Monte Redondo	Aldeia Grande	N. Srª da Misericórdia	107
	1º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Ermegeira	N. Srª da Purificação	1
	21	UF Maxial e Monte Redondo	Loubagueira	S. Mateus	110
	3º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Maxial	Sr. Jesus do Carvalhal	104
	1º Domingo	UF Maxial e Monte Redondo	Vila Seca	S. Sebastião	3
	Variável	UF Torres Vedras e Matacães	Figueiredo		28
	1º Domingo	UF Torres Vedras e Matacães	Matacães	Grupo Desportivo de Matacães	98
	2ª Semana	UF Torres Vedras e Matacães	Ribeira de Pedrinhos	Stª Basaliza e S. Julião	15
	4 - 7	Ventosa	Montengrão	Stª Cristina	87
Outubro	Fim- de-Semana Próximo de dia 20	Turcifal	Mugideira	N. Sr.ª Iria	45
	1º Fim-de-Semana	UF Campelos e Outeiro da Cabeça	Campelos		20
Novembro	11	UF Maxial e Monte Redondo	Aldeia Grande	S. Martinho	109
	11 - 12	Ventosa	Bonabal	S. Martinho	94
Dezembro	8	Ponte Rol	Ponte Rol	Festa N.ª Srª Conceição	85
	8	S. Pedro da Cadeira	Cambelas	N. Srª da Conceição	12
	8	Turcifal	Melroeira	N. Srª da Conceição	43
	13	UF Maxial e Monte Redondo	Vila Seca	Stª Luzia	5
	8	UF Torres Vedras e Matacães	Louriceira	Nª Srª da Conceição	31

Ao analisar o mapa e o quadro anteriores, facilmente se depreende que a maior parte das festas do concelho realizam-se no período estival com maior incidência nos meses de julho, agosto e setembro, período crítico à ocorrência de incêndios o que implica um controlo e fiscalização sobre a autorização de lançamento de artefactos pirotécnicos sem mecha acesa e fogo-de-artifício, por forma a evitar ocorrências resultantes da sua utilização.

Importa salientar que, segundo o artigo 29º do Decreto-Lei 124/2006 de 28 de Junho de 2006, na sua atual redação, durante o período crítico é proibido o lançamento de balões com mecha acesa e de quaisquer tipos de foguetes e a utilização de fogo-de-artifício ou outros artefactos pirotécnicos, que não os indicados anteriormente, está sujeita a autorização prévia da respetiva câmara municipal.

4. CARACTERIZAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ZONAS ESPECIAIS

4.1. OCUPAÇÃO DO SOLO

A Cartografia de ocupação do solo é fundamental para o ordenamento de território e monitorização ambiental. A ocupação do solo do concelho de Torres Vedras, bem como em grande parte do Território Português, é muito variável e complexa.

A atualização da Carta de Ocupação de Solo é essencial para uma correta caracterização do concelho, servindo como informação de base para a produção de informação mais complexa, nomeadamente a perigosidade e o risco de incêndio florestal. No entanto, a sua elaboração é extremamente morosa. Esta informação permite definir os eixos estratégicos com base na dinâmica territorial do concelho.

A Carta de Ocupação do Solo de 2007 (COS 2007) caracteriza com grande detalhe a ocupação/uso do solo no território de Portugal Continental. A nomenclatura utilizada é compatível com o *CORINE Land Cover* e, é constituída por um sistema hierárquico de classes de ocupação/uso do solo com cinco níveis, possuindo 193 classes ao nível mais detalhado. A informação cartográfica da COS 2007 encontra-se em formato vetorial e possui uma unidade mínima cartográfica de 1ha.

Quando analisada esta cartografia à escala municipal, considerou-se essencial proceder à atualização das áreas correspondentes à “Classe Social”, bem como à correção de erros de classificação detetados.

As atualizações efetuadas à COS 2007 foram efetuadas com base nos ortofotomapas 2010 e nos processos de licenciamento emitidos pelo município de Torres Vedras (MTV), por fotointerpretação. Todos os polígonos que foram alvo de correção foram assinalados na tabela de atributos. Os novos polígonos digitalizados não tiveram em consideração a área mínima cartográfica.

Assim, no presente plano optou-se por adquirir a COS 2007 - Nível V (versão oficial mais recente disponível na data de aquisição) à Direcção Geral do Território (DGT) e, sobre essa cartografia, procedeu-se à atualização da “Classe Social” com a digitalização de cerca de 2000 polígonos, referentes à criação de uma classe de uso do solo “Tecido urbano isolado”. Foi ainda feita a atualização dos polígonos das restantes classes de uso do solo “Social”

existentes na nomenclatura da COS 2007. Paralelamente foram também corrigidos todos os erros detectados na atribuição de códigos, na classificação da ocupação do solo nas restantes classes. Esta atualização originou ainda um conjunto de erros topológicos considerável, que tiveram de ser verificados e corrigidos individualmente.

Refira-se ainda que estes procedimentos foram fundamentais para garantir a integridade de informação referente à ocupação do solo, informação essa que é determinante e da qual depende muita da informação exigida na elaboração do presente PMDFCI.

A metodologia adotada pretendeu, acima de tudo, produzir uma cartografia de uso do solo o mais atualizada possível (face ao tempo disponível), visando minimizar as incompatibilidades que possam advir da confrontação desta informação com os restantes temas do PMDFCI e com os Instrumentos de Gestão Territorial (IGT).

O Mapa 11 do Anexo I e o Quadro 7 apresentam a distribuição da ocupação / uso do solo, por freguesia.

Em termos de utilização do solo, constata-se que Torres Vedras é um concelho perfeitamente rural, a utilização agrícola (18.452,59ha) e a florestal (9.796,82ha) representam cerca de 69,4% da área total do concelho (28.249,41ha), os incultos ocupam 7060,93ha o que corresponde a 17,3% e, as áreas sociais ocupam 4.973,72ha (12,2%). No que se refere aos improdutivos e massas de água, essas são as classes menos representativas do território municipal, correspondendo respetivamente a 396,6ha e a 39ha.

Em comparação com a carta de ocupação do solo apresentado no PMDFCI anterior, constatou-se uma redução considerável dos incultos, que se traduziu essencialmente num aumento de agricultura e áreas sociais e de forma menos significativa também da floresta, facto bastante positivo, uma vez que se começa a verificar a tendência do decréscimo de terrenos “abandonados” ocupados com matos e o regresso à utilização da “terra”.

No que respeita à área social (áreas urbanas, equipamentos sociais e rede viária), a freguesia que apresenta maior área é a UF de Torres Vedras e Matacães (1.148,79ha), enquanto que as freguesias de Freiria (134,23ha), Ponte do Rol (160,99ha) e UF Carvoeira e Carmões (181,32ha) têm a menor área social.

Relativamente à ocupação agrícola, são a UF Dois Portos e Runa (2427,32ha) e a UF A dos Cunhados e Maceira (2323,03ha) aquelas que apresentam maior área com esta ocupação, sendo as freguesias de Ponte do Rol e Ramalhal as que apresenta menor área de agricultura com, respetivamente, 507,92ha e 623,64ha.

As freguesias que apresentam maior área florestal são: Ramalhal (2.248,41ha) UF Maxial e Monte Redondo (1.974,42ha), UF Torres Vedras e Matacães (1461,28ha), UF A dos Cunhados e Maceira (1.265,02ha) e UF Campelos e Outeiro da Cabeça (1.193,63ha). As freguesias que apresentam menor área florestal são as da Ventosa e São Pedro da Cadeira. Analisando a representatividade da ocupação florestal por área de cada freguesia, constata-se que a freguesia do Ramalhal e a UF Maxial e Monte Redondo são nitidamente florestais, pois apresentam respetivamente 60,9 % e 51,4% da sua área florestada.

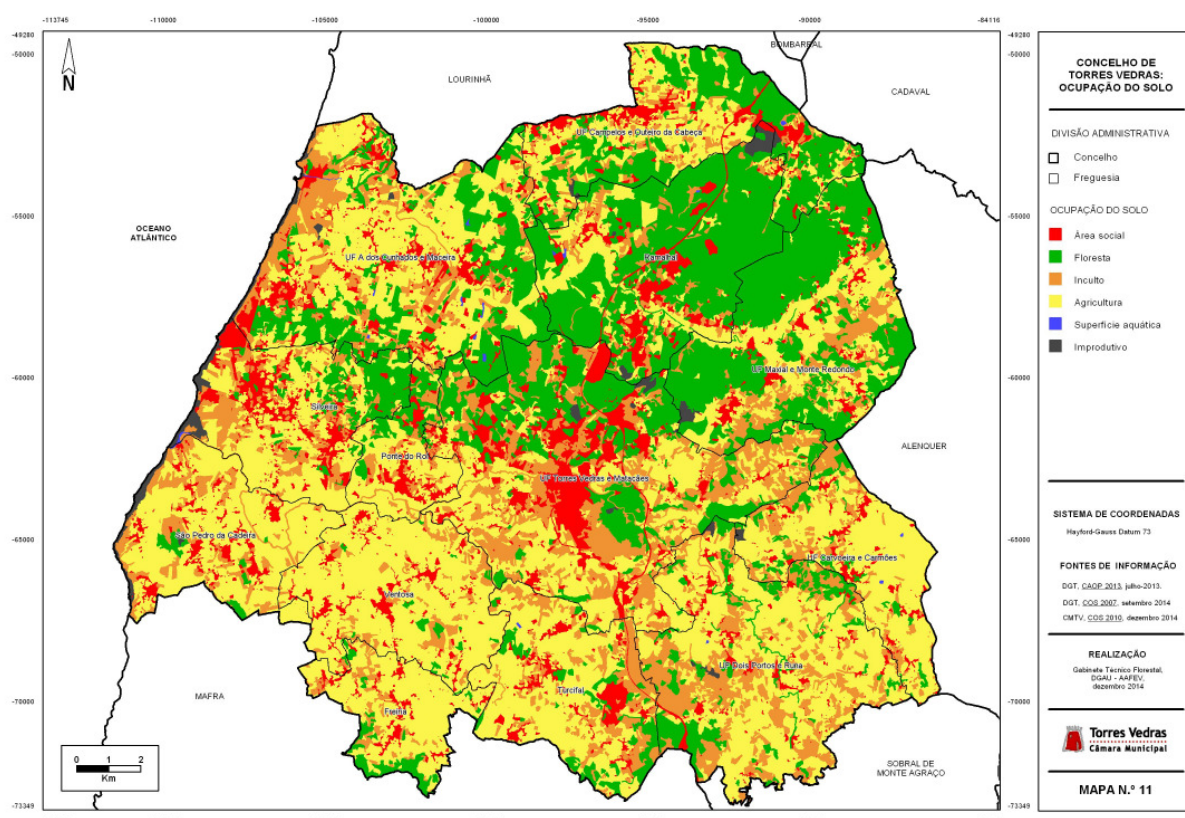
Em termos de área ocupada por incultos, as UF Torres Vedras e Matacães (1.687,63ha), Dois Portos e Runa (1.152,19ha) e A dos Cunhados e Maceira (912,92ha) são as mais representativas, sendo que Ponte do Rol e Freiria são as freguesias com menor área deste tipo de ocupação, com 125,74ha e 144,29ha respetivamente.

No que diz respeito aos improdutivos, as freguesias de Freiria, Ponte do Rol, Turcifal e Ventosa não apresentam este tipo de ocupação. São as freguesias de Silveira e São Pedro da Cadeira que apresentam maior área de improdutivos, justificados pelas escarpas e areal característicos destes locais.

A Rede Hidrográfica e outras massas de água do concelho ocupa maior área na UF de A dos Cunhados o que corresponde, essencialmente, a charcas utilizadas para agricultura de regadio (hortícolas).

PLANO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA CONTRA INCÊNDIOS

TORRES VEDRAS



Mapa 11 - Ocupação do Solo, no concelho de Torres Vedras.

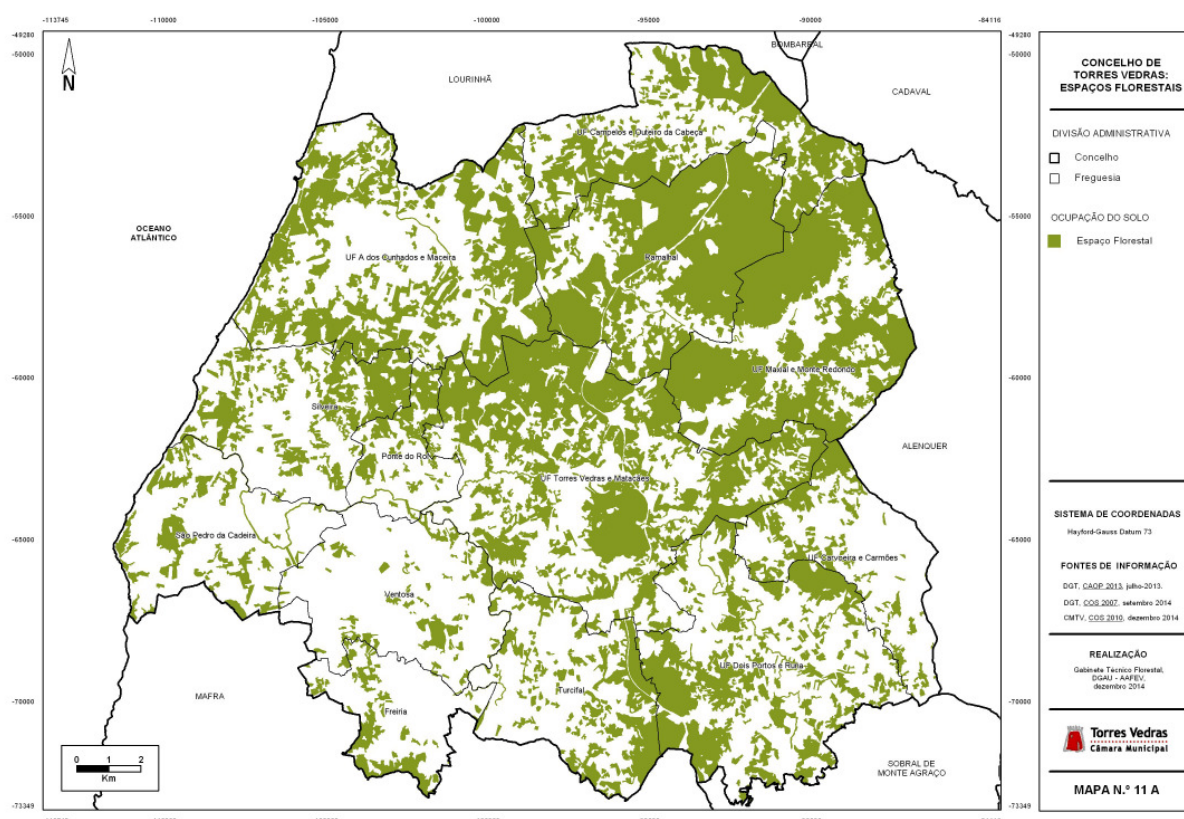
Quadro 7. Uso e ocupação do solo, do concelho de Torres Vedras.

FREGUESIA	OCUPAÇÃO DO SOLO (ha)					
	Áreas Sociais	Agricultura	Floresta	Incultos	Improdutivos	Superfícies Aquáticas
Freiria	134,23	938,71	144,62	125,74	0,00	0,00
Ponte do Rol	160,99	507,92	154,10	144,29	0,00	0,00
Ramalhal	446,90	623,64	2248,41	300,04	62,16	5,25
São Pedro da Cadeira	266,36	1603,45	59,02	384,58	70,45	1,37
Silveira	495,30	1085,47	387,51	436,64	87,56	4,39
Turcifal	290,89	1424,96	245,97	506,59	0,00	1,63
Ventosa	278,28	2023,58	49,74	246,56	0,00	0,00
UF A dos Cunhados e Maceira	690,02	2323,03	1265,02	912,92	61,15	20,74
UF Campelos e Outeiro da Cabeça	384,10	1090,00	1193,63	308,85	18,18	2,12
UF Carvoeira e Carmões	181,32	1419,13	140,59	343,72	9,54	2,48
UF Dois Portos e Runa	248,89	2427,32	472,51	1152,19	21,10	1,04
UF Maxial e Monte Redondo	247,66	1080,63	1974,42	511,18	24,81	0,00
UF Torres Vedras e Matações	1148,79	1904,75	1461,28	1687,63	41,71	0,00
Município	4973,72	18452,59	9796,82	7060,93	396,66	39,01

Quando analisada a ocupação do solo numa perspetiva de prevenção e combate a incêndios florestais têm de ser tidos em consideração todos os espaços florestais.

Os espaços florestais englobam todos os terrenos ocupados com floresta, matos e pastagens ou outras formações vegetais espontâneas. O concelho de Torres Vedras possui 16.857,75ha de espaços florestais (Mapa 11A do anexo I).

Os espaços florestais estão distribuídos um pouco por todo concelho de Torres Vedras, embora apresentem maior continuidade no interior norte do concelho.



Mapa 11 A - Espaços Florestais, no concelho de Torres Vedras.

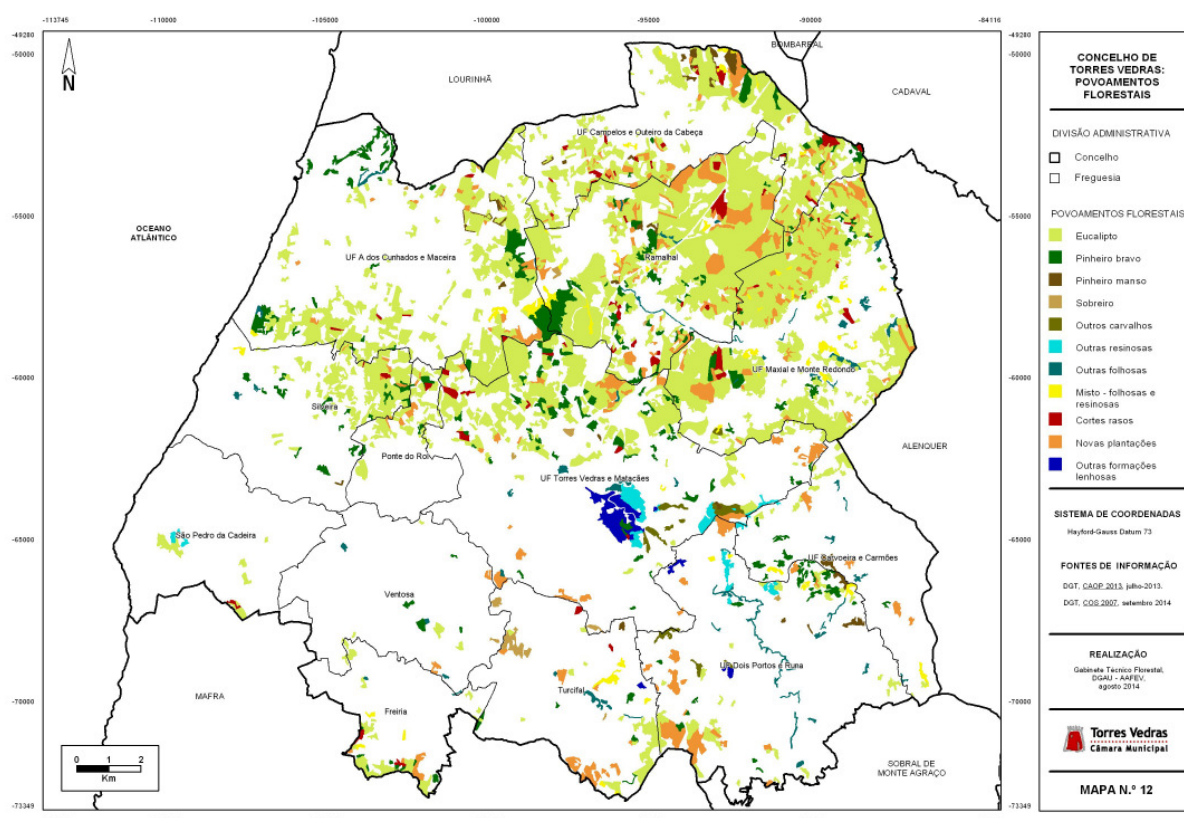
4.2. POVOAMENTOS FLORESTAIS

Da apreciação do Mapa 12 do Anexo I e do Quadro 8, constata-se que o eucalipto é a espécie florestal mais representativa do concelho de Torres Vedras, uma vez que ocupa cerca de 67,8% da sua área florestal. Dado que as áreas correspondentes a novas plantações e a cortes rasos também correspondem, na sua maioria, a povoamentos florestais de eucalipto, a sua contabilização aumenta o valor desta espécie para mais de 80%. Em seguida surge o pinheiro bravo, ocupando aproximadamente 8,8% da área florestal do concelho.

As restantes espécies florestais ocupam menos de 2% da área florestal do concelho tendo muito pouca expressividade sendo de salientar no entanto que, gradualmente, tem-se verificado um acréscimo das áreas arborizadas com pinheiro manso. Os povoamentos florestais mistos são ocupados também por eucalipto e pinheiro bravo, na sua grande generalidade.

Pela observação da distribuição das espécies florestais por freguesia, depreende-se que o eucalipto é a espécie que domina em todas as freguesias. O máximo de distribuição encontra-se nas freguesias do Ramalhal (1639ha) e UF Maxial e Monte Redondo (1525ha) o que é expectável, uma vez que estas são as freguesias com mais área florestal.

No interior sul do concelho constata-se a existência de um maior número de espécies florestais e não se verifica a existência de áreas contínuas tão grande como nas freguesias a norte.



Mapa 12 - Povoamentos Florestais, no concelho de Torres Vedras.

A existência de povoamentos contínuos de espécies altamente inflamáveis como o eucalipto e, geradoras de grande número de projeções que atingem grandes alcances, são motivo de preocupações e indicam a necessidade da tomada de medidas preventivas de DFCI, tais como: aumento da vigilância, operações de silvicultura preventiva para redução da carga combustível e criação de descontinuidades verticais aliadas à criação de mosaico e fomento da introdução de folhosas de crescimento lento (menos inflamáveis), essencialmente nas freguesias a norte do concelho.

Nas áreas contínuas de eucalipto, é essencial sensibilizar os proprietários para uma gestão florestal efetiva e conjunta, pensando nas áreas arborizadas como um todo e não à escala da propriedade, assim poder-se-ão constituir mosaicos recorrendo a diferentes idades dos povoamentos e, as zonas sujeitas a corte raso poderão ser utilizadas como zonas de interrupção de combustível, sendo para isso essencial os proprietários eliminarem os sobrantes de corte, recorrendo ao uso da técnica de fogo controlado, ou à sua remoção ou estilhaçamento e inserção do solo, sempre tendo como objetivo a redução da perigosidade dos incêndios florestais.

Quadro 8. Distribuição das espécies florestais, do concelho de Torres Vedras

FREGUESIA	POVOAMENTO FLORESTAL (ha)											
	Eucalipto	Pinheiro Bravo	Pinheiro Manso	Sobreiro	Outros carvalhos	Outras Folhosas	Outras Resinosas	Outras Formações Lenhosas	Cortes Rasos	Novas Plantações	Misto Folhosas e Resinosas	Misto Resinosas e Folhosas
Freiria	93,57	13,19	0,00	0,00	0,00	1,38	0,00	0,00	9,50	19,00	7,98	0,00
Ponte do Rol	121,50	12,74	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	3,59	16,26	0,00	0,00
Ramalhal	1639,64	159,40	8,07	6,80	0,00	37,33	0,00	0,00	55,79	327,68	8,16	5,54
São Pedro da Cadeira	43,88	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	10,97	0,00	4,18	0,00	0,00	0,00
Silveira	311,11	53,75	1,09	0,00	0,00	8,35	0,00	0,00	1,83	11,37	0,00	0,00
Turcifal	89,53	16,02	4,02	33,38	0,00	14,27	0,00	3,05	6,14	57,12	22,44	0,00
Ventosa	17,76	13,61	0,00	2,18	0,00	6,76	0,00	0,00	0,00	9,43	0,00	0,00
UF A dos Cunhados e Maceira	912,02	222,27	16,64	1,00	0,00	16,30	0,00	0,00	8,79	61,05	17,15	9,79
UF Campelos e Outeiro da Cabeça	886,93	59,09	42,48	0,00	0,00	0,34	0,00	0,00	57,47	125,36	17,96	4,01
UF Carvoeira e Carmões	50,00	24,97	10,76	0,00	0,00	11,55	5,61	0,00	0,00	25,25	0,00	12,45
UF Dois Portos e Runa	119,76	47,89	16,86	2,10	16,66	53,94	30,07	16,02	0,00	154,08	7,81	7,32
UF Maxial e Monte Redondo	1525,12	79,65	0,00	0,00	3,82	51,10	0,00	0,00	37,08	227,57	40,94	9,14
UF Torres Vedras e Matações	819,92	163,96	5,07	11,56	47,09	19,27	90,93	111,71	38,51	151,00	2,27	0,00
Município	6630,73	866,54	105,00	57,02	67,57	220,60	137,57	130,78	222,88	1185,17	124,72	48,24

4.3. ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 E REGIME FLORESTAL

ÁREA PROTEGIDA DE INTERESSE LOCAL

O concelho de Torres Vedras possui, desde Maio de 2012, uma área protegida de interesse local, ao abrigo do Decreto-lei nº 142/2008, de 24 de Julho: Área de Paisagem Protegida das Serras do Socorro e Archeira (APPSSA). Pretende seguir as orientações da Convenção Europeia da Paisagem (CEP) que tem como principal objetivo promover a proteção, gestão e ordenamento da paisagem, fundamentadas em iniciativas de participação e envolvimento da população local.

A APPSSA abrange 1223 hectares e distribui-se maioritariamente pela freguesia do Turcifal e UF Dois Portos e Runa, englobando ainda pequenas áreas da UF de Torres Vedras e Matacães. A sul confina com o Concelho de Mafra, onde se desenvolve a encosta Sul da Serra do Socorro. Esta área destaca-se da envolvente em termos de relevo e é constituída pelas Serras do Socorro e da Archeira, Serra da Galharda e Serra do Monte Deixo.

A APPSSA constitui um local onde se verifica a presença de elementos com valor patrimonial em termos naturais, históricos, culturais e paisagísticos. No que diz respeito à biodiversidade de flora, apresenta estruturas vegetais com cercais e matagais, mosaico agrícola e florestal e estruturas ripícolas em diversos estádios de equilíbrio ao longo das linhas de água, onde espécies como orquídeas ocorrem com frequência. Relativamente à Serra do Socorro, esta é constituída maioritariamente por povoamentos florestais de eucaliptos, dada a elevada produtividade do solo, sendo considerada como montra tecnológica pelo Grupo Portucel-Soporcel.

A fauna da APPSSA integra aves tais como: Cartaxo, Cuco, Estorninho preto, Melro, Pintassilgo, Trigueirão e Peneireiro - vulgar; diferentes mamíferos, entre os quais a Geneta, Texugo, Raposa, Coelho bravo, Fuinha, Ouriço-cacheiro, Saca - rabos e Toirão e várias espécies de borboletas: *Papilio machaon*, *Iphiclides feisthamelli*, *Zerynthia rumina*, *Thymelicus sylvestris*, *Pieris brassicae*, *Pieris rapae* e *Colias croceus*.

Na APPSSA foi criado um equipamento educativo, o Centro Interpretativo da APPSSA (na antiga Escola Primária do Figueiredo). Este espaço é utilizado para divulgação da Área de Paisagem Protegida, presta apoio às atividades do Plano de Educação Ambiental da APPSSA,

pelos serviços educativos da Câmara Municipal, bem como apoio a outras iniciativas a dinamizar na área protegida.

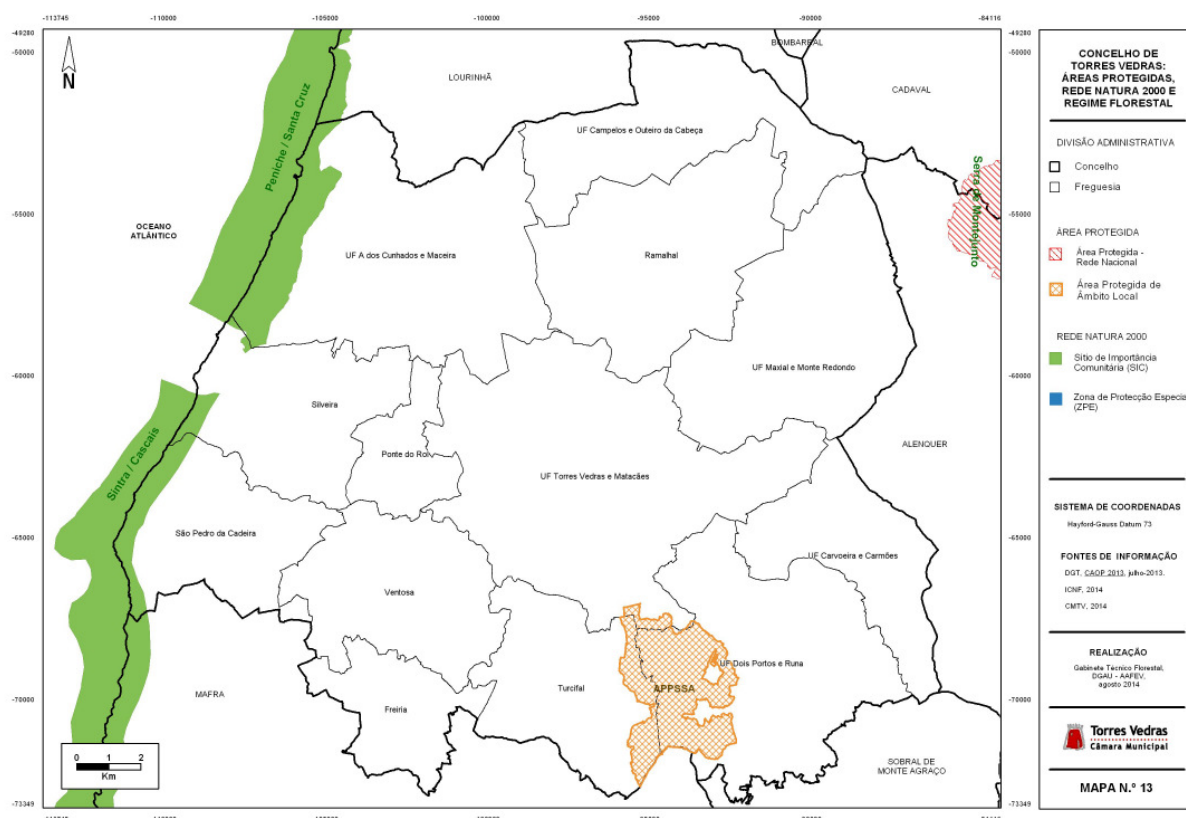
REDE NATURA 2000

A área de intervenção do município de Torres Vedras encontra-se abrangida pelo Plano Sectorial da Rede Natura 2000 (PSRN2000) - Sítio Peniche / Santa Cruz (fase 2) e Sítio Sintra / Cascais (fase 1) em cerca de 2.7% da área total do Concelho. Esta área, com cerca de 1.093ha, corresponde a oito habitats de Rede Natura 2000, que incluem galerias e matos ribeirinhos; Falésias com vegetação das costas mediterrânicas; Vegetação anual das zonas de acumulação de detritos pela maré; Dunas móveis embrionárias; Dunas fixas com vegetação herbácea; Dunas com prados; Dunas litorais com *Juniperus* spp, entre outros.

Esta área não tem grande influência em termos de DFCI, pois abrange unicamente as arribas da faixa litoral.

REGIME FLORESTAL

No concelho de Torres Vedras não existem áreas sujeitas a regime florestal.



Mapa 13 - Áreas Protegidas e Rede Natura 2000, no concelho de Torres Vedras.

Em termos de DFCI e, tendo em conta o histórico das ocorrências de incêndios registadas nessa área, durante o período crítico, está localizada na Serra do Socorro uma equipa de AFOCELCA, para efetuar a vigilância e 1ª intervenção e, por outro lado, desempenhar um papel dissuasor e de sensibilização. Nesta área têm também sido desenvolvidas várias ações de sensibilização para a DFCI e de promoção e demonstração de boas práticas florestais.

4.4. INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL

Os Planos de Gestão Florestal (PGF), de acordo o Decreto-lei nº 16/2009, de 14 de Janeiro, são instrumentos de administração dos espaços florestais, que determinam no espaço e no tempo, as intervenções de natureza cultural e de exploração dos recursos, visando a produção sustentada dos bens e serviços e tendo em conta as atividades e usos dos espaços envolventes. De acordo do Plano Regional de Ordenamento Florestal do Oeste (PROF Oeste),

ficam sujeitos à elaboração de PGF todas as explorações florestais e agroflorestais privadas com área igual ou superior a 25ha, todas as explorações florestais e agroflorestais públicas e comunitárias, as explorações florestais e agroflorestais que se candidatam a fundos públicos ou comunitários para a valorização da floresta e as Zonas de Intervenção Florestal (ZIF).

No concelho, existem várias propriedades com PGF aprovados, num total de 7.119ha, dos quais 207ha correspondem a 9 PGF de privados, conforme se apresenta no Mapa 14 do Anexo I. No entanto desconhecem-se os seus gestores uma vez que o ICNF não nos facultou essa informação.

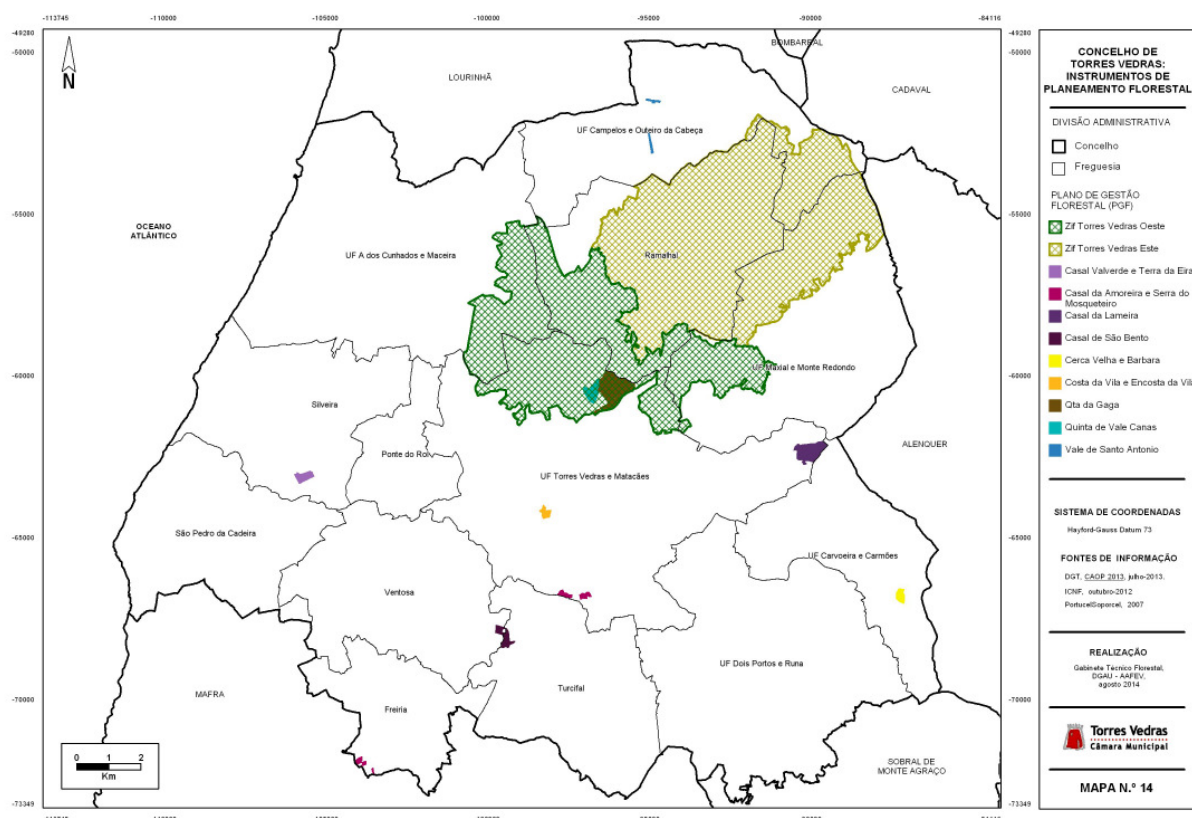
A ZIF, de acordo com o Decreto-lei nº 27/2014 de 18 de fevereiro, é uma área territorial continua delimitada, constituída maioritariamente por espaços florestais, submetida a um PGF e a um Plano Especifico de Intervenção Florestal (PEIF) e administrada por uma única entidade, que se denomina Entidade Gestora da ZIF.

Com o objetivo de promover a gestão sustentável dos espaços florestais e de reduzir as condições de ignição e de propagação de incêndios a CMDF do concelho de Torres Vedras propôs a constituição de duas ZIF, em áreas florestais contínuas distintas. Nesse sentido a Associação de Produtores Agrícolas e Florestais da Estremadura (FLOREST), como entidade gestora, e em colaboração com a Câmara Municipal de Torres Vedras, avançou com a constituição da ZIF Torres Vedras Este e ZIF Torres Vedras Oeste, ambas no concelho de Torres Vedras (Mapa 14 do anexo I).

A ZIF Torres Vedras - Este (ZIF nº 120, processo nº116/08-AFN, Despacho nº 9859/2010 de 11 de junho de 2010), tem uma área de 3.954,23 ha, encontrando-se distribuída pelas freguesias do Ramalhal, UF Maxial e Monte Redondo e UF Campelos e Outeiro da Cabeça.

A ZIF Torres Vedras - Oeste (ZIF nº 109, processo nº 200/08-AFN, Despacho nº 4401/2010), abrange 2.958 ha, encontrando-se distribuída pelas freguesias do Ramalhal, UF A dos Cunhados e Macieira, UF Torres Vedras e Matações e UF Maxial e Monte Redondo.

Com a aprovação destas ZIF a maioria da área florestal do Concelho passou a estar sujeita a PGF e Plano Especifico de Intervenção Florestal (PEIF), o que permite a correta gestão dessas áreas e a sua integração no sistema de DFCI municipal.



Mapa 14 - Instrumentos de Planeamento Florestal, no concelho de Torres Vedras.

Os PGF apresentados no mapa anterior são uma mais-valia para o concelho de Torres Vedras, pois garantem uma boa base de planeamento, ordenamento e gestão florestal, e consequentemente uma boa estratégia de resiliência do território aos incêndios florestais.

4.5. EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E PESCA

ZONAS DE CAÇA

Do ponto de vista cinegético, o concelho de Torres Vedras encontra-se ordenado, sendo que a caça é uma atividade lúdica/desportiva de grande relevância.

As **Zonas de Caça Associativa (ZCA)** são constituídas com o intuito de incrementar e manter o associativismo dos caçadores conferindo-lhes, desta forma, a possibilidade de exercerem gestão cinegética.

As **Zonas de Caça Municipal (ZCM)** são áreas criadas para proporcionar a prática da caça a um número maximizado de caçadores em condições especialmente acessíveis.

As **Zonas de Caça Turística (ZCT)** são implementadas de forma a privilegiar o aproveitamento económico dos recursos cinegéticos, garantindo a prestação de serviços turísticos adequados.

As 16 ZCA estão distribuídas por todo o concelho, numa extensão de 26.864,77 ha, com exceção da UF A-dos-Cunhados e Maceira, na qual estão localizadas as 2 ZCM com 4.128,17 ha. A única ZCT (675,75 ha) existente abrange parte da UF Campelos e Outeiro da Cabeça e a freguesia da Moita dos Ferreiros, no Concelho da Lourinhã.

ZONAS DE PESCA

Quanto às zonas de pesca, o concelho de Torres Vedras não possui nenhuma demarcada.

EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO

No concelho de Torres Vedras existe um número considerável de equipamentos florestais de recreio distribuídos por todo o município, conforme se apresenta no Mapa 15 do Anexo I, que vão desde parques de merendas, parques de campismo, observatórios de aves, centro interpretativo, ciclovias e percursos pedestres.

Os parques de merendas distribuem-se por todo o concelho com exceção da freguesia de Ventosa e Freiria, num total 21 equipamentos.

Ambos os parques de campismo do concelho localizam-se em Santa Cruz, na freguesia de Silveira junto à linha de costa.

No território municipal existem 6 observatórios de aves, distribuídos pelas freguesias de Silveira, Turcifal e UF Torres Vedras e Matacães, inseridos no Projecto Torres Vedras Birdwatching - Um olhar sobre as aves que tem como objetivo promover o turismo de natureza, nomeadamente a observação de aves.

Na APPSSA existe um Centro Interpretativo que é utilizado para a realização de atividades de educação ambiental e divulgação dessa área protegida.

No concelho de Torres Vedras existe uma rede de 5 ciclovias.

As ciclovias de lazer foram criadas para proporcionarem aos amantes da natureza e dos passeios de bicicletas o usufruto de paisagens de rara beleza através de uma via exclusiva a ciclistas. O concelho dispõe de 3 ciclovias de lazer: Ciclovia - Santa Rita - Santa Cruz, Ecopista do Sizandro e Ciclovia Santa Cruz- Foz do Sizandro.

A Ciclovia - Santa Rita - Santa Cruz, com uma extensão de 7,16 Km, faz a ligação entre a Praia de Santa Rita e a Praia de Santa Cruz, compreendida entre a suavidade das dunas e a frescura das arribas.

A Ecopista do Sizandro é uma via ciclável que une a Cidade de Torres Vedras à marginal atlântica, onde se intersecta com a Ciclovia Santa Rita - Santa Cruz. Trata-se de um percurso que acompanha as margens do rio, proporcionando um passeio no meio rural e litoral numa extensão de 23,6 km.

A Ciclovia Santa Cruz - Foz do Sizandro desenvolve-se numa paisagem litoral, com uma extensão de 4,6 Km e permite a intersecção com a Ciclovia Santa Rita-Santa Cruz e a Ecopista do Sizandro.

Com o objetivo de promover a utilização da bicicleta em meio urbano a autarquia levou a cabo, em Novembro de 2010, um Estudo Prévio para a elaboração do Plano da Rede de Ciclovias de Torres Vedras. Deste Estudo Prévio, já estão executados dois troços: a Ciclovía do Barro e a Ciclovía “linha das Escolas”.

A Ciclovía do Barro, com 3,2 km, desenvolve-se em ambiente urbano aproveitando as áreas planas da cidade. Considerando-se o sentido de Sul para Norte, inicia-se no Barro, passa pelo Parque Verde da Cidade e termina na Expotorres. O traçado da ciclovía acompanha maioritariamente a ribeira da Conquinha, onde o Município tem realizado um trabalho de plantações com vista à recuperação da galeria ripícola. Faz ligação com a Ecopista do Sizandro.

A Ciclovía “LINHA DAS ESCOLAS” insere-se no projeto da rede de ciclovias urbanas para a cidade de Torres Vedras, com uma extensão de 1,3 km e tem o seu percurso junto às escolas da cidade.

Os percursos pedestres demarcados no concelho de Torres Vedras, perfazem uma extensão de 288 km distribuídos por 13 percursos, sendo que são 10 Pequenas Rotas, 1 Eco-Caminho e 2 Grandes Rotas intermunicipais.

A Rota do Vinho e da Vinha (PR1 TVD) é um percurso circular com uma extensão de 15 km percorridos na UF de Dois Portos e Runa. Afamada pelas suas quintas e adegas, esta freguesia, segundo muitos especialistas, reflete o que de melhor vinho se produz no concelho.

A Rota do Atlântico (PR2 TVD) é um percurso linear, de 11,5 km, que permite desfrutar de lugares magníficos, quer do espaço urbano, quer das praias que se perdem de vista e acompanham todo o percurso. É percorrida nas UF de A-dos-Cunhados e Maceira e Silveira.

A Rota das Lapas (PR3 TVD) é um percurso circular com uma extensão de 17 km, que abrange a UF do Maxial e Monte Redondo e a UF de Torres Vedras e Matacães. A Quinta das Lapas, uma das mais belas da Região, classificada pelo IPAR, como bem imóvel de interesse público, atualmente funciona como centro de recuperação de toxicodependentes. O seu conjunto de casas e jardins representa um dos exemplos mais significativos dos efeitos teatrais

perseguidos pela arquitectura civil barroca, inspirada em modelos eruditos do renascimento italiano.

O PR4 TVD - Rota do Castro Zambujal é um percurso circular com um total de 16 km. O Castro do Zambujal é um povoado fortificado da Idade do Cobre ou Calcolítico datado do 3.º milénio a.C. Situado num esporão rochoso na margem direita da Ribeira de Pedrulhos, afluente do Rio Sizandro. Descoberto em 1932 por Leonel Trindade, foi escavado ao longo da década de 60 e inícios de 70 pelo Instituto Arqueológico Alemão. Trata-se de uma fortificação Pré-Histórica com quatro muralhas e torres e, que teve ocupação humana ao longo de, pelo menos, 800 anos.

A Rota do Vento (PR5 TVD) é um percurso circular com um total de 14 Km na freguesia da Freiria, que tem início no jardim central em frente à Igreja Matriz de São Lucas, em Freiria. Trata-se de um percurso em que predomina uma paisagem agrícola constante, nomeadamente as vinhas e estufas hortícolas.

A Rota da Luz (PR6 TVD) é um percurso circular com uma extensão total de 23 Km percorridos na UF de Carvoeira e Carmões. Conhecida como uma das mais antigas do concelho, esta freguesia espelha a magnitude da importância vinícola através das suas encostas viçosas repletas do divino néctar de Baco.

O PR7 TVD - Rota das Quintas, é um percurso circular de 13 km também na UF de Carvoeira e Carmões. O percurso inicia e termina em Carmões, passando por áreas essencialmente rurais, com particular destaque para vinhas.

A Rota dos Moinhos (PR8 TVD) tem início no Maxial e percorre 16 km da UF do Maxial e Monte Redondo. Permite a passagem por vários moinhos e zonas de interesse e miradouros naturais.

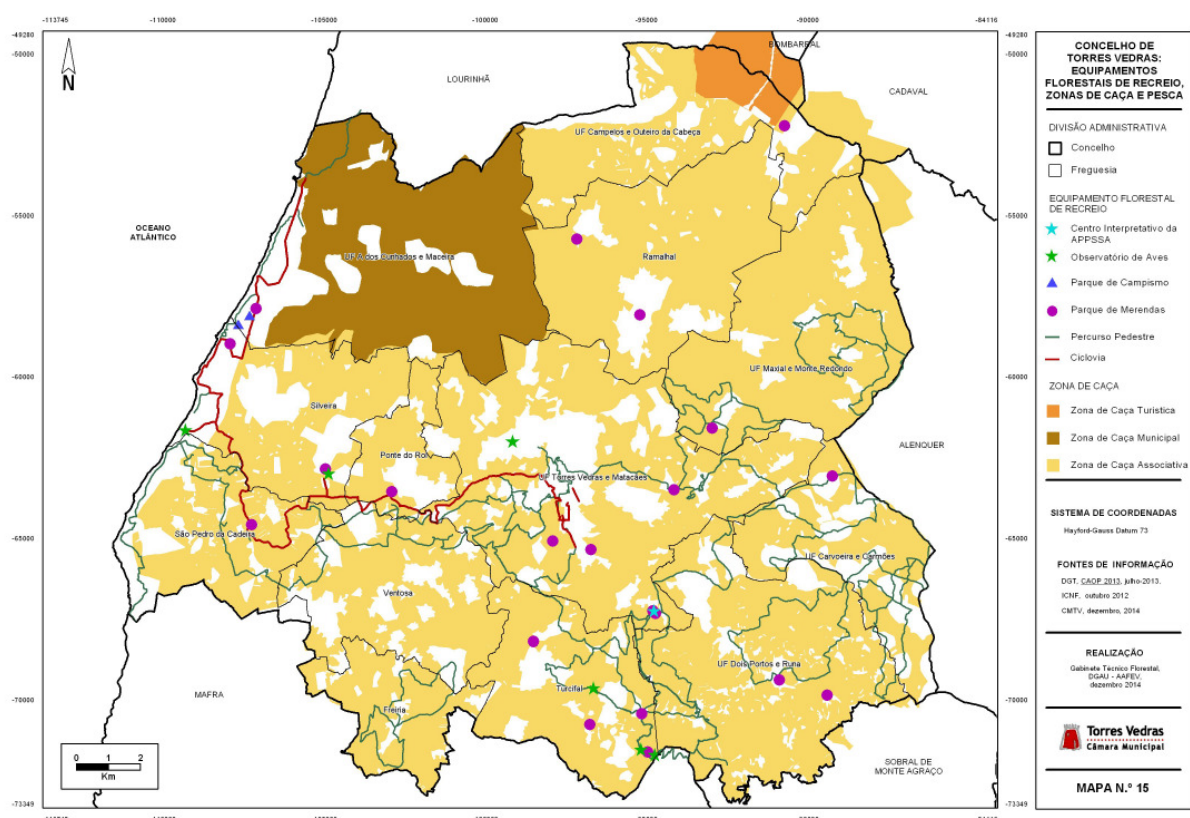
O PR9 TVD- Rota dos Encantos, é um percurso circular de 22 km, com o seu início e término junto à Igreja Matriz do Turcifal. Trata-se de um percurso que percorre sobretudo a freguesia do Turcifal, mas também uma pequena parte das UF de Torres Vedras e Matacães e Dois Portos e Runa. Destaca-se a passagem junto à encantadora Capela do Espírito Santo, a vista deslumbrante do topo da Serra do Socorro, onde se situa a Ermida de N. Sr.a do Socorro e a

passagem junto ao Centro de Interpretação da Área de Paisagem Protegida das Serras do Socorro e Archeira, situado junto a Figueiredo.

O Eco - Caminho da Serra do Socorro faz a ligação entre o Turcifal e a Serra do Socorro, com um total de 5,7km, passando por diversos pontos de interesse. Neste percurso existem 3 observatórios de aves e, como equipamento de lazer, um parque de merendas.

As Rotas da Serra da Archeira e da Serra do Socorro são percursos pedestres circulares em plena APPSSA, que permitem aos pedestrianistas olhar a paisagem e conhecer os recursos naturais, culturais e patrimoniais desta área. O grau de dificuldade é médio e tem uma extensão aproximada de 10km e 11km, respetivamente.

Relativamente às Grandes Rotas, a GR30- Grande Rota Linhas de Torres Vedras é um percurso pedestre circular, criado no âmbito da Rota Histórica das Linhas de Torres, que abrange o território dos 6 municípios que formam a Plataforma Intermunicipal das Linhas de Torres. O troço concelhio tem uma extensão de 112 Km, é formado por dois troços circulares e permite conhecer as principais edificações das Linhas de Torres, bem como os recursos naturais, culturais e patrimoniais do concelho. A GR11 - Grande Rota Caminho do Atlântico - Rede Natura do Oeste permite percorrer os Sítios classificados nos concelhos de Torres Vedras, Lourinhã e Peniche. Tem uma extensão total de 69.5 km.



Mapa 15 - Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca, no concelho de Torres Vedras.

Atendendo ao facto dos caçadores terem um grande conhecimento do território e que muitas zonas caça dispõem de guardas é fundamental manter a realização de ações de sensibilização e protocolos de colaboração para a vigilância da floresta e prevenção contra incêndios, de modo a tornar os caçadores em aliados na DFCI.

As zonas de recreio florestal provocam uma maior afluência de pessoas a esses locais, devendo ter-se por isso especial atenção em termos do risco de ocorrência de incêndios por atos negligentes, tais como o uso do fogo para a confeção de alimentos.

5. ANÁLISE DO HISTÓRICO E CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

O histórico dos incêndios florestais, no concelho de Torres Vedras, apresenta anualmente um valor significativo de ocorrências, predominantemente no período estival (atingindo o seu máximo no mês de outubro) e, na sua maioria, inferiores a 1ha.

Na maioria dos incêndios, os Bombeiros Voluntários de Torres Vedras (BVTV), apresentam tempos de chegada para a 1ª Intervenção muito curtos, justificando-se deste modo que a maioria das ocorrências tenha áreas ardidas inferiores a 1ha. No entanto, na última década, alguns tomaram proporções consideráveis, destacando-se 2 ocorrências na UF do Maxial e Monte Redondo: uma nos Casais de Santo António, em agosto de 2003, com 400ha de área florestal (mato e povoamento) e outra na Abrunheira, em setembro de 2012, com 178ha de área ardida de povoamento florestal.

De acordo com a tipologia dos concelhos por número de ocorrências e área ardida, definida pelo ICNF, o concelho de Torres Vedras está classificado como T3, pois apresenta muitas ocorrências e pouca área ardida.

Estatisticamente está identificado, a nível nacional, que 97% dos incêndios florestais registados em Portugal Continental tem origem em causas humanas, 42% dos quais devido a atos negligentes e 55% em resultado de ações intencionais, de acordo Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios (PNDFCI).

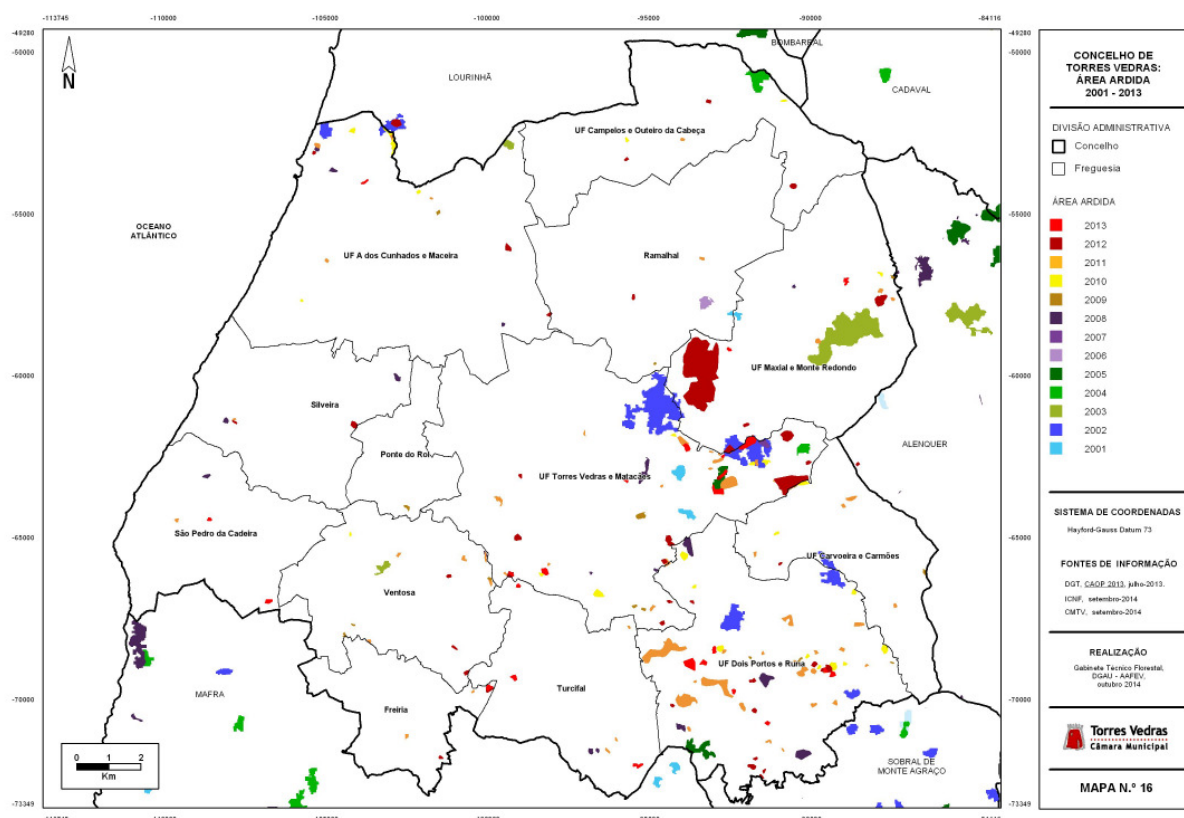
No concelho de Torres Vedras as causas dos incêndios são, na sua maioria, desconhecidas, embora se pressuponha que alguns tenham a sua origem em pequenas queimas e queimadas, com o objetivo de limpar as propriedades. Os incêndios ocorridos durante a noite indiciam intencionalidade.

5.1. ÁREA ARDIDA E NUMERO DE OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO ANUAL

O Mapa 16 do Anexo I apresenta a distribuição geográfica da área ardida no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013. De acordo com esta carta, a maioria dos incêndios nos últimos 13 anos concentra-se essencialmente nas UF Maxial e Monte Redondo, UF Torres Vedras e Matacães e UF Dois Portos e Runa, tendo 2003 sido o ano mais crítico em termos de área ardida.

A informação apresentada nesta carta tem critérios de digitalização variáveis em função dos anos em que foi realizada. Este facto advém da variação da dimensão mínima das áreas queimadas cartografadas, sendo que o ICNF cartografou as áreas iguais ou superiores a 5ha, desde 1995 e, entre 2006 e 2012, o Gabinete Técnico Florestal (GTF) cartografou as áreas iguais ou superiores a 0,5ha. Desde 2013, por deliberação da CMDF e tendo como objetivo uniformizar as áreas ardidas a nível distrital, optou-se por cartografar as áreas ardidas iguais ou superiores a 1ha.

De notar que os dados divergem dos expostos nos gráficos seguintes, embora ambos os dados sejam fornecidos pelo ICNF. De acordo com os esclarecimentos prestados pelo ICNF, esta situação deve-se ao facto de serem utilizadas imagens de satélite para delimitar as áreas ardidas espacialmente. No caso dos dados quantitativos, estes são fornecidos pelo CDOS.



Mapa 16 - Área Ardida, de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras.

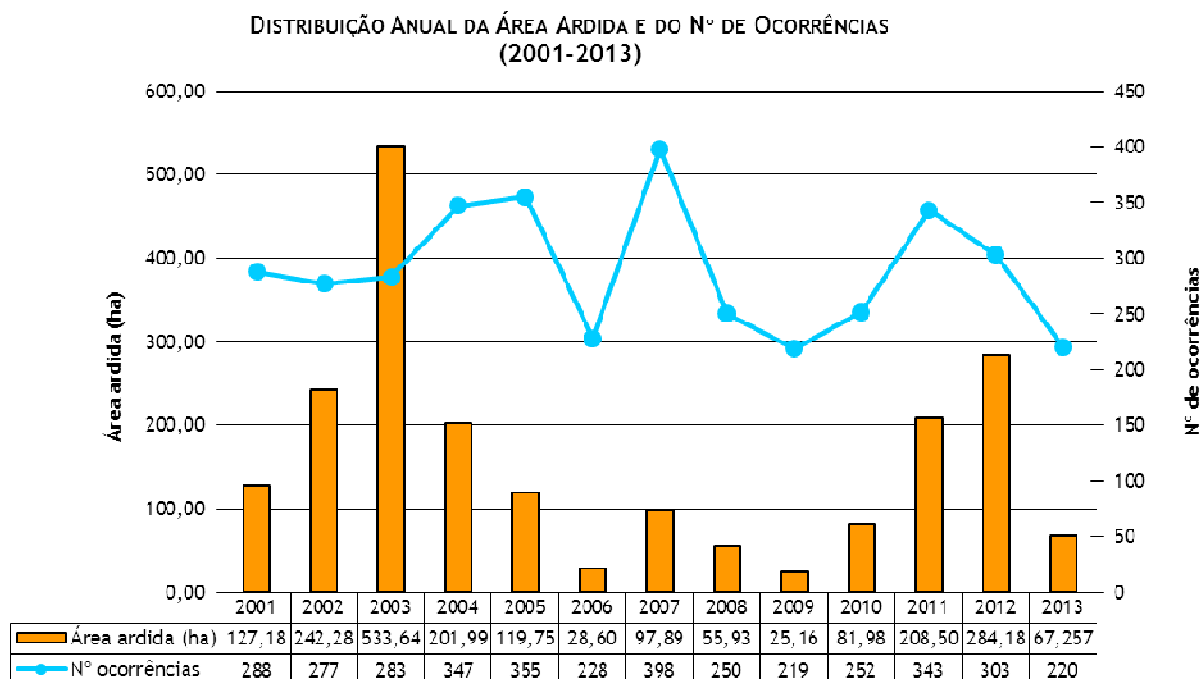


Figura 4. Distribuição anual da área ardida e do número de ocorrências, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.

Fonte: Sistema de Gestão de Informação de Incêndios Florestais (SGIF).

Pela análise da Figura 4, verifica-se que a área ardida nos últimos 13 anos foi oscilante, tendo o máximo sido alcançado em 2003, com aproximadamente 535ha ardidos. Esta situação resultou da conjugação de temperaturas elevadas e humidade relativa baixa, durante longos períodos, o que tornou este ano como um dos piores de sempre relativamente à área ardida em todo o país.

Os anos de 2006 e 2009 apresentam os valores de área ardida e ocorrências mais baixos dos últimos 13 anos, com 28,600ha e 228 ocorrências e 25,16ha e 219 ocorrências, respetivamente.

O número de ocorrências é variável ao longo do período em análise, registando o valor máximo em 2007 (398 ocorrências). Este parâmetro não tem implicações diretas na área ardida, no entanto, deve ser tido em consideração aquando da definição de políticas e medidas de DFCI, uma vez que tem forte influência na distribuição dos meios de combate e

na sua eficácia. Deverá ser dada prioridade à sensibilização da população rural, tendo em conta as suas necessidades no uso do fogo no decorrer das suas práticas agrícolas, bem como a medidas de fiscalização do cumprimento da legislação.

O total da área ardida no período 2001-2013 foi de 1.722,90ha, o que representa aproximadamente 10 % da área total de espaços florestais do município. Este indicador demonstra a eficácia das medidas estratégicas de prevenção e de combate adotadas neste território.

Relativamente a um ciclo de fogo, não é possível identificar nenhum padrão no Concelho embora se possa concluir que, tendencialmente, após um ano com áreas ardidas superiores a 300ha seguem-se cerca de 9 anos com áreas ardidas menos significativas.

Na Figura 5, representa-se graficamente os registos da distribuição da área ardida e do número de ocorrências em 2013 e média do quinquénio 2008-2012, por freguesia.

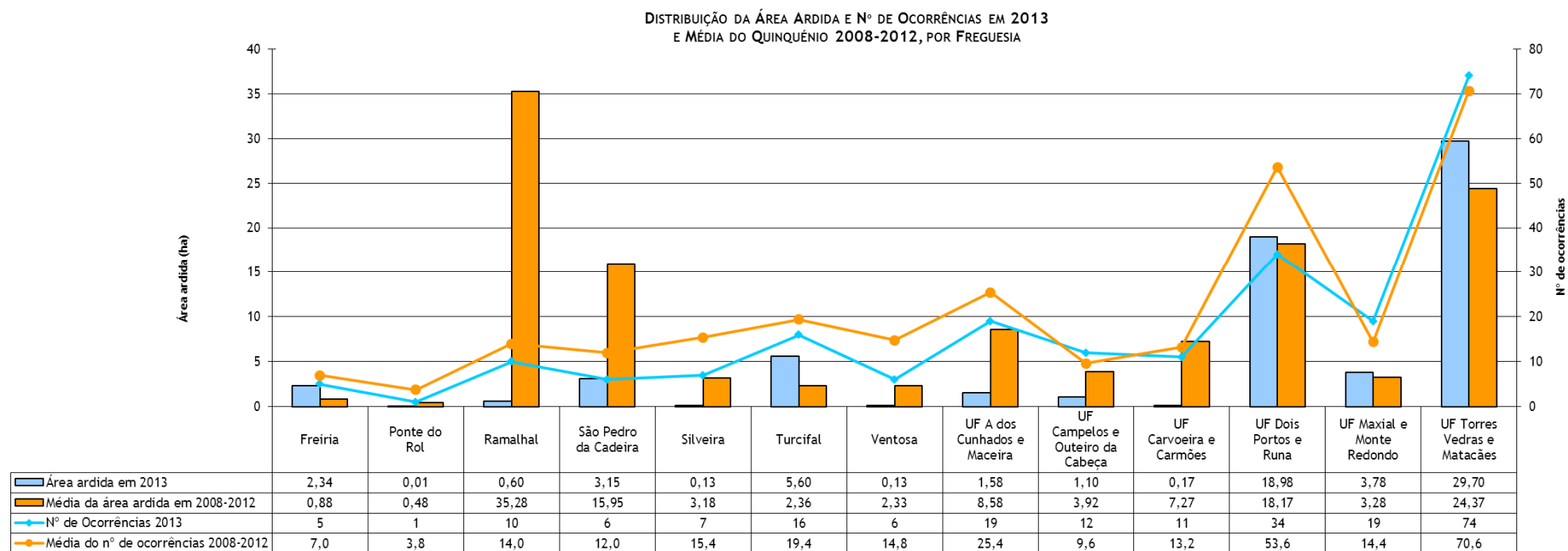


Figura 5. Distribuição da área ardida e do número de ocorrências em 2013 e média no quinquênio 2008-2012, por freguesia no concelho de Torres Vedras.

Fonte: SGIF

Relativamente à área ardida em 2013, verifica-se que o valor mais elevado se registou na UF Torres Vedras e Matacães (29,70ha) seguido da UF Dois Portos e Runa com 18,98ha. No entanto, para o quinquénio 2008-2012, a freguesia do Ramalhal foi a que apresentou o valor mais alto da média da área ardida, com 35,28ha, influenciado sobretudo pelo registo de um grande incêndio em 2012 com 172ha de área ardida sendo que, na realidade, esse incêndio se registou na UF Maxial e Monte Redondo, embora conste no SGIF como tendo ocorrido na freguesia do Ramalhal, localidade da Abrunheira.

Comparando as médias do quinquénio 2008-2012 com a área ardida em 2013 verifica-se que nas freguesias de Freiria, Turcifal, UF Dois Portos e Runa, UF Maxial e Monte Redondo, UF Torres Vedras e Matacães, a área ardida do último ano é ligeiramente superior à média.

No que se refere ao número de ocorrências, foi também na UF de Torres Vedras e Matacães e UF de Dois Portos e Runa que se registaram os valores mais elevados. A UF de Torres Vedras e Matacães, com 74 ocorrências, registou o maior número de ocorrências em 2013, e é também aquela que apresenta a maior média (70,6 ocorrências) no quinquénio 2008-2012, superior a qualquer outra freguesia deste concelho.

De salientar que a UF Dois Portos e Runa, apesar de não ser uma freguesia essencialmente florestal, apresenta uma predominância de terrenos incultos e agrícolas. Deste modo, conclui-se que a maioria destas ocorrências poderá estar relacionada com o tipo de práticas culturais utilizadas pela população rural, para a limpeza dos terrenos e eliminação de sobrantes agrícolas. Nesse sentido apostou-se, nos últimos anos, no reforço do investimento em ações de sensibilização. Em 2012 realizou-se uma sessão de formação / sensibilização no âmbito do Projeto “Floresta Segura” na localidade do Furadouro (UF de Dois Portos e Runa), tendo-se verificado uma redução significativa do número de ocorrências nessa freguesia.

As UF de Campelos e Outeiro da Cabeça, Maxial e Monte Redondo e UF Torres Vedras e Matacães foram as únicas freguesias onde o número de ocorrências registado em 2013 foi ligeiramente superior à média do quinquénio 2008-2012. Por outro lado as freguesias de Freiria, Ponte de Rol, São Pedro da Cadeira, Silveira e Ventosa destacam-se pelo menor número de ocorrências no ano de 2013, comparativamente à média do quinquénio, com valores iguais ou inferiores a 7.

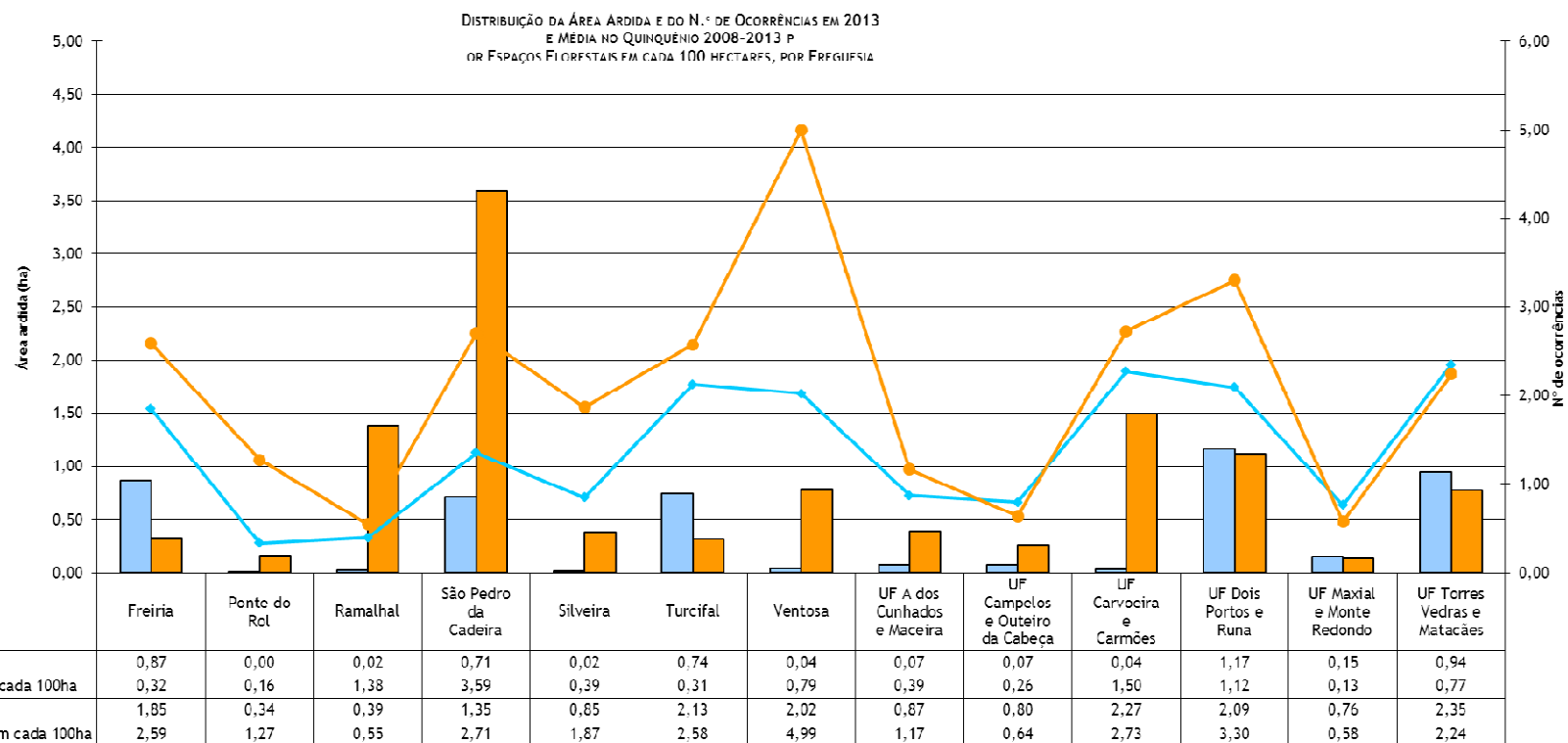


Figura 6. Distribuição da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média no quinquénio 2008-2012 por espaços florestais em cada 100 hectares, por freguesia no concelho de Torres Vedras.

Fonte: SGIF

A Figura 6 representa, para o concelho de Torres Vedras, a distribuição da área ardida e número de ocorrências em 2013 e respectivas médias no quinquénio 2008-2012 por espaços florestais em cada 100 ha. Este valor é calculado com base na área ardida e na área dos espaços florestais existentes.

De acordo com a mesma, constata-se que a área ardida em 2013 por cada 100 ha de espaços florestais atinge valores mais elevados nas UF de Dois Portos e Runa, Torres Vedras e Matacães e na freguesia de Freiria (1,17ha, 0,94ha e 0,87ha respetivamente). O total de ocorrências atingiu os valores máximos na UF de Torres Vedras e Matacães e na UF de Carvoeira e Carmões (2,35 e 2,27 ocorrências por 100 ha de espaços florestais).

Para o quinquénio 2008-2012, São Pedro da Cadeira é a freguesia onde se verifica a média mais elevada de área ardida por 100 ha de espaços florestais (3,59ha). No que se refere à média de ocorrências, os valores mais altos foram atingidos na Ventosa e na UF de Dois Portos e Runa (4,99 e 3,30 ocorrências por 100 ha de espaços florestais).

Salienta-se pela positiva a UF da Carvoeira e Carmões que, em 2013, reduziu drasticamente a sua média da área ardida em cada 100 ha. Esta freguesia tem vindo a ter grandes investimentos ao nível da beneficiação da rede viária florestal com a implementação de aerogeradores para a produção de energia eólica, o que se repercute na melhoria dos acessos para supressão e na vigilância dos incêndios.

5.2. ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO MENSAL

A Figura 7 representa a distribuição mensal de área ardida e o número de ocorrências em 2013 e a média do período 2001-2012.

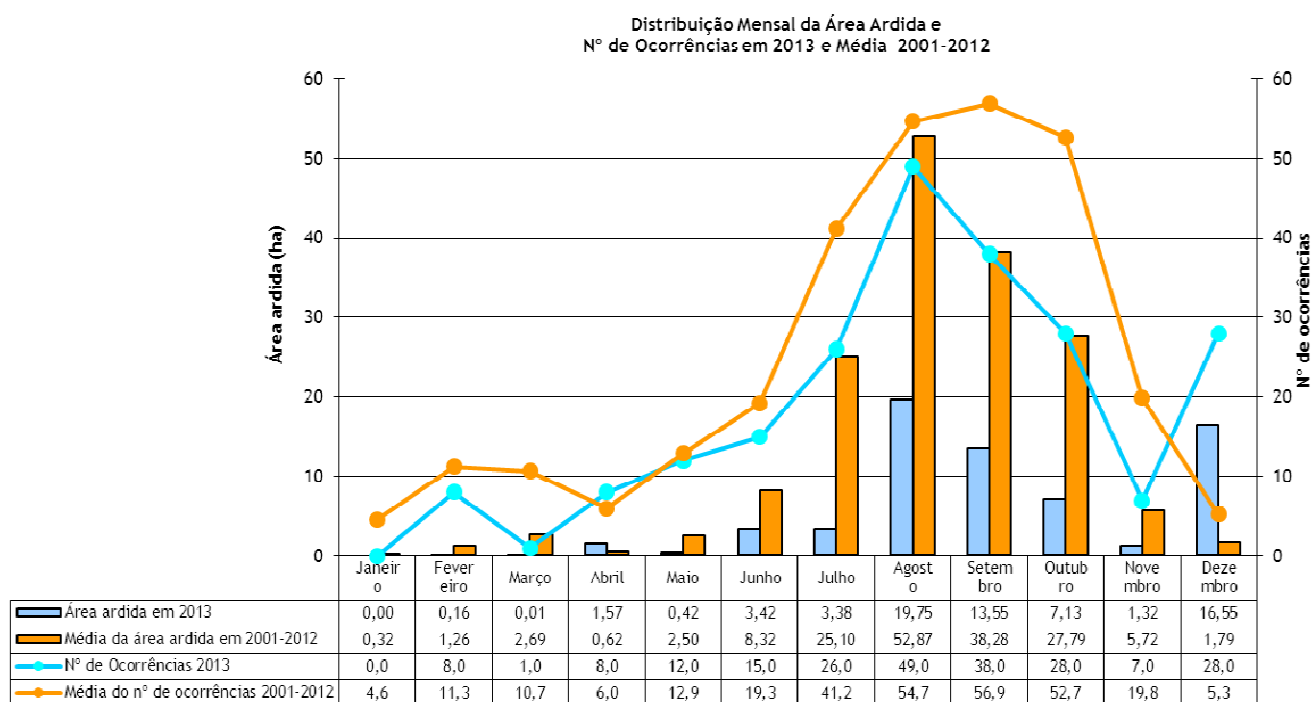


Figura 7. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média para o período 2001-2012, no concelho de Torres Vedras.

Fonte: SGIF

Pela análise da figura, verifica-se uma incidência dos valores máximos de área ardida e do número de ocorrências para 2013 e média para o período 2001-2012, no período estival (julho, agosto, setembro e outubro), como é de esperar tendo em conta o aumento da temperatura, a diminuição da precipitação, o aumento da carga combustível e diminuição da humidade dos combustíveis nestes meses.

No entanto, é possível observar que os valores mensais da área ardida durante o período estival, em 2013, foram significativamente inferiores ao valor médio dos últimos 12 anos e anormalmente mais elevados em dezembro devido, por um lado, à ocorrência de precipitação

no mês de julho e, por outro lado, a um período de temperaturas elevadas fora da época normal, no mês de dezembro.

No ano de 2013 a área ardida registou os valores mais elevados nos meses de agosto (19,75ha) e dezembro (16,55ha). Relativamente ao número de ocorrências, os valores mais elevados registaram-se no período estival, nos meses de agosto (49) e setembro (38).

Comparando a média da área ardida no período 2001-2012 com os valores registados no ano de 2013 é possível verificar que este ano apresentou valores significativamente inferiores à média do período igualmente em análise. Este facto dever-se-á ao facto de 2013 ter sido um ano com condições climatéricas menos favoráveis (temperatura e precipitação) à ocorrência de incêndios.

Tendo em consideração que, no mês de outubro, o número médio de ocorrências registadas no concelho é consideravelmente elevado, é essencial a permanência dos meios de vigilância, 1ª intervenção e combate nesse período, bem como o reforço da vigilância móvel com caráter dissuasor.

5.3. ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO SEMANAL

Na Figura 8 observa-se a distribuição semanal da área ardida e do número de ocorrências no ano de 2013 e os valores médios para o período 2001-2012.

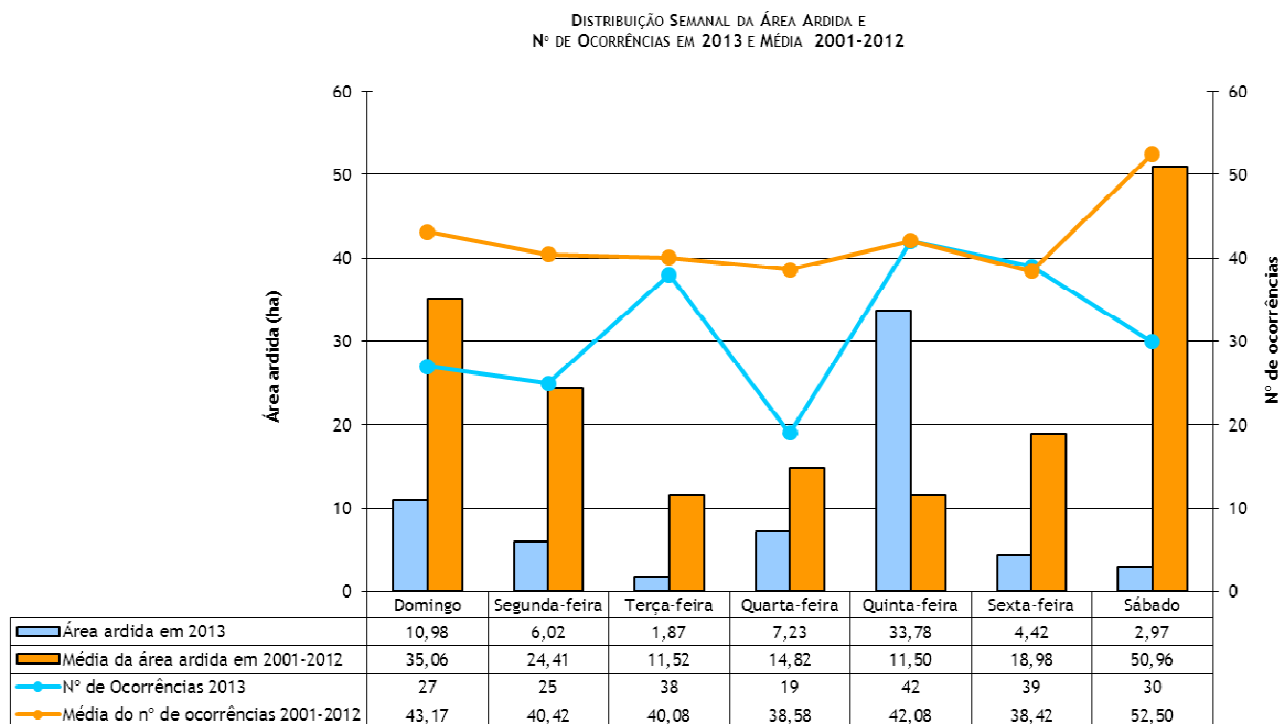


Figura 8. Distribuição semanal da área ardida e número de ocorrências em 2013 e média para o período 2001-2012, no concelho de Torres Vedras

Fonte: SGIF

De acordo com a Figura 8, o dia da semana no período 2001-2012 cuja área ardida é mais elevada é o sábado (50,96ha). No entanto, para o ano de 2013, este dia corresponde à quinta-feira, com o total de 33,78ha.

Relativamente ao número de ocorrências no período 2001-2012 verifica-se que estas se mantêm relativamente constantes ao longo da semana com um pico ao sábado. No ano de 2013 o número de ocorrências registadas, por dia da semana, foi menor ou igual ao valor médio no período em análise.

Ao fim-de-semana a média da área ardida e número de ocorrências atingem os valores mais altos, durante o período 2001-2012. Esta constatação está relacionada com o facto da maioria da população não trabalhar nesses dias e ter uma maior afluência aos espaços agroflorestais, associado às práticas culturais da realização de queimas e queimadas para eliminação de resíduos verdes. Tendo como objetivo reduzir o número de ocorrências registados ao fim-de-semana considera-se que deverão ser intensificadas as ações vigilância móvel com carácter dissuasor.

5.4. ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

Os valores diários acumulados da área ardida e do número de ocorrências para o período 2001-2013 estão representados na Figura 9.

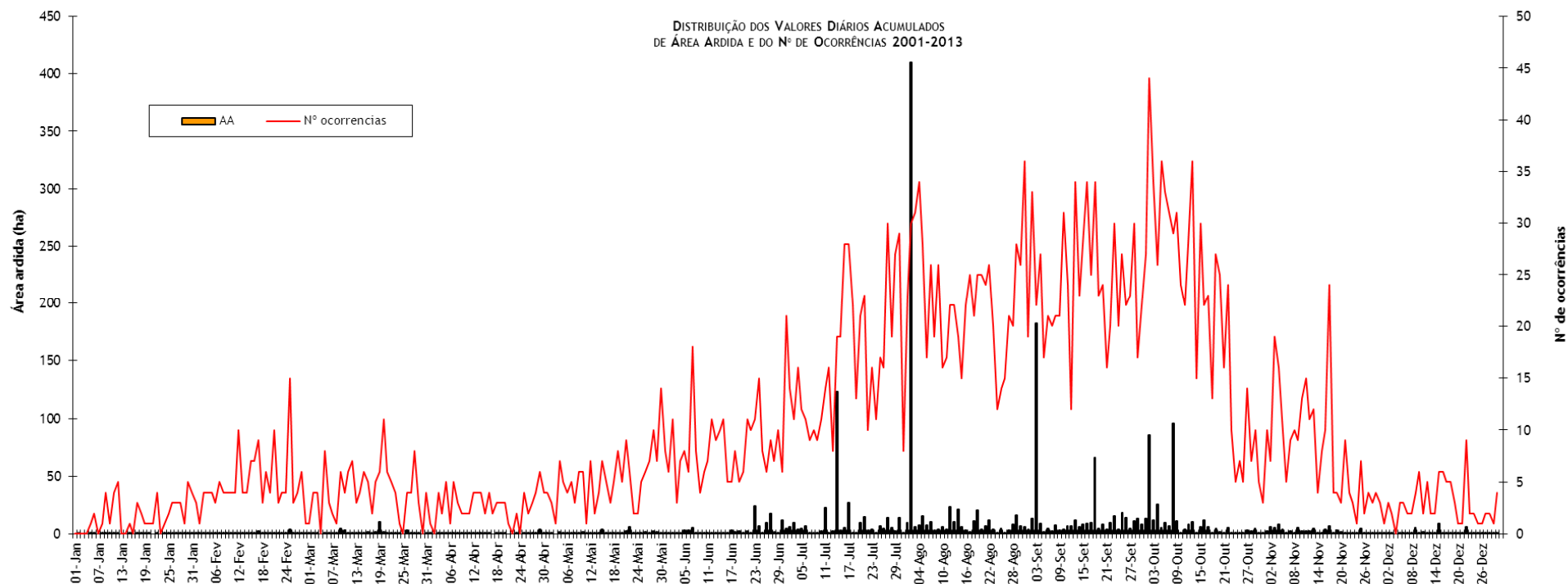


Figura 9. Distribuição dos valores diários acumulados área ardida e número de ocorrências para o período 2001-2013, concelho de Torres Vedras.

Fonte: SGIF

Tendo em conta a Figura 9, os dias do ano cuja área ardida foi mais alta são:

- 14 julho, devido aos incêndios registados em 2002 onde arderam 110,28 ha;
- 2 agosto (410,23 ha) pelo facto de, nesse dia no ano de 2003, terem ardido 408 ha;
- 3 setembro, devido à ocorrência de um incêndio florestal em 2012 onde arderam 172ha.
- 18 setembro devido ao facto de, em 2005, terem ardido 28,7 ha;
- 2 outubro (85,54ha), para o qual contribuiu significativamente um incêndio ocorrido em 2011 com 74,5ha ardidos.
- 8 outubro (95,64 ha) devido a incêndios registados em 2004.

Salienta-se que nestes 6 dias críticos ardeu aproximadamente 46% do total da área ardida no período 2001-2013.

No que se refere ao número de ocorrências, este atinge os valores mais altos no período de julho a outubro destacando-se o dia 2 de outubro cujo número de ocorrências foi 44.

5.5. ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS - DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

A Figura 10 apresenta a distribuição horária de área ardida e o número de ocorrências no período 2001-2013.

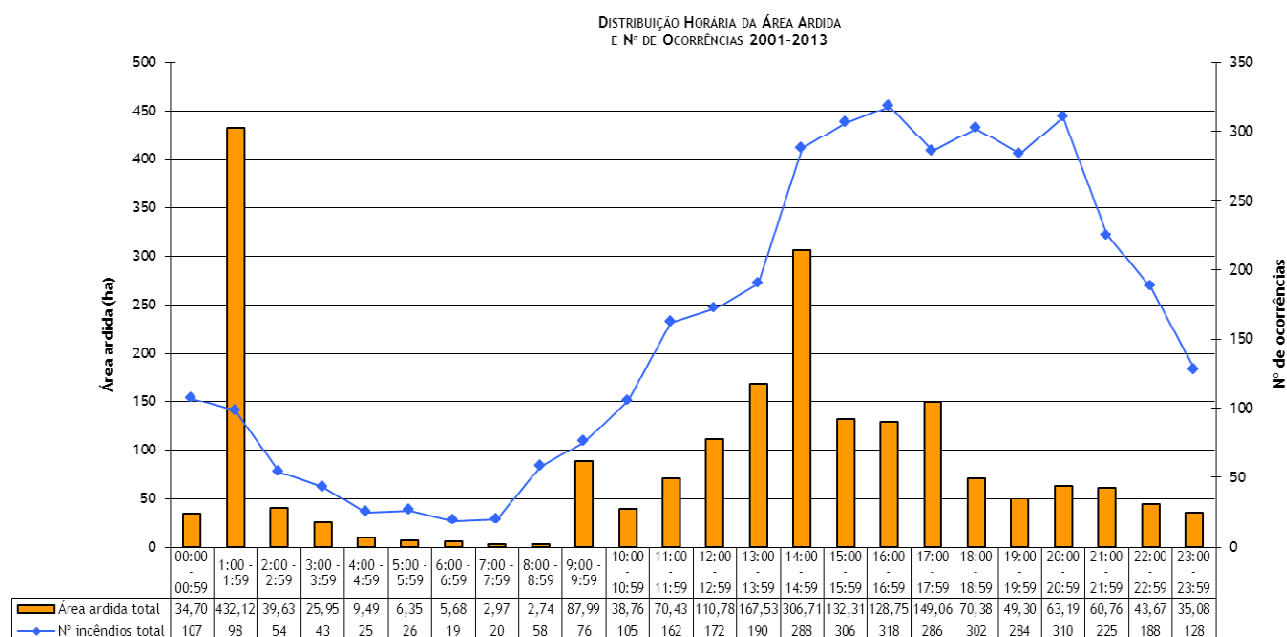


Figura 10. Distribuição horária da área ardida e número de ocorrências para o período 2001-2013, no concelho de Torres Vedras.

Fonte: SGIF

Da análise ao gráfico pode constatar-se que o maior número de ocorrências ocorre entre 14h e as 20h59. Este facto, poderá ser justificável pelo aumento das atividades humanas durante este período, associado às condições climáticas mais favoráveis, nomeadamente redução da humidade relativa dos combustíveis. No período entre as 20h00 e as 20h59, as condições climáticas já não são tão propícias aos incêndios, no entanto, verifica-se um novo pico neste período que coincide com o período disponível pela fracção da população activa que se dedica à agricultura familiar e em que há menos fiscalização.

Relativamente à área ardida, verifica-se que os valores mais elevados oscilam entre as 12:00 e as 17:59, alcançando o máximo para o período entre as 14:00 e as 14:59. Porém, o valor máximo de área ardida é atingido no intervalo da 01h00 à 01h59, decorrente de um incêndio

isolado registado em 2003, responsável por aproximadamente 400 ha de área ardida nesse período.

5.6. ÁREA ARDIDA EM ESPAÇOS FLORESTAIS

A distribuição da área ardida em espaços florestais, no período 2001-2013 está representada na figura seguinte:

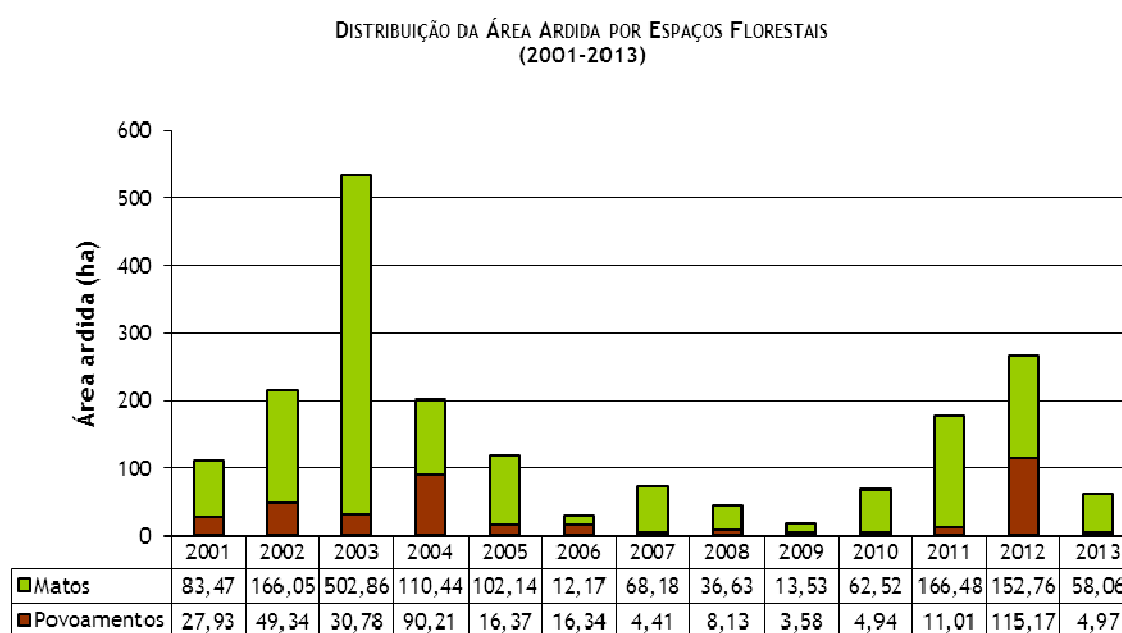


Figura 11. Distribuição da área ardida por espaços florestais, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.

Fonte: SGIF

Pela análise da Figura 11, conclui-se que a área ardida de matos é sempre superior à de povoamentos florestais, com exceção do ano de 2006. De notar que, na generalidade, mais de 75% da área ardida corresponde a matos, com exceção dos anos de 2004, 2006 e 2012. Este facto deve-se, essencialmente, à dificuldade de combate nas zonas ocupadas por matos que se localizam maioritariamente em locais de elevado declive e de difícil acesso, o que conduz a que a propagação nessas zonas seja mais rápida.

O ano de 2012 destaca-se pela maior área de povoamento ardida nos últimos 13 anos, facto que advém de uma única ocorrência registada junto à localidade de Abrunheira, numa mancha contínua de povoamento de eucalipto.

No período em análise, apenas em 2006 a área ardida de povoamento é superior à de mato. Esta inversão dos resultados deve-se à ocorrência de um incêndio florestal de 10 ha, numa mancha de povoamento florestal contínuo, no dia 20 de Agosto. Embora a base do SGIF não apresente uma causa para o incêndio o comandante dos BVTV verificou *in situ* que este teve origem numa queda de linha de alta tensão.

O ano de 2009 apresenta a menor área ardida de espaços florestais dos últimos 13 anos, com apenas 17,11 ha. Este facto pode ser justificado pelas condições meteorológicas atípicas registadas nesse ano, sobretudo durante o período estival, com baixas temperaturas e humidade elevada.

5.7. ÁREA ARDIDA E OCORRÊNCIAS POR CLASSES DE EXTENSÃO

De modo a evidenciar a distribuição da área ardida e do número de ocorrências por classes de extensão no período 2001-2013, estes estão representados graficamente na Figura 12.

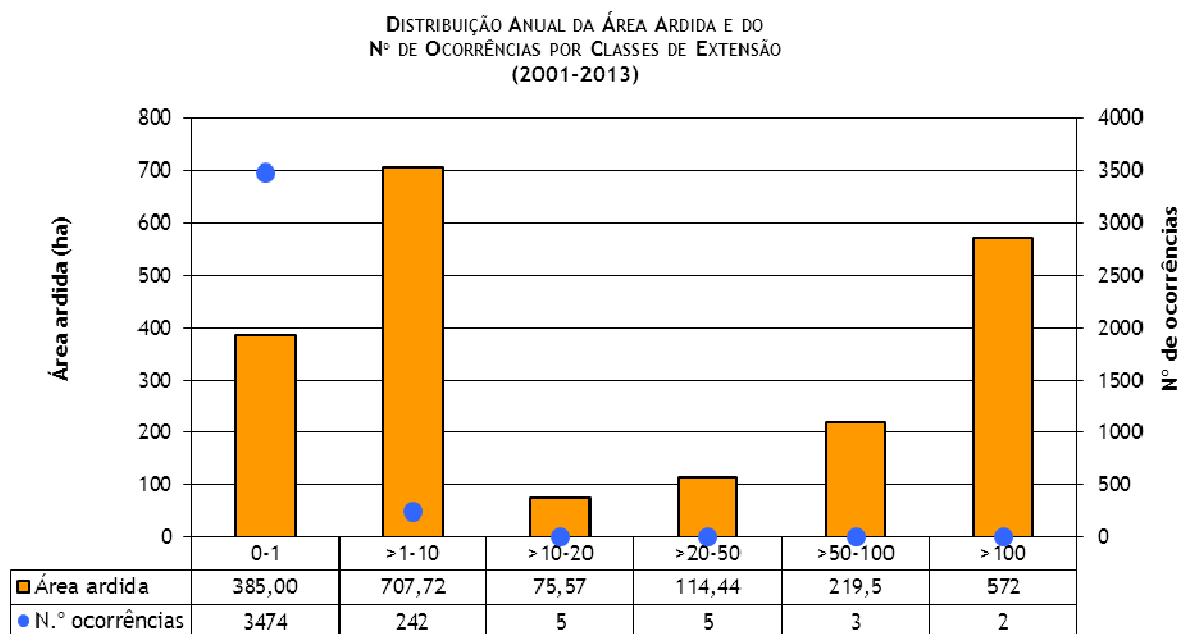


Figura 12. Distribuição da área ardida e n.º de ocorrências por classes de extensão, no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013.

Fonte: SGIF

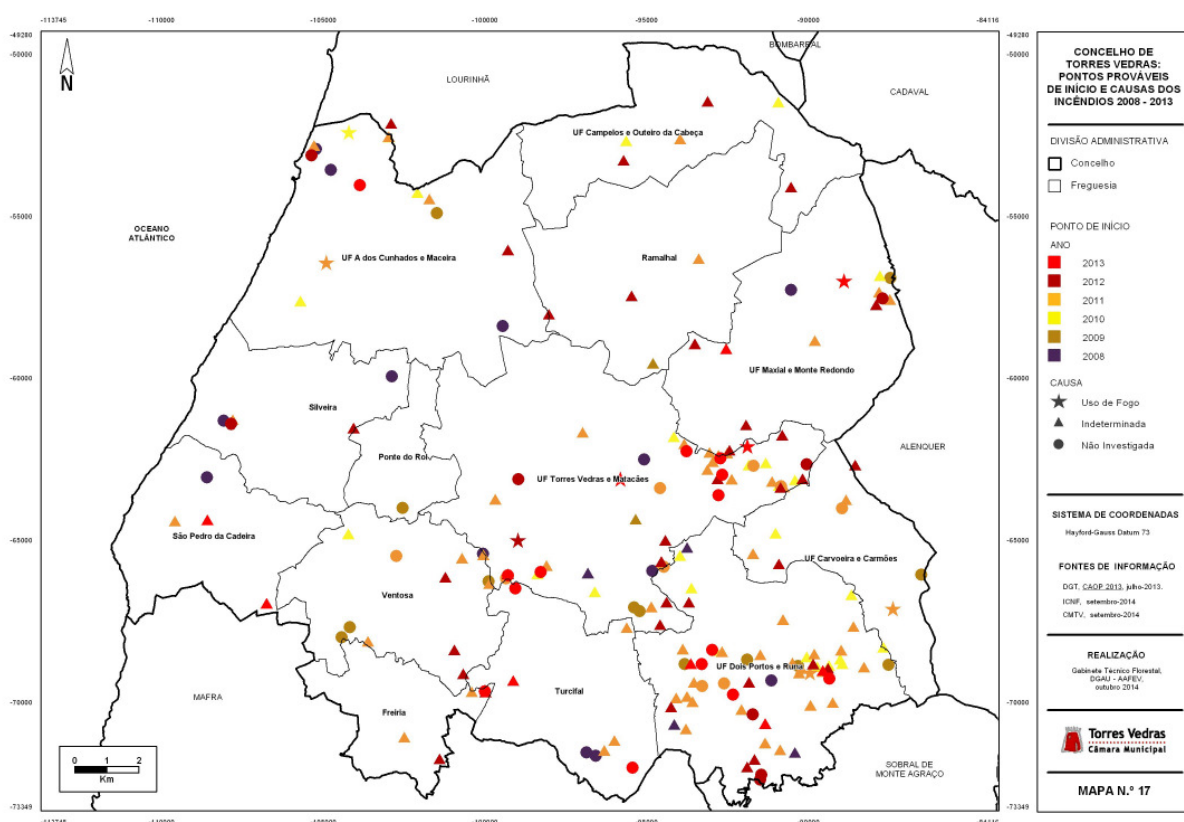
De acordo com a Figura 12, a generalidade das ocorrências não origina incêndios graves do ponto de vista da área consumida, sendo que a área total ardida no período 2001-2013 corresponde, essencialmente, a incêndios com dimensões entre 1 e 10ha. No entanto, para o período em análise verifica-se um valor significativamente elevado de área ardida na classe de incêndios com mais de 100ha, originado apenas por duas ocorrências.

Constata-se ainda que 90% do número de ocorrências atingem dimensões até 1ha. Este facto demonstra que, na maior parte das ocorrências, a primeira intervenção é rápida e eficaz, evitando deste modo que tomem grandes proporções. Para garantir que a dimensão das ocorrências seja inferior a 1ha, é essencial assegurar a sustentação dos meios de 1ª intervenção e combate existentes e manter a sua eficiência.

O número de ocorrências registadas no Concelho é muito elevado pelo que se devem manter e reforçar as ações de sensibilização relativas ao uso de fogo e DFCI.

5.8. PONTOS DE INÍCIO E CAUSAS

O Mapa 17 do Anexo I ostenta a localização geográfica dos pontos de início e causas dos incêndios ($\geq 0,5\text{ha}$), para o período 2008 a 2013. Não foi possível apresentar elementos referentes a outros anos, dada a inexistência de dados.



Mapa 17 - Pontos Prováveis de Início e Causas dos Incêndios, de 2008 a 2013, no concelho de Torres Vedras.

Pela análise do mapa verifica-se que a existência de ocorrências por todo o concelho, embora com maior concentração na zona interior sul e, mais concretamente, nas UF de Dois Portos e Runa e Torres Vedras e Matacães.

Sobrepondo este mapa com a ocupação do solo e rede viária, constata-se que a maioria das ocorrências se localiza nas zonas de interface agrícola / incultos (matos) junto à rede viária, existindo poucas ocorrências nas áreas de povoamento florestal.

Quadro 9. Pontos de Início e Causas dos Incêndios, de 2008 a 2013, por freguesia, no concelho de Torres Vedras.

Freguesia	Causas				
	Não investigadas	Investigadas			TOTAL
		Uso de fogo	Incendiarismo	Indeterminada	
Freiria	19	2	0	15	36
Ponte do Rol	14	0	0	6	20
Ramalhal	32	1	0	29	62
São Pedro da Cadeira	36	3	0	25	64
Silveira	36	4	0	39	79
Turcifal	56	1	0	40	97
Ventosa	42	1	0	32	75
UF A dos Cunhados e Maceira	64	3	0	67	134
UF Campelos e Outeiro da Cabeça	21	5	0	26	52
UF Carvoeira e Carmões	34	1	0	33	68
UF Dois Portos e Runa	159	1	0	133	293
UF Maxial e Monte Redondo	38	4	0	36	78
UF Torres Vedras e Matacães	212	17	2	164	395
TOTAL	763	43	2	645	

No Quadro 9 estão registadas as causas dos incêndios por freguesia relativas ao período 2008-2013. Neste período foram investigados 690 incêndios, sendo que em 645 casos não foi possível apurar as causas por indeterminação de prova material ou pessoal e/ou por lacunas de informação. Dos incêndios em que o apuramento de causas foi conclusivo, 43 resultaram de uso de fogo (queima de lixo, queimadas e fogueiras) e 2 de incendiarismo.

A freguesia com maior número de ocorrências foi a UF Torres Vedras e Matacães com 395 ocorrências, tendo sido investigadas 183 e conclusivas apenas 19 (17 por uso de fogo e 2 por incendiarismo). Segue-se a UF de Dois Portos e Runa, com um total de 293 ocorrências, tendo sido investigadas 134 e apenas 1 conclusiva por uso de fogo.

Considerando os dados anteriores, é essencial reforçar as campanhas de sensibilização para o uso do fogo na queima de sobranes e queimadas e, intensificar a fiscalização do Decreto-lei 124/2006, no que se refere a esta problemática, inclusive no período pós-laboral (das 17h às 22h e aos fins-de-semana) uma vez que, mais de 95% das causas de incêndio determinadas no Concelho resultam do uso de fogo. Já com este objectivo, no período crítico do ano de 2013, a Equipa de Sapadores Florestais intensificou a vigilância móvel dissuasora e com carácter de sensibilização, tendo estado ao serviço todos os fins-de-semana.

5.9. FONTES DE ALERTA

A Figura 13 representa a distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta, para o Concelho de Torres Vedras, no período entre 2001 e 2013.

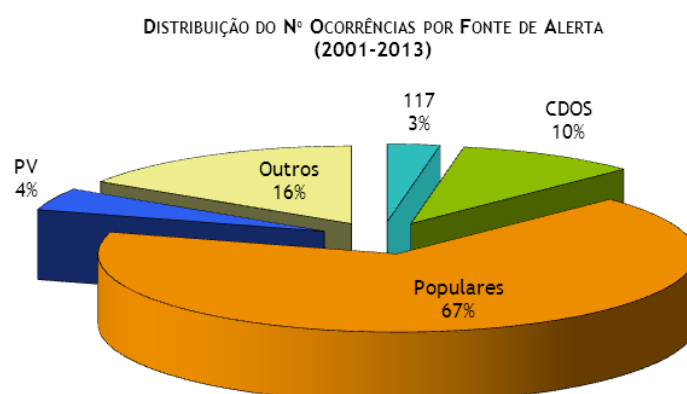


Figura 13. Distribuição do número de ocorrências por fonte de alerta, no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.

Fonte: SGIF

Analisando o gráfico, verifica-se que os populares são a maior fonte de alerta de incêndios no concelho (67%). Este valor deve-se, fundamentalmente, à densidade populacional e à dispersão da população pelo concelho.

O alerta dado pelos postos de vigia é muito pouco significativo (4%) o que se deve ao facto da população dar mais rapidamente o alerta que os vigias, no entanto é muito importante a informação prestada pelas torres de vigia pois fornece as coordenadas da ocorrência. Por

outro lado, o facto de apenas 23% do território do Concelho ser visível por mais que um ponto não permite a deteção exata do ponto de início em 77% do território.

Pela análise da figura seguinte constata-se que, para todas as horas, os populares são a fonte de alerta mais representativa, seguindo-se o CDOS e outros.

DISTRIBUIÇÃO DO N.º OCORRÊNCIAS POR FONTE E HORA DE ALERTA
(2001-2013)

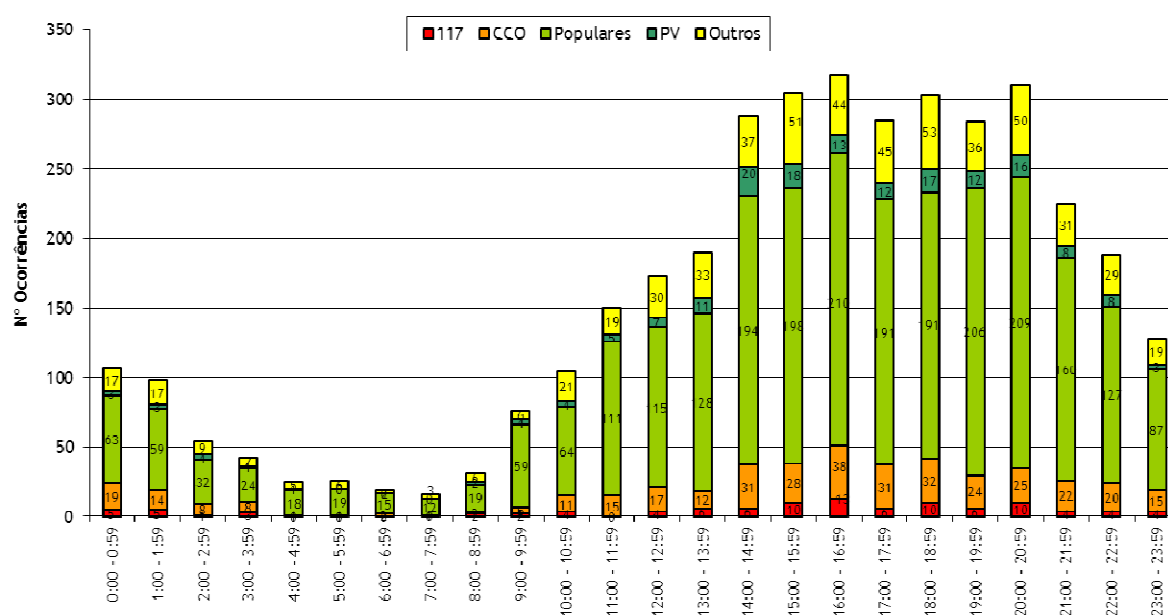


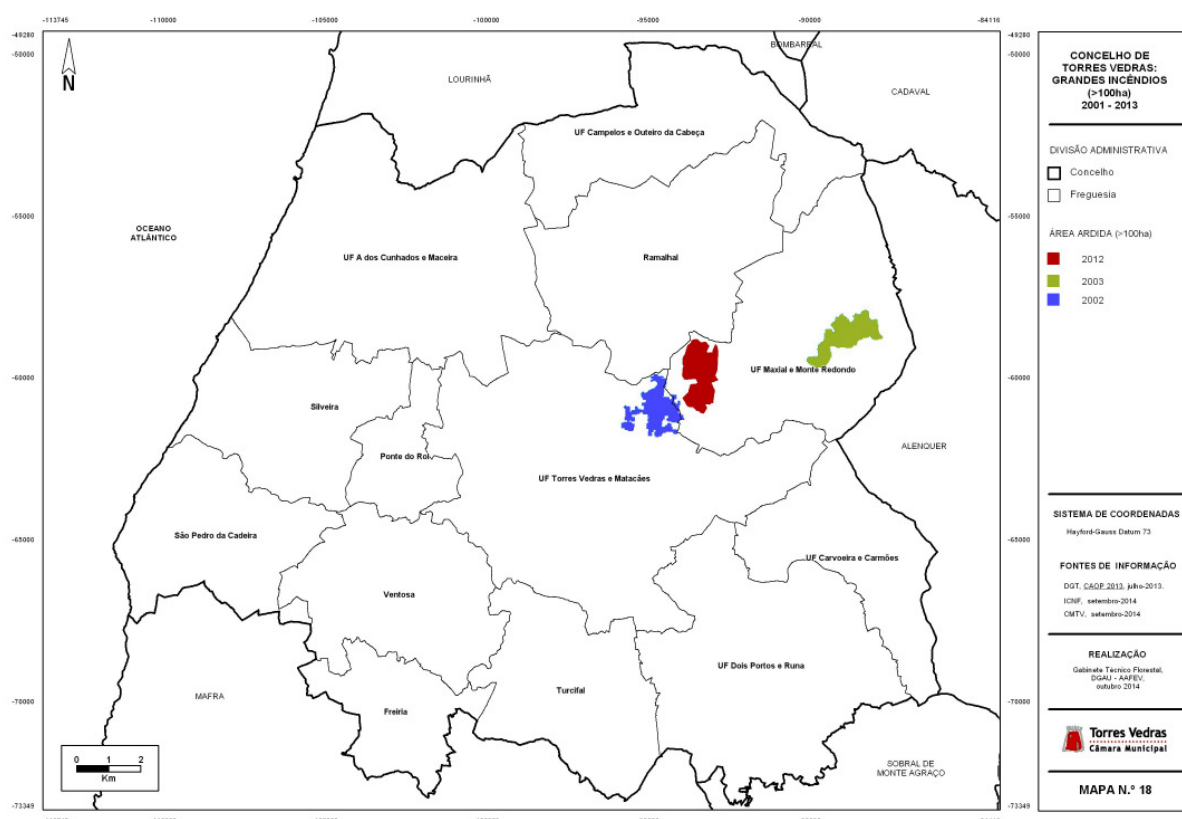
Figura 14. Distribuição do número de ocorrências por fonte e hora de alerta, no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.

Fonte: ICNF

5.10. GRANDES INCÊNDIOS - DISTRIBUIÇÃO ANUAL

O Mapa 18 do Anexo I apresenta a distribuição geográfica da área ardida dos grandes incêndios no concelho de Torres Vedras, no período 2001-2013. De acordo com esta figura, registaram-se no concelho três incêndios com área superior a 100ha, que ocorreram na UF Maxial e Monte Redondo (2003 e 2012) e UF Torres Vedras e Matações (2002).

De notar que os dados apresentados nesta carta divergem dos expostos nos gráficos seguintes relativos aos grandes incêndios, devido ao já anteriormente descrito no ponto 5.1 deste caderno.



Mapa 18 - Grandes Incêndios (Área Ardida ≥ 100 ha) de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras.

Na Figura 15 podemos observar a distribuição anual dos grandes incêndios no período 2001-2013.

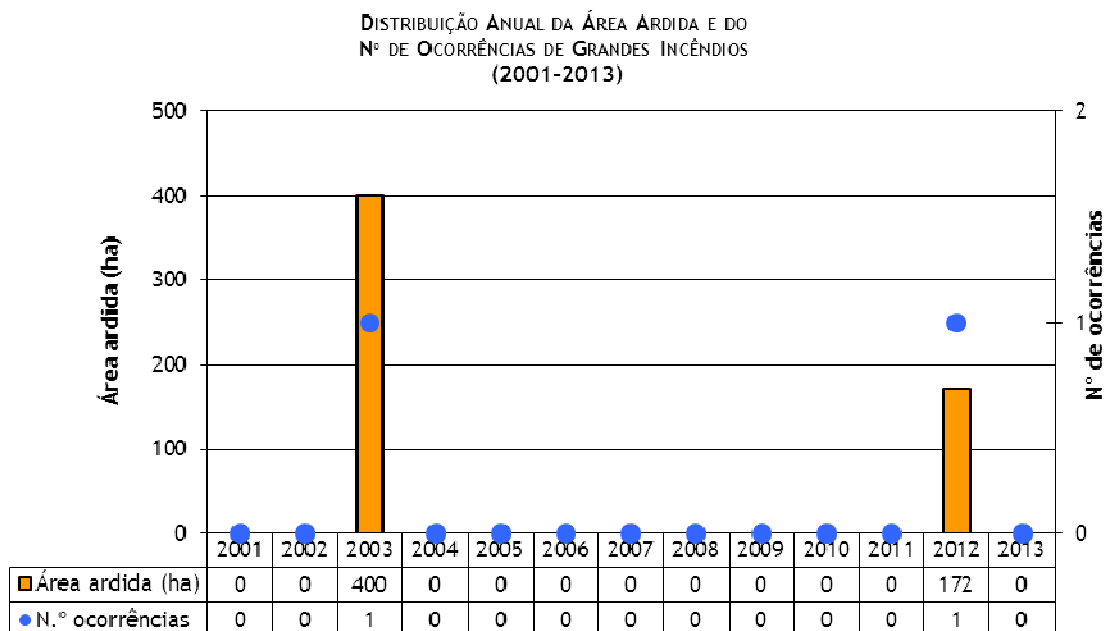


Figura 15. Distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (≥ 100 ha) no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.

Fonte: SGIF

De acordo com a figura anterior constata-se que, nos últimos 13 anos, registaram-se 2 ocorrências com área superior a 100ha, sendo que um foi em 2003 e o outro em 2012, não sendo, por isso, possível identificar um padrão de ocorrência.

Quadro 10. Distribuição anual do número de grandes incêndios por classes de área, de 2008 a 2013, por freguesia, no concelho de Torres Vedras.

Classes de área (ha)	100-500	500-1000	>1000	Total
Ano				
2001	0	0	0	0
2002	0	0	0	0
2003	1	0	0	1
2004	0	0	0	0
2005	0	0	0	0
2006	0	0	0	0
2007	0	0	0	0
2008	0	0	0	0
2009	0	0	0	0
2010	0	0	0	0
2011	0	0	0	0
2012	1	0	0	1
2013	0	0	0	0
Total	2	0	0	

Conforme se pode verificar no quadro anterior, ambos os incêndios registados no período em análise encontram-se na classe de extensão dos 100 aos 500ha.

5.11. GRANDES INCÊNDIOS - DISTRIBUIÇÃO MENSAL

Na Figura 16 é apresentada a distribuição mensal dos grandes incêndios registados nos últimos 12 anos.

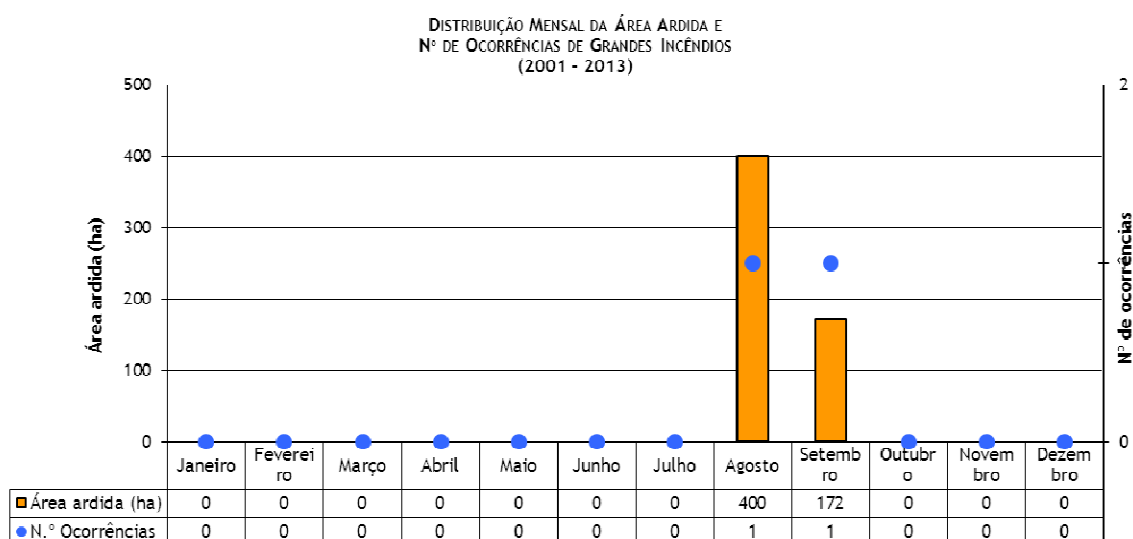


Figura 16. Distribuição mensal da área ardida e número de ocorrências dos grandes incêndios ($\geq 100\text{ha}$), no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.

Fonte: SGIF

Os grandes incêndios registados no concelho entre 2001 e 2013 ocorreram no período estival, um no mês de agosto e outro no mês de setembro, onde a carga de combustível e a temperatura do ar são mais elevadas e a humidade relativa é mais baixa.

5.12. GRANDES INCÊNDIOS - DISTRIBUIÇÃO SEMANAL

A Figura 17 representa a distribuição semanal da área ardida e o número de ocorrências dos grandes incêndios.

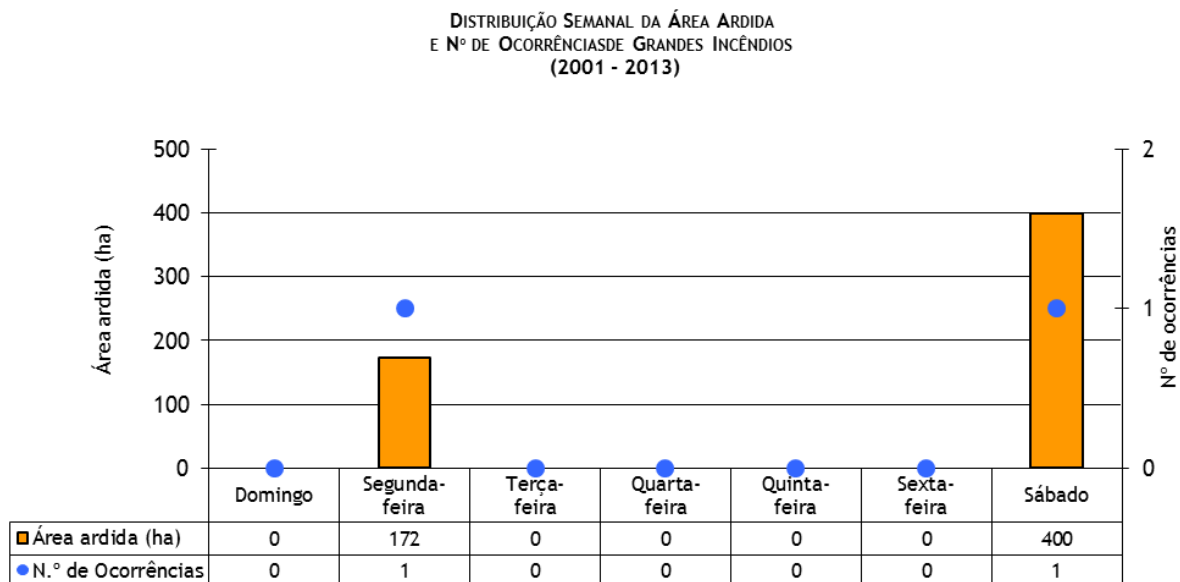


Figura 17. Distribuição semanal da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (≥ 100 ha), no concelho de Torres Vedras, no período 2001 - 2013.

Fonte: SGIF

Os grandes incêndios registados no município ocorreram à segunda-feira e sábado.

5.13. GRANDES INCÊNDIOS - DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA

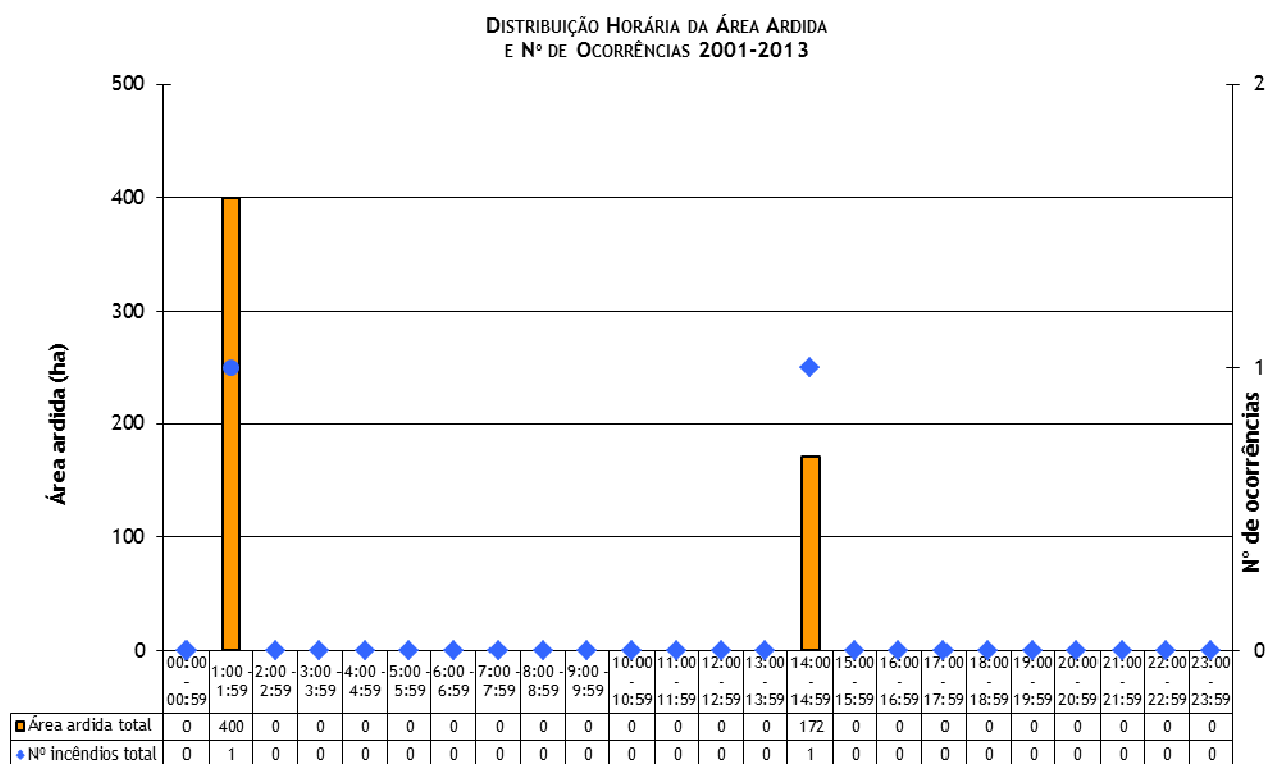


Figura 18. Distribuição horária da área ardida e n.º de ocorrências dos grandes incêndios (> 100ha), no concelho de Torres Vedras, no período 2001- 2013.

Fonte: SGIF

O incêndio de 2013 ocorreu no dia 02 de agosto, sábado, no intervalo horário entre a 01h00 e a 01h59.

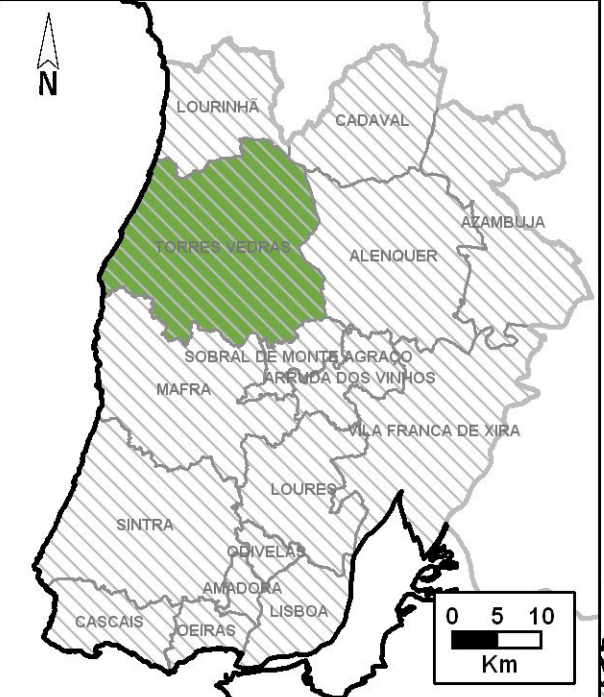
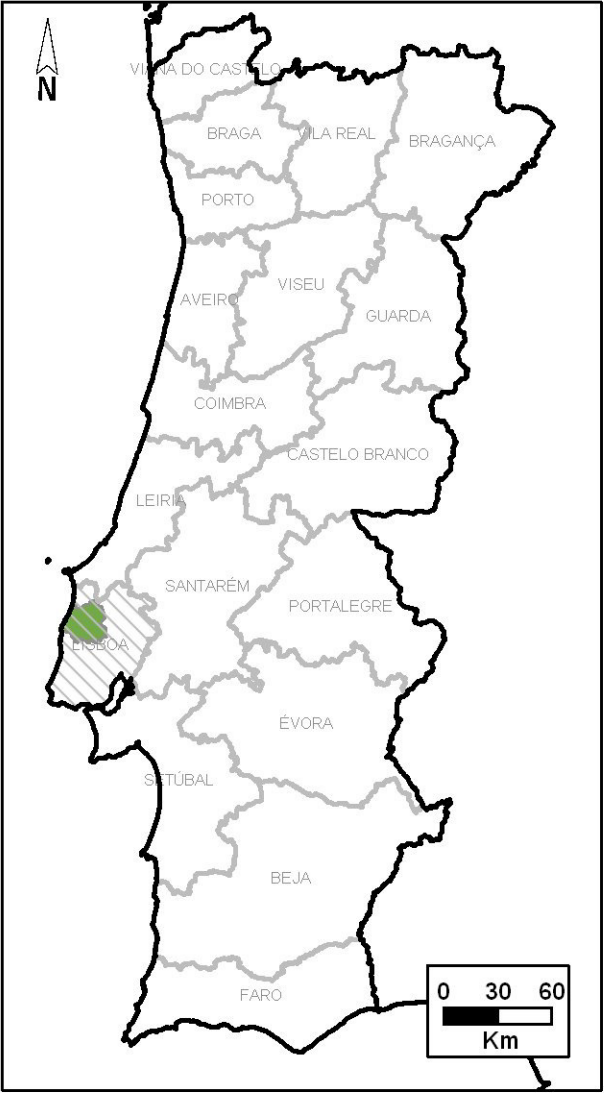
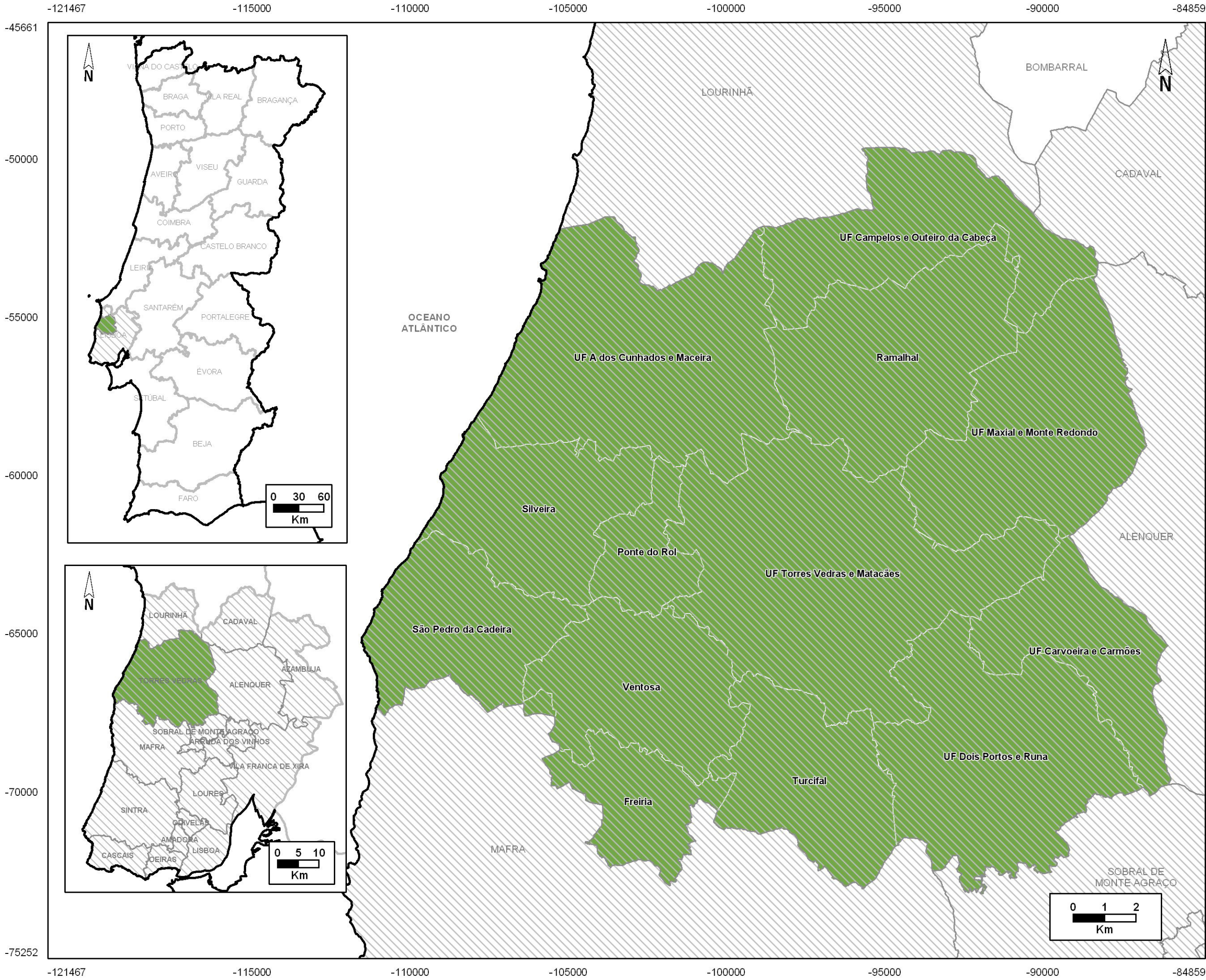
O incêndio ocorrido em 2012 registou-se no dia 03 de setembro, segunda-feira, no período entre as 14h00 e 14h59.

ANEXO I

CARTOGRAFIA

ÍNDICE DO ANEXO I:

- Mapa 1 - Enquadramento Geográfico do concelho de Torres Vedras
- Mapa 2 - Hipsometria do concelho de Torres Vedras
- Mapa 3 - Declives do concelho de Torres Vedras
- Mapa 4 - Exposições do concelho de Torres Vedras
- Mapa 5 - Hidrografia do concelho de Torres Vedras
- Mapa 6 - População Residente (1991, 2001 e 2011) e Densidade Populacional (2011), no concelho de Torres Vedras, por freguesia
- Mapa 7 - Índice de Envelhecimento (1991, 2001, 2011) e Evolução (1991-2011), no Concelho de Torres Vedras
- Mapa 8 - População Residente por Setor de Actividade (2011), no Concelho de Torres Vedras
- Mapa 9 - Taxa de Analfabetismo (1991, 2001 e 2011), no concelho de Torres Vedras
- Mapa 10 - Romarias e Festas, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 11 - Ocupação do Solo, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 11 A - Espaços Florestais, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 12 - Povoamentos Florestais, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 13 - Áreas Protegidas, Rede Natura 2000 no concelho de Torres Vedras
- Mapa 14 - Instrumentos de Planeamento Florestal no concelho de Torres Vedras
- Mapa 15 - Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 16 - Área Ardida de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 17 - Pontos Prováveis de Início e Causas dos Incêndios, de 2008 a 2013, no concelho de Torres Vedras
- Mapa 18 - Grandes Incêndios (Área Ardida ≥ 100 ha) de 2001 a 2013, no concelho de Torres Vedras



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Pais
- Distrito
- Concelho
- Freguesia
- Distrito de Lisboa
- Concelho de Torres Vedras

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

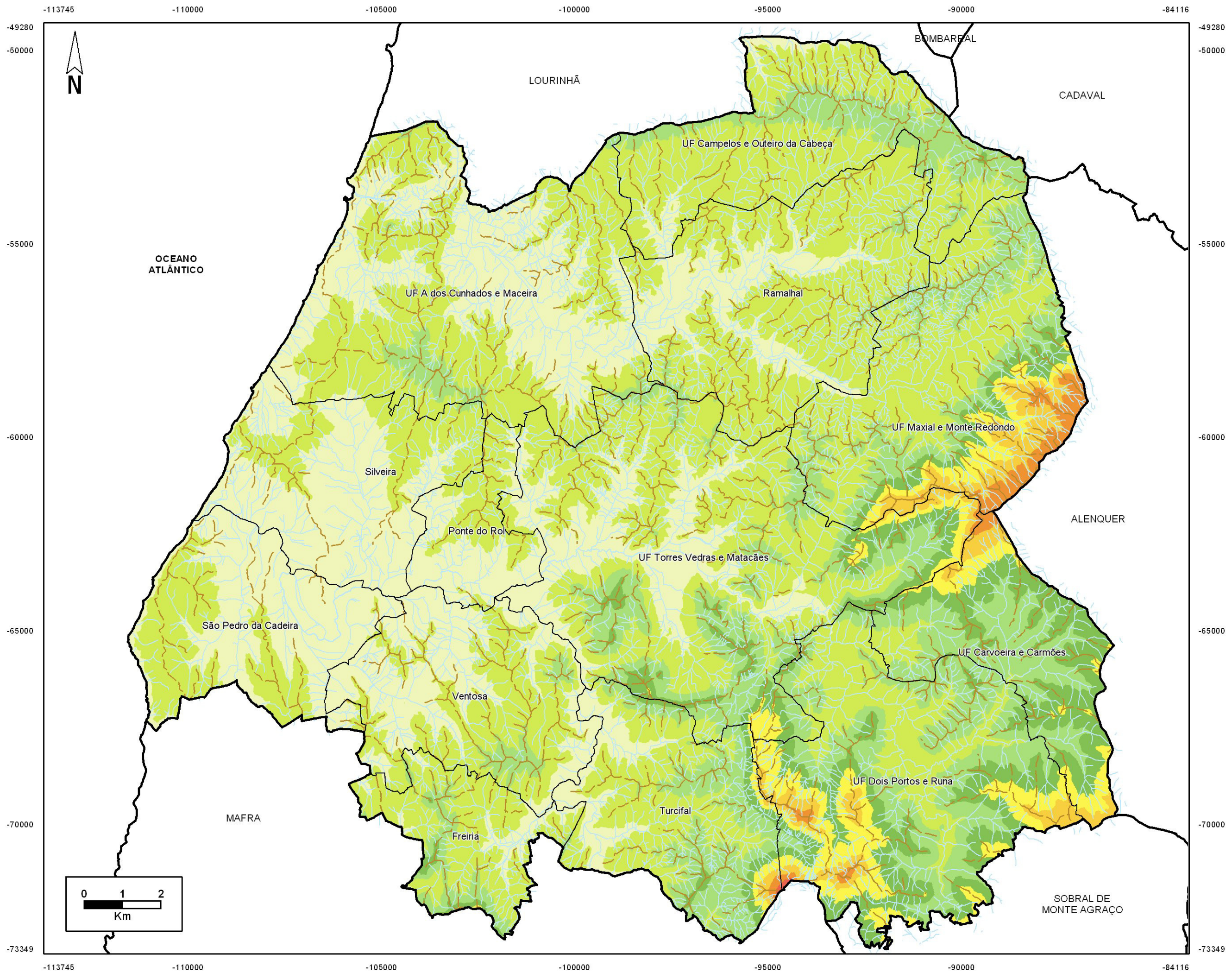
DGT, [CAOP 2013](#), julho-2013.

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
agosto 2014



MAPA N.º 1



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: HIPSOMETRIA

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

HIPSOMETRIA

- <50
- 50 - 100
- 100 - 150
- 150 - 200
- 200 - 250
- 250 - 300
- 300 - 350
- 350 - 400
- Linha Cumeada

HIDROGRAFIA

- Rede Hidrográfica

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, CAOP 2013, julho-2013.

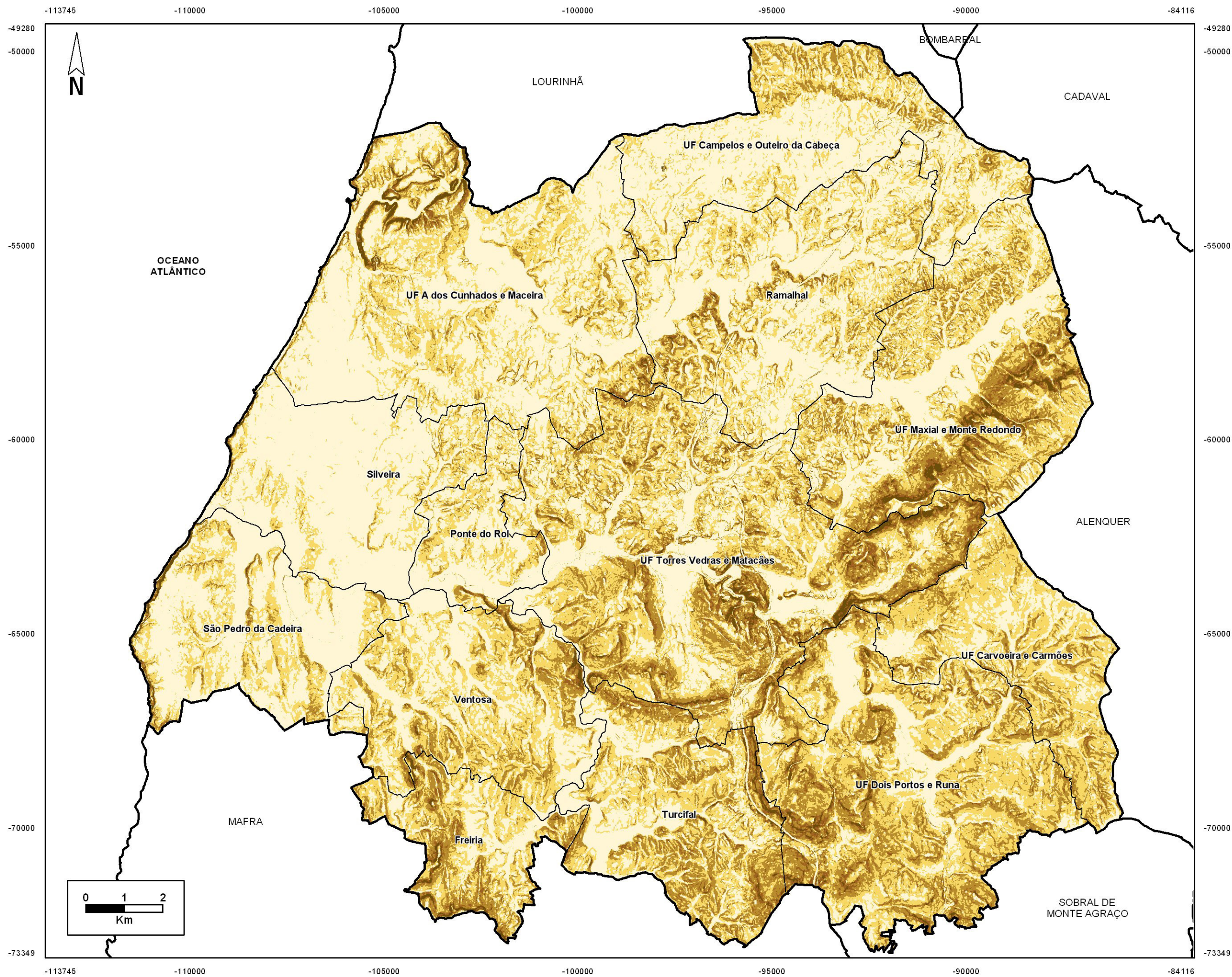
CMTV, 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014



MAPA N.º 2



**CONCELHO DE
TORRES VEDRAS:
DECLIVE**

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

DECLIVE (°)

- 0 - 5
- 5 - 10
- 10 - 15
- 15 - 20
- 20 - 90

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

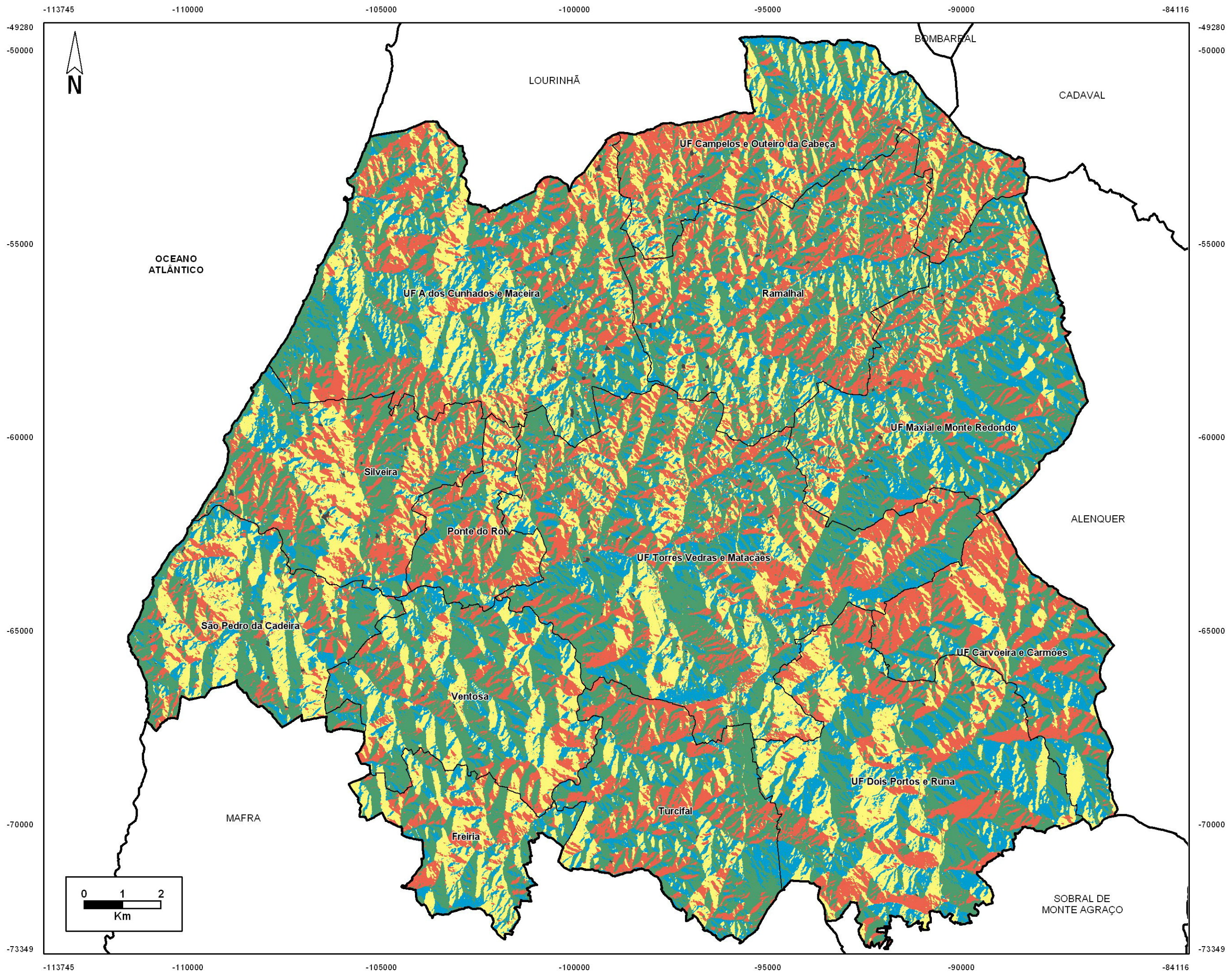
DGT, CAOP 2013, julho-2013.

CMTV, 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014





CONCELHO DE TORRES VEDRAS: EXPOSIÇÃO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

EXPOSIÇÃO

- Norte
- Sul
- Este
- Oeste
- Plano

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, CAOP 2013, julho-2013.

CMTV, 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014



MAPA N.º 4



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: HIDROGRAFIA

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

HIDROGRAFIA

Curso de água permanente

Rio (não navegável)

Curso de água não permanente

Linha de água classificada

Linha de água

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, CAOP 2013, julho-2013.

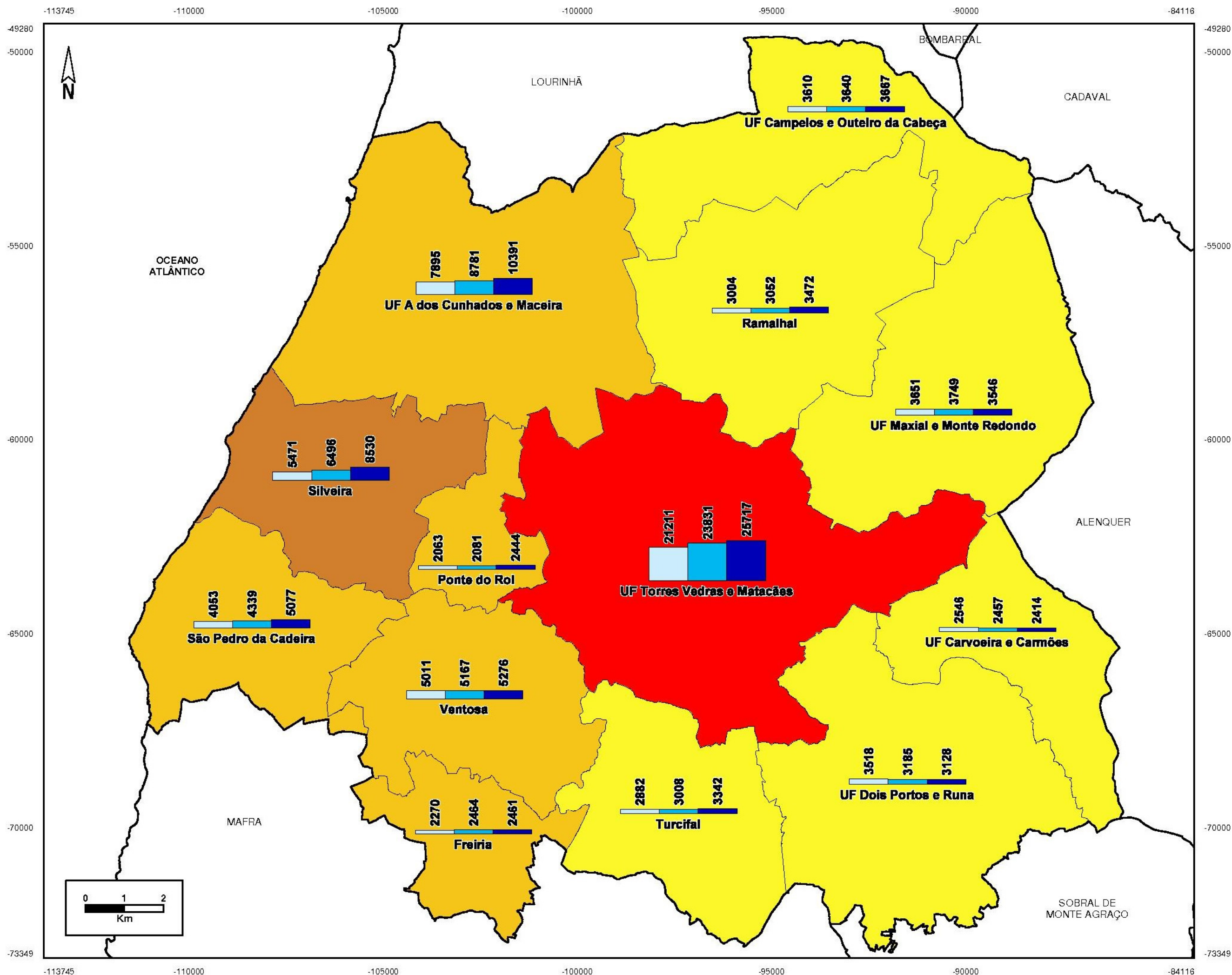
CMTV, 2014

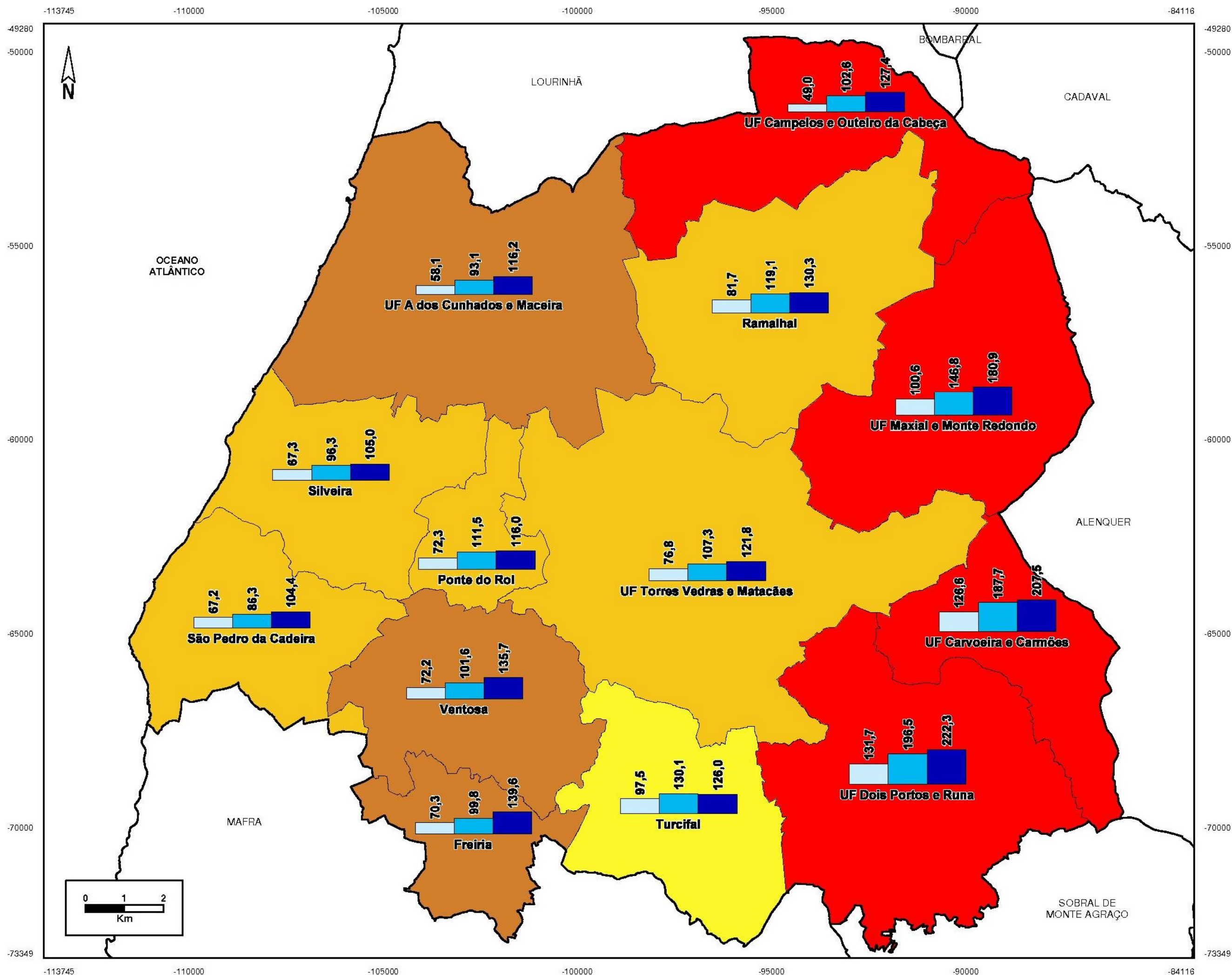
REALIZAÇÃO

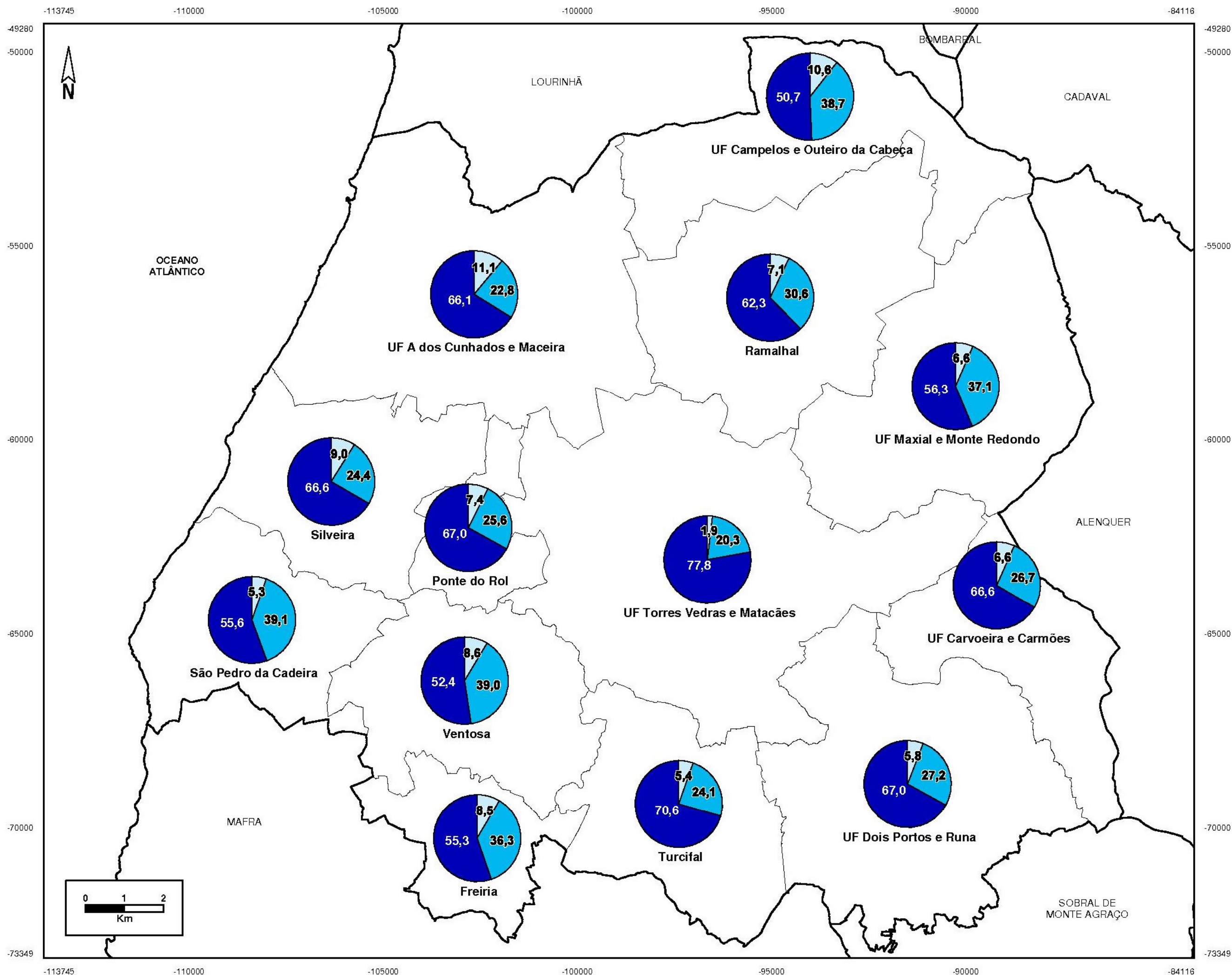
Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
setembro 2014



MAPA N.º 5







CONCELHO DE TORRES VEDRAS: REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE (2011)

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Freguesia
- Município

REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE (2011) (%)

- Sector I
- Sector II
- Sector III

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

INE, BGRI 2011, Censos 2011, 2012.

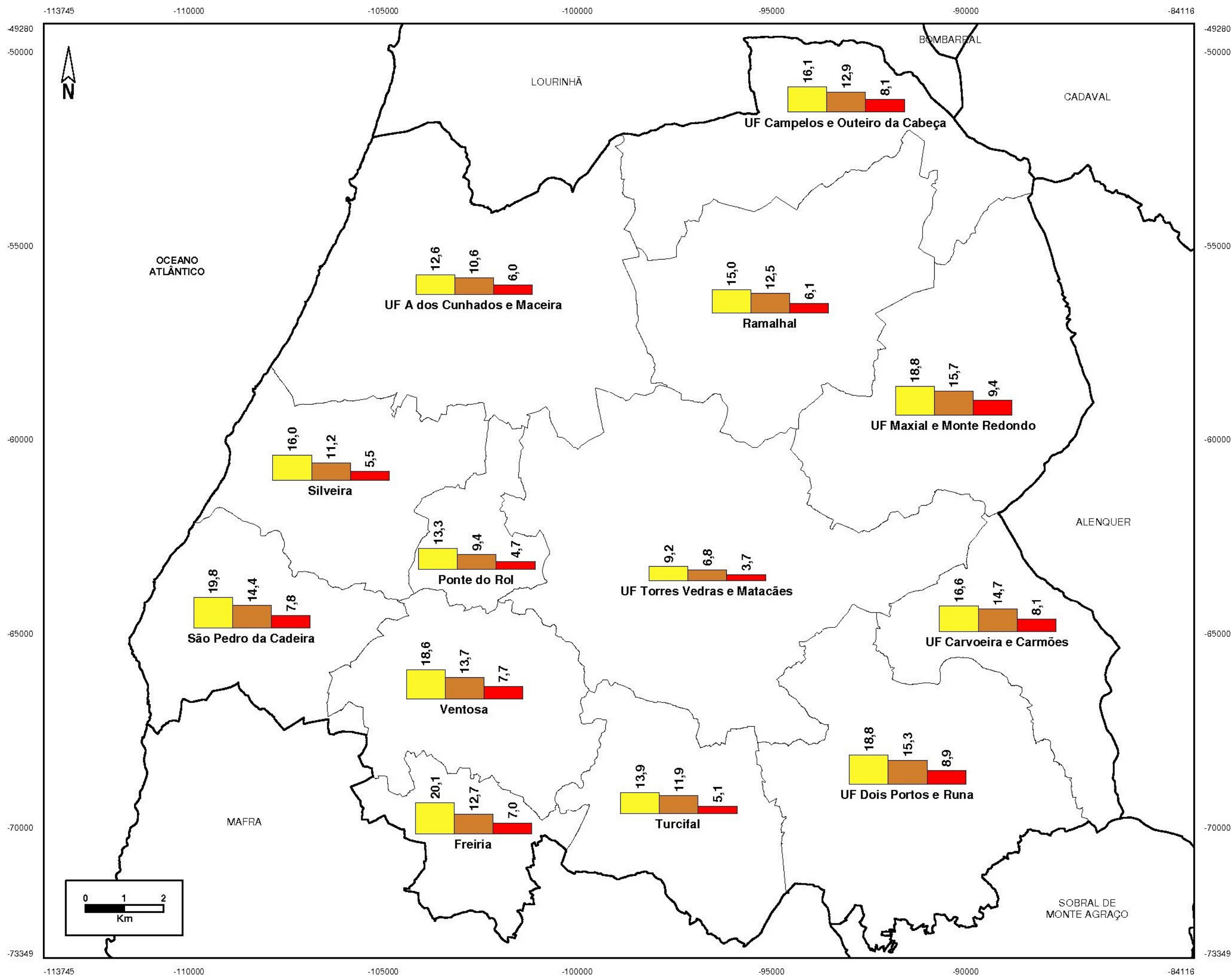
DGT, CAQP 2013, julho-2013.

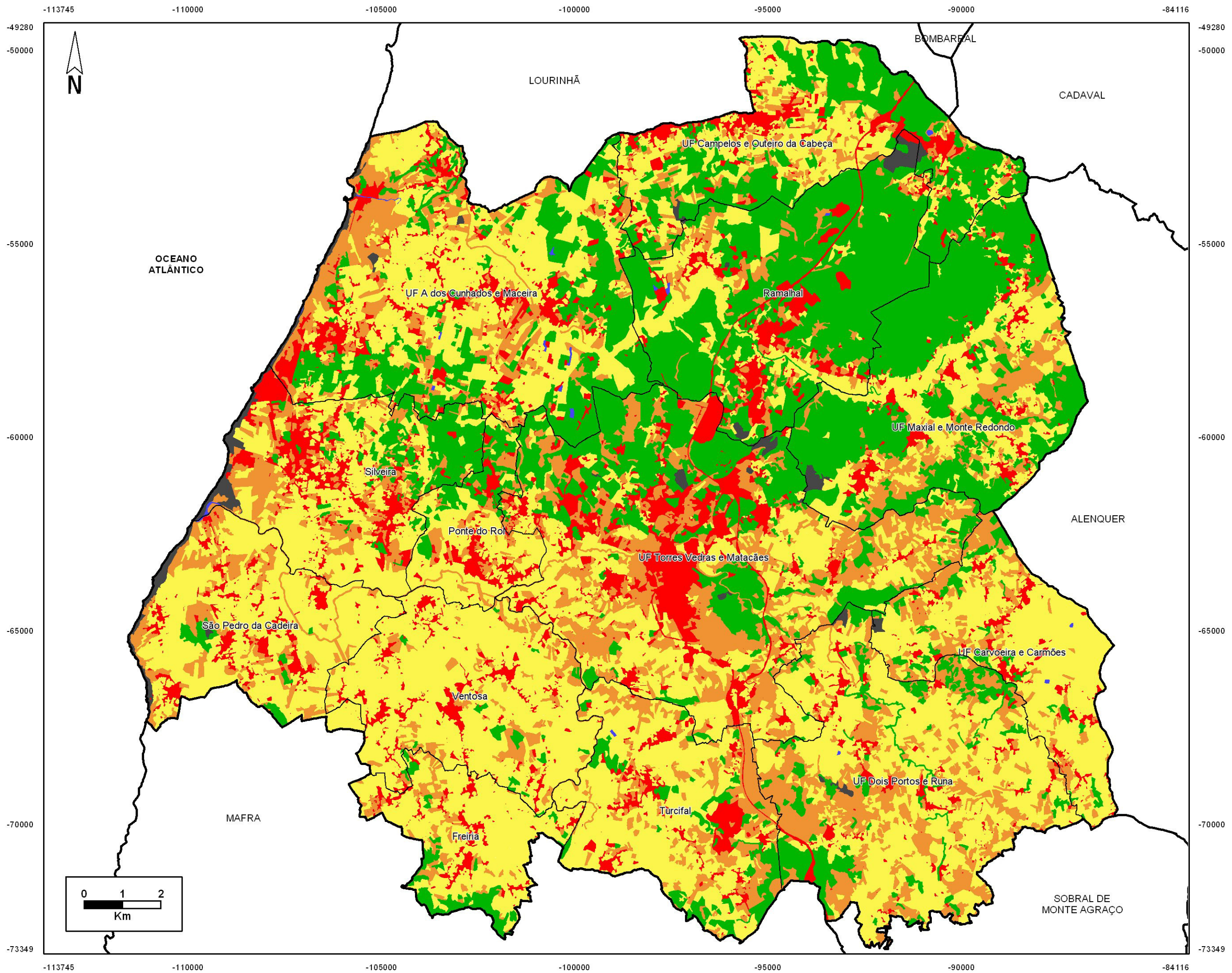
REALIZAÇÃO

Área de Sistemas de Informação Geográfica - Departamento de Estratégia, julho-2014

 **Torres Vedras**
Câmara Municipal

MAPA N.º 8





CONCELHO DE TORRES VEDRAS: OCUPAÇÃO DO SOLO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

OCUPAÇÃO DO SOLO

- Área social
- Floresta
- Inculto
- Agricultura
- Superfície aquática
- Improdutivo

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

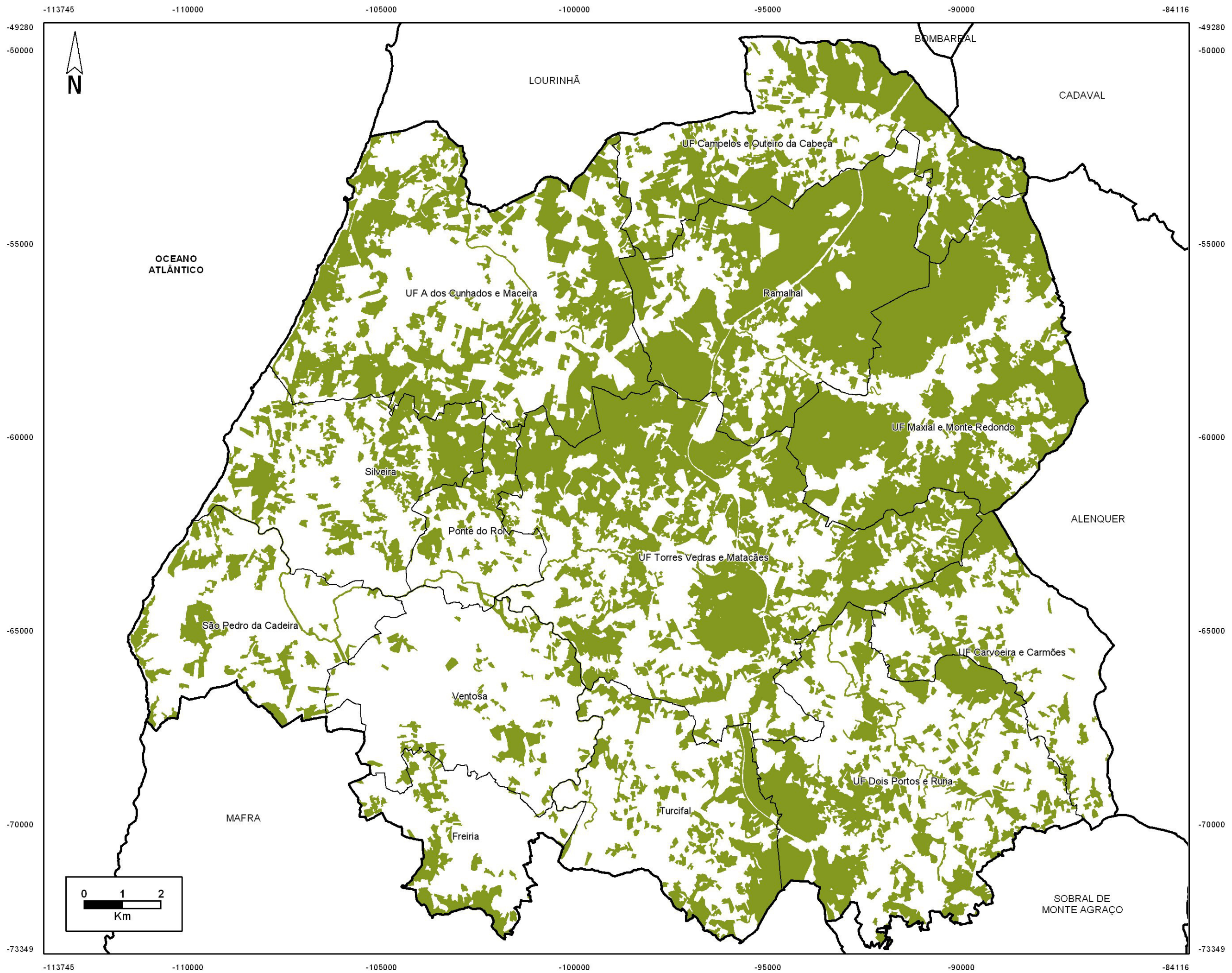
DGT, CAOP 2013, julho-2013.
DGT, COS 2007, setembro 2014
CMTV, COS 2010, dezembro 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
dezembro 2014



MAPA N.º 11



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: ESPAÇOS FLORESTAIS

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

-  Concelho
-  Freguesia

OCUPAÇÃO DO SOLO

-  Espaço Florestal

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, [CAOP 2013](#), julho-2013.

DGT, [COS 2007](#), setembro 2014

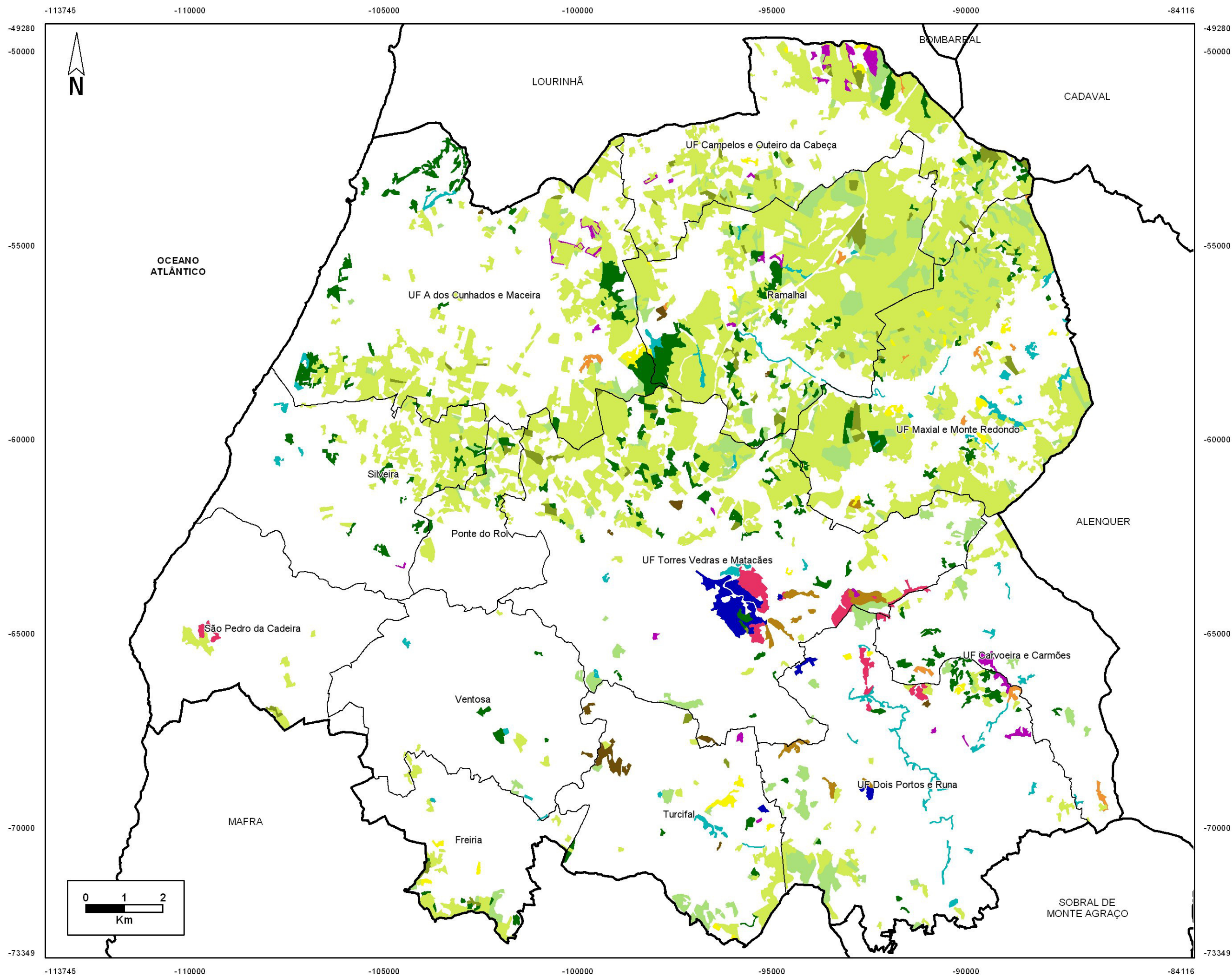
CMTV, [COS 2010](#), dezembro 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
dezembro 2014



MAPA N.º 11 A



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: POVOAMENTOS FLORESTAIS

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

POVOAMENTOS FLORESTAIS

- Eucalipto
- Pinheiro Bravo
- Pinheiro Manso
- Sobreiro
- Outros Carvalhos
- Outras Folhosas
- Outras Resinosas
- Outras formações lenhosas
- Cortes rasos
- Novas plantações
- Misto Folhosas e Resinosas
- Misto Resinosas e Folhosas

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

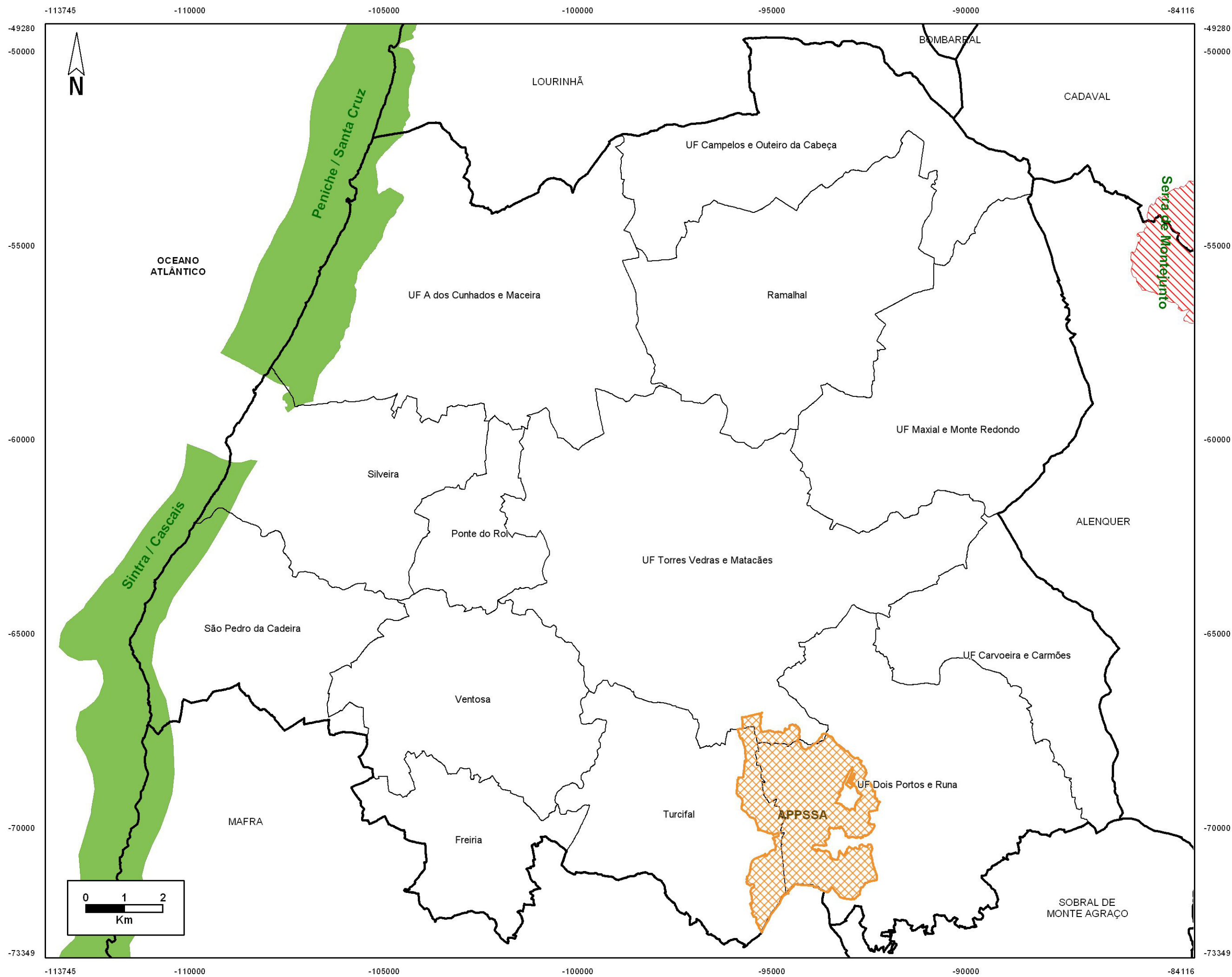
DGT, [CAOP 2013](#), julho-2013.
DGT, [COS 2007](#), setembro 2014
CMTV, [COS 2010](#), dezembro 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
dezembro 2014



MAPA N.º 12



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: ÁREAS PROTEGIDAS, REDE NATURA 2000 E REGIME FLORESTAL

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

ÁREA PROTEGIDA

- Área Protegida - Rede Nacional
- Área Protegida de Âmbito Local

REDE NATURA 2000

- Sítio de Importância Comunitária (SIC)
- Zona de Protecção Especial (ZPE)

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, [CAOP 2013](#), julho-2013.

ICNF, 2014

CMTV, 2014

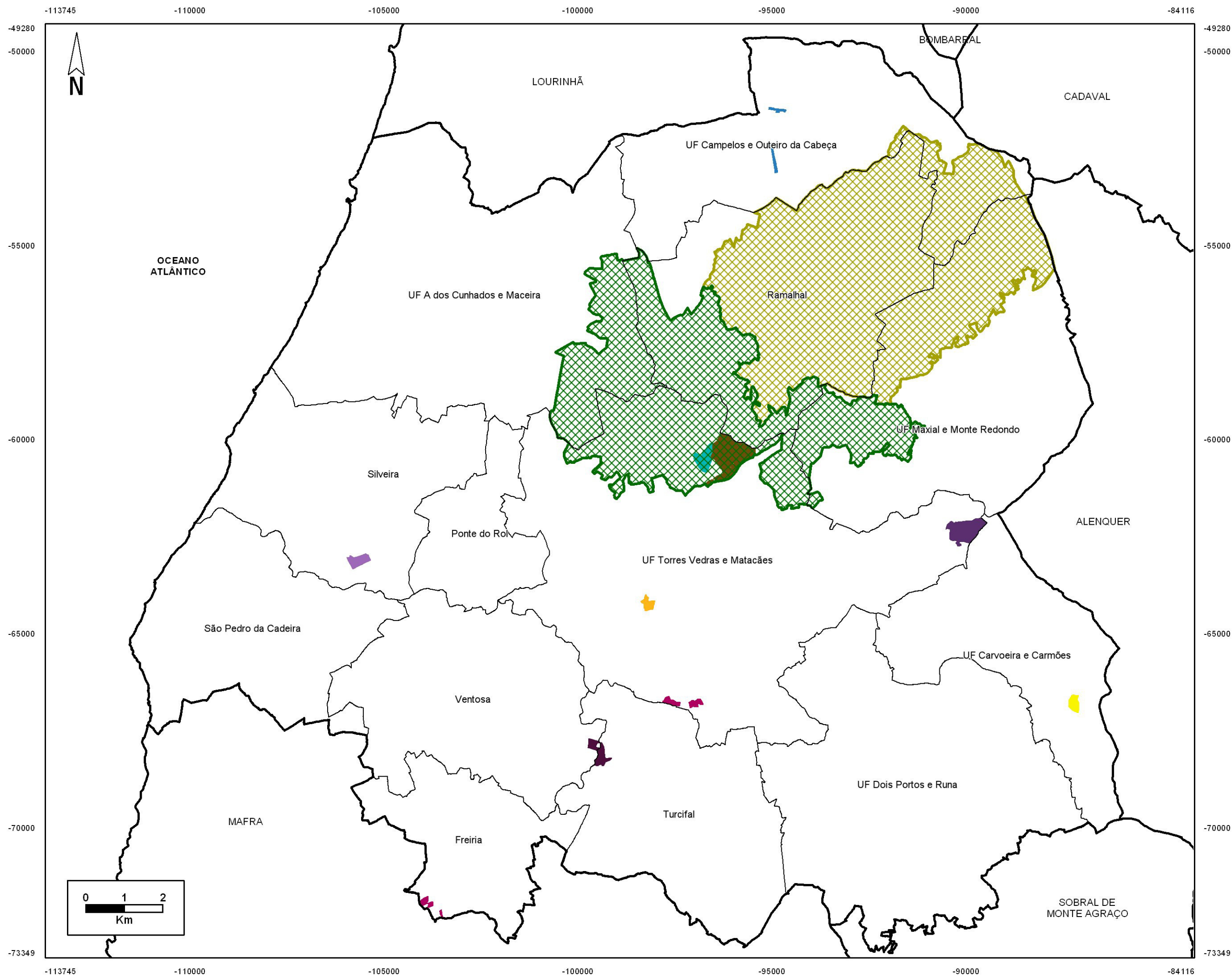
REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
agosto 2014



Torres Vedras
Câmara Municipal

MAPA N.º 13



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO FLORESTAL

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

PLANO DE GESTÃO FLORESTAL (PGF)

- Zif Torres Vedras Oeste
- Zif Torres Vedras Este
- Casal Valverde e Terra da Eira
- Casal da Amoreira e Serra do Mosqueteiro
- Casal da Lameira
- Casal de São Bento
- Cerca Velha e Barbara
- Costa da Vila e Encosta da Vila
- Qta da Gaga
- Quinta de Vale Canas
- Vale de Santo Antonio

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

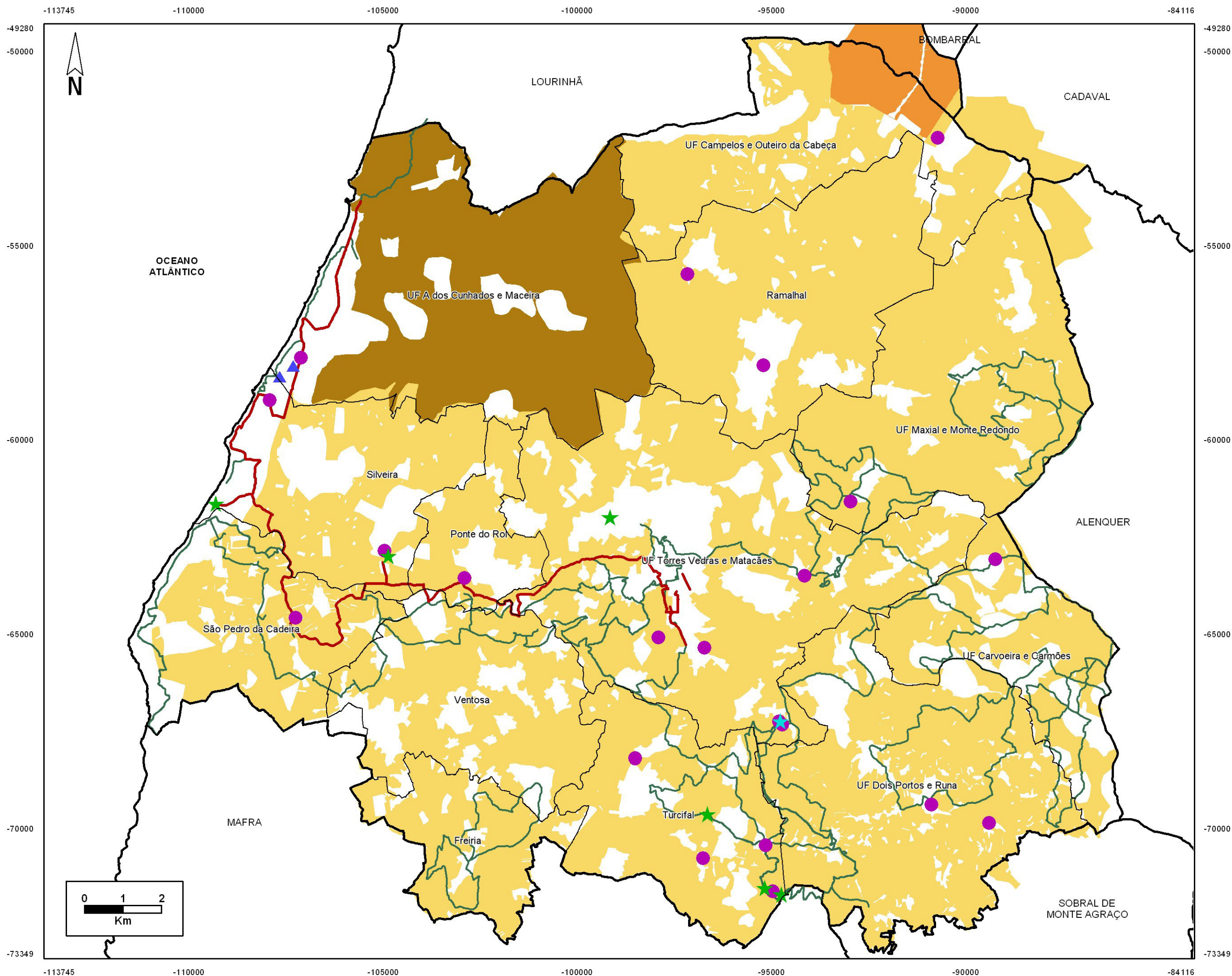
DGT, CAOP 2013, julho-2013.
ICNF, outubro-2012
PortucelSoporcel, 2007

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
agosto 2014

**Torres Vedras**
Câmara Municipal

MAPA N.º 14



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: EQUIPAMENTOS FLORESTAIS DE RECREIO, ZONAS DE CAÇA E PESCA

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

EQUIPAMENTO FLORESTAL DE RECREIO

- Centro Interpretativo da APPSSA
- Observatório de Aves
- Parque de Campismo
- Parque de Merendas
- Percurso Pedestre
- Ciclovía

ZONA DE CAÇA

- Zona de Caça Turística
- Zona de Caça Municipal
- Zona de Caça Associativa

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

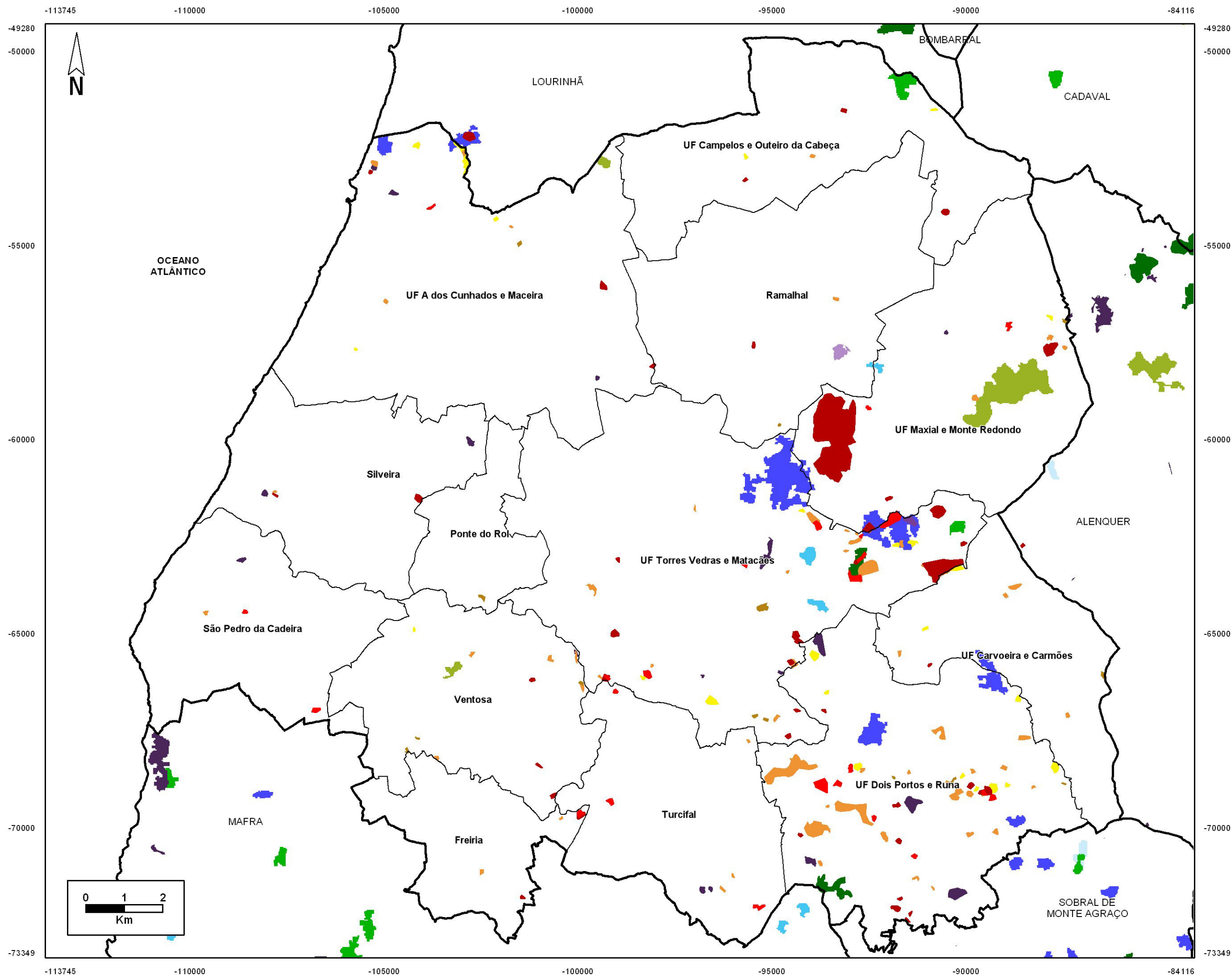
DGT, CAOP 2013, julho-2013.
ICNF, outubro 2012
CMTV, dezembro, 2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
dezembro 2014



MAPA N.º 15



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: ÁREA ARDIDA 2001 - 2013

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

ÁREA ARDIDA

- 2013
- 2012
- 2011
- 2010
- 2009
- 2008
- 2007
- 2006
- 2005
- 2004
- 2003
- 2002
- 2001

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, CAOP 2013, julho-2013.
ICNF, setembro-2014
CMTV, setembro-2014

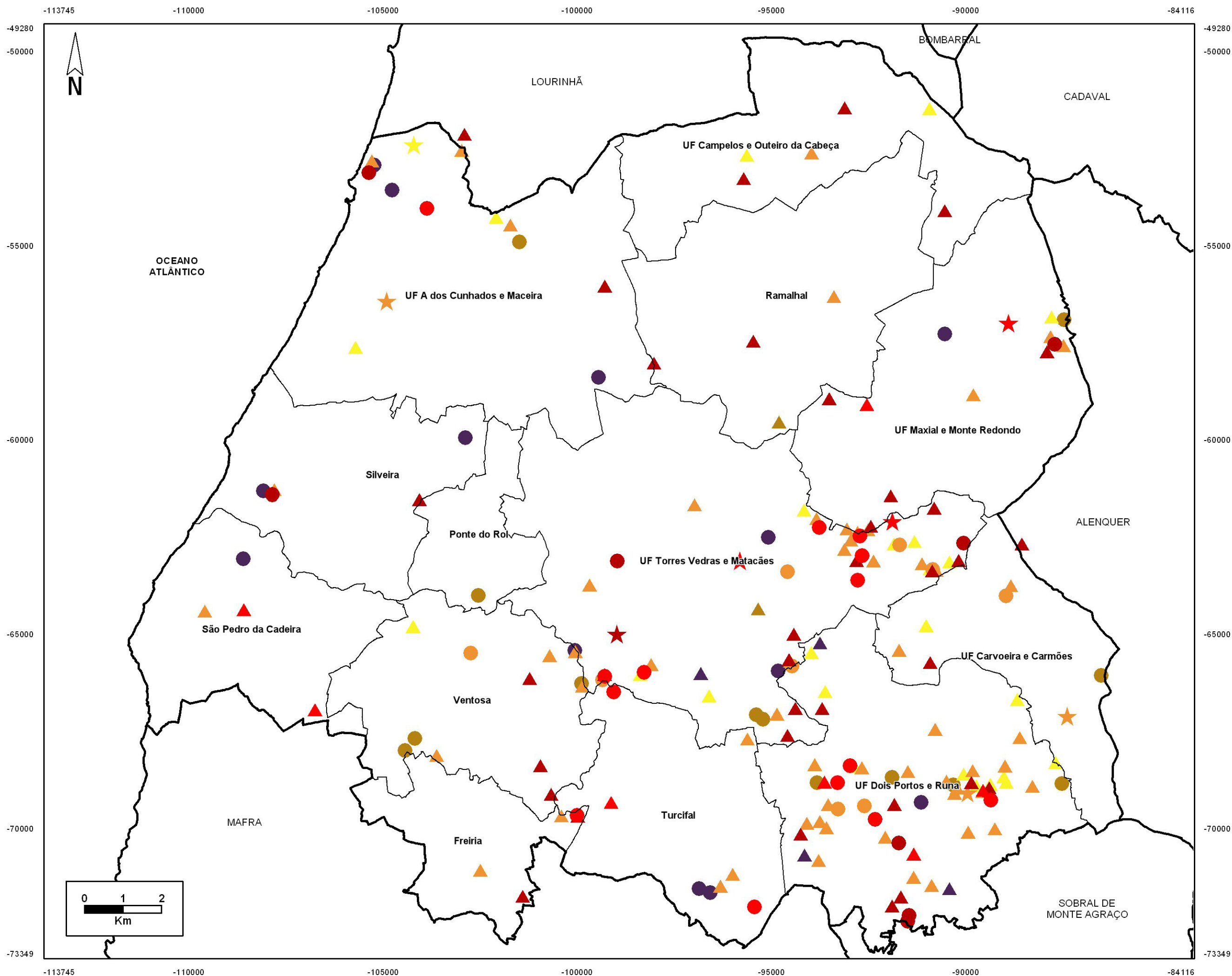
REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014



Torres Vedras
Câmara Municipal

MAPA N.º 16



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: PONTOS PROVÁVEIS DE INÍCIO E CAUSAS DOS INCÊNDIOS 2008 - 2013

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

PONTO DE INÍCIO

ANO

- 2013
- 2012
- 2011
- 2010
- 2009
- 2008

CAUSA

- Uso de Fogo
- Indeterminada
- Não Investigada

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

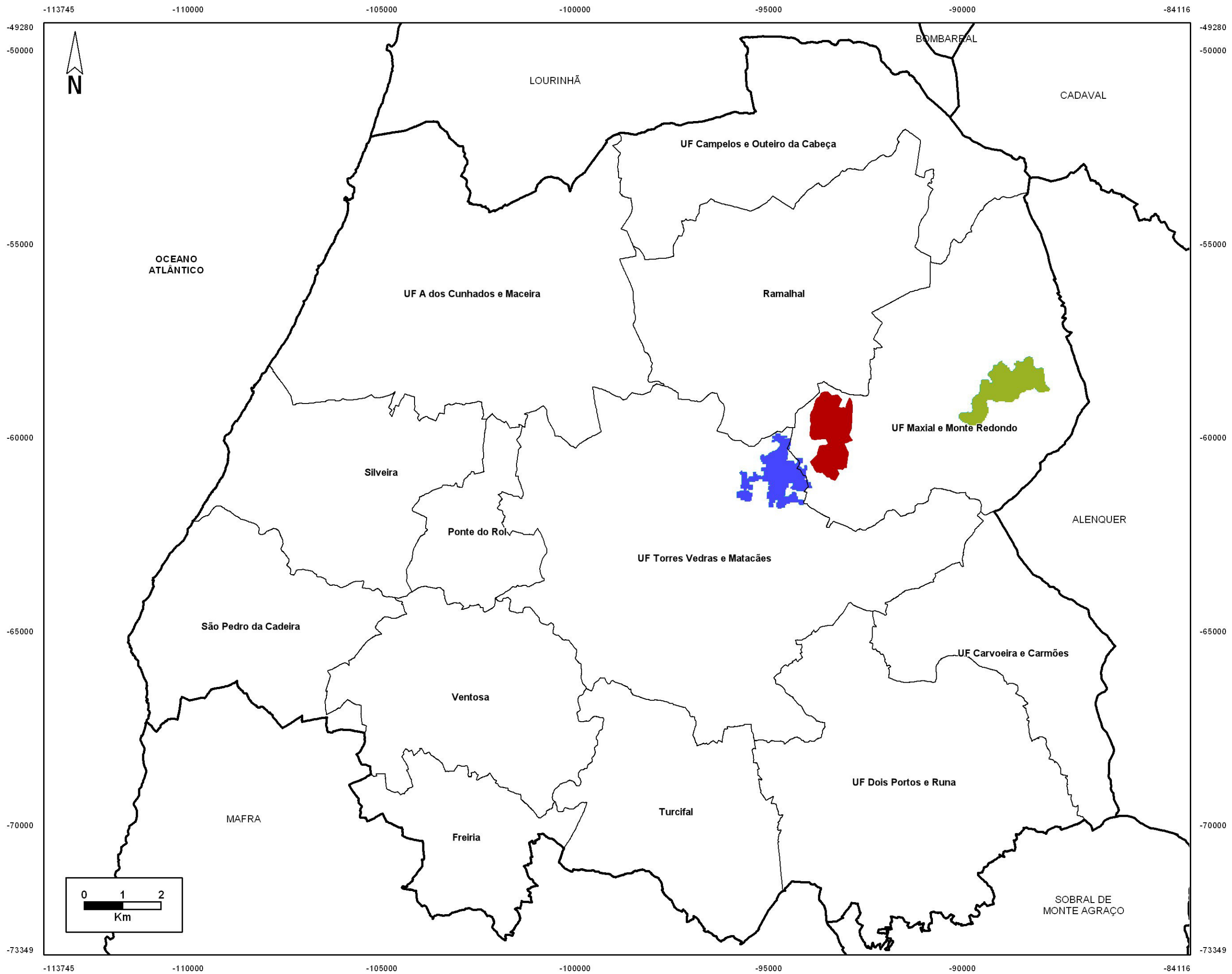
DGT, CAOP 2013, julho-2013.
ICNF, setembro-2014
CMTV, setembro-2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014



MAPA N.º 17



CONCELHO DE TORRES VEDRAS: GRANDES INCÊNDIOS (>100ha) 2001 - 2013

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

- Concelho
- Freguesia

ÁREA ARDIDA (>100ha)

- 2012
- 2003
- 2002

SISTEMA DE COORDENADAS

Hayford-Gauss Datum 73

FONTES DE INFORMAÇÃO

DGT, CAOP 2013, julho-2013.
ICNF, setembro-2014
CMTV, setembro-2014

REALIZAÇÃO

Gabinete Técnico Florestal,
DGAU - AAFEV,
outubro 2014



MAPA N.º 18

Comissão Municipal de Defesa da Floresta

Financiado Pelo Fundo Florestal Permanente



grupo
Portucel Soporcel